



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
TECNOLOGIA, INFRAESTRUTURA E
TERRITÓRIO (ILATIT)**

GEOGRAFIA - BACHARELADO

“OLHA O ALHO!” A CIDADE DE FRONTEIRA NOS PASSOS DO SUJEITO

LUIZ FELIPE RODRIGUES

Foz do Iguaçu
2016

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
TECNOLOGIA, INFRAESTRUTURA E
TERRITÓRIO (ILATIT)**

GEOGRAFIA - BACHARELADO

“OLHA O ALHO!” A CIDADE DE FRONTEIRA NOS PASSOS DO SUJEITO

LUIZ FELIPE RODRIGUES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto França da Silva Junior.

Foz do Iguaçu
2016

LUIZ FELIPE RODRIGUES

“OLHA O ALHO!” A CIDADE DE FRONTEIRA NOS PASSOS DO SUJEITO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Roberto França da Silva Junior
UNILA

Prof. Dr. André Luís André
UNILA

Prof. Ma. Renata Silva Machado
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Dedico este trabalho a todos que contribuíram e apoiaram a minha trajetória acadêmica, a trajetória desta pesquisa, e em especial, às pessoas que amo e que fazem parte da trajetória da minha vida.

AGRADECIMENTOS

São muitos os que contribuíram para a minha trajetória neste estudo onde busquei conhecer e compreender um pouco da trajetória de outras pessoas. Em contrapartida, essas pessoas também contribuíram não somente para a minha trajetória como estudante e pesquisador, mas também como cidadão e, sobretudo, ser humano. Não poderei nomear todos que estiveram comigo e me apoiaram em certos momentos do meu percurso até aqui, mas podem ter certeza que eu agradeço de coração por tudo. Primeiramente, agradeço a minha família pelo amor, em especial, à minha mãe que nunca deixou de me apoiar em tudo. Minha amiga e irmã de coração Dalila, muito obrigado pelo companheirismo, aprendizados e paciência de sempre. Agradeço minha amiga Regina pelo companheirismo e aprendizados. Aos vendedores de alho que contribuíram com suas experiências de vida para o desenvolvimento deste estudo, e também, para que conheçamos outras realidades. Obrigado às/aos estudantes argentinos, brasileiros, *m'bya guaranis*, e paraguaios, e respectivas escolas, pela troca de saberes nos projetos de extensão que participamos juntos. Ao meu orientador Roberto pelo acompanhamento, pelos ensinamentos, e principalmente pelo apoio na realização deste trabalho. Ao professor André pelo apoio e ensinamentos durante a caminhada que venho percorrendo. À professora Laura pelo aprendizado, apoio e contribuição para o avanço e resultado desse trabalho. À professora Renata pela inspiração e aprendizado em suas aulas. À professora Andreia pelos conhecimentos e experiência no projeto de pesquisa e em suas disciplinas. Agradecimentos especiais também às professoras Angela, Cecília, Sílvia, Susana e Tereza por contribuir com outros olhares durante minha trajetória acadêmica. Agradecimentos ao Tobi e Aneíta pela ajuda nas traduções em inglês e guarani, e também pela amizade incrível. Emendando, não posso deixar de citar meus amigos incríveis Lolo, Sil, Mamá, Ryan, Suellen, pelas risadas, força e companhia. À todas/os professoras/es que tive durante a graduação pelos conhecimentos compartilhados. Às/aos companheiras(os) de curso pela trajetória e aprendizado que construímos juntos. À Fundação PTI, pela bolsa concedida no desenvolvimento do projeto “Habitação, desenvolvimento territorial e tecnologia social na região transnacional: tecnologias não convencionais, saberes populares e melhoria habitacional em Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú e Ciudad del Este” e à PROEX pelas bolsas em projetos de extensão que tiveram papel fundamental para a minha trajetória acadêmica, e também para o resultado dessa pesquisa. À comunidade da UNILA pela experiência magnífica de compartilhar ideias em um ambiente tão rico e diverso. Ao povo do Paraguai, pela humildade, contribuição, acolhimento e aprendizado. À América Latina, por ser viva, diversa e apaixonante, e à meu Deus que eu acredito, pela força, pela energia, pela positividade e pela crença em um mundo melhor e mais justo.



Representação feita por estudantes estampada em um dos corredores do Colégio Centro Regional Doctor José Gaspar Rodríguez de Francia de Ciudad del Este (Paraguai), mostrando uma mulher indígena e seus filhos nas ruas da cidade, cenário comum na fronteira.

MENSAGEM DA REPRESENTAÇÃO:

Guarani paraguaio: Aní ñanderesarái ñande ypykuérarehe.

Português: Não nos esqueçamos de nossos antepassados.

Español: No nos olvidemos de nuestros antepasados.

RODRIGUES, Luiz Felipe. **“Olha o alho!” A cidade de fronteira nos passos do sujeito.** 2016. p.137. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Geografia - Bacharelado – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo discutir o processo histórico de urbanização paraguaia, buscando entender o porquê de seus maiores complexos urbanos estarem localizados nas faixas limítrofes do país com Brasil e Argentina. Para isso, essa pesquisa limita-se a uma análise mais detalhada da rede urbana configurada por Ciudad del Este, segunda maior cidade do Paraguai. Essa rede urbana compõe um aglomerado transfronteiriço com as cidades de Foz do Iguaçu no Brasil e Puerto Iguazú na Argentina, o que lhe dá uma característica singular. Além de investigar aspectos relevantes do processo de (re)produção dessa rede urbana, opta-se discutir mais detalhadamente a sua (re)produção considerando as práticas sociais no espaço, onde os sujeitos criam estratégias de sobrevivência, borrando alguns dos limites imaginários da fronteira, e a utilizando como possibilidade. Nesse cenário, como estudo de caso, utiliza-se a análise dos usos do território e das interações socioespaciais desencadeadas pelas trajetórias dos vendedores ambulantes de alho paraguaios que realizam suas atividades na cidade brasileira de Foz do Iguaçu em condições informais perante o Estado. Disso, se desprende uma série de conflitos, relações e solidariedades socioespaciais, conferindo uma (re)produção social do espaço das cidades. Os sujeitos entendidos como habitantes e como extensão do espaço, nos revelam escalas e dimensões geográficas da (re)produção das cidades a partir de suas trajetórias cotidianas, e por isso, a realização deste estudo entende que para entender a cidade e os fenômenos do espaço geográfico, é fundamental lançarmos o olhar para os sujeitos e seus cotidianos, considerando que a pesquisa deve ser relacional.

Palavras-chave: Urbanização. Paraguai. Fronteira. Reprodução socioespacial. Cotidiano.

RODRIGUES, Luiz Felipe. **“Olha o alho!” La ciudad de frontera en los pasos del sujeto.** 2016. p.137. Trabajo de Conclusión de Curso - Graduación en Geografía - Licenciatura – Universidad Federal de la Integración Latino-Americana, Foz do Iguçu, 2016.

RESUMEN

El presente estudio tiene por objetivo discutir el proceso histórico de urbanización paraguaya, buscando entender el porqué de sus mayores complejos urbanos estén localizados en las fajas limítrofes de la frontera del país con Brasil y Argentina. Para eso, esta pesquisa se limita a un análisis más detallado de la red urbana configurada por Ciudad del Este, segunda mayor ciudad de Paraguay. Esta red urbana compone un aglomerado transfronterizo con las ciudades de Foz do Iguçu en Brasil y Puerto Iguazú en Argentina, aspecto que le da una característica singular. Además de investigar aspectos relevantes del proceso de (re)producción de esta red urbana, se opta discutir más detalladamente su (re)producción considerando las prácticas sociales en el espacio, donde los sujetos crean estrategias de sobrevivencia, borrando algunos de los límites imaginarios de la frontera, y utilizándola como posibilidad. En ese escenario, como estudio de caso, se utiliza el análisis de los usos del territorio y de las interacciones socioespaciales desencadenadas por las trayectorias de los vendedores ambulantes de ajo paraguayos que realizan sus actividades en la ciudad brasileña de Foz do Iguçu en condiciones informales al el Estado. De eso, se desprende una serie de conflictos, relaciones y solidaridades socioespaciales, confiriendo una (re)producción social del espacio de las ciudades. Los sujetos entendidos como habitantes y como extensión del espacio, nos revelan escalas y dimensiones geográficas de la (re)producción de las ciudades a partir de sus trayectorias cotidianas, y por eso, la realización de este estudio entiende que para entender la ciudad y los fenómenos del espacio geográfico, es fundamental lanzarnos la mirada hacia sujetos y sus cotidianos, considerando que la pesquisa debe ser relacional.

Palabras-clave: Urbanización. Paraguay. Frontera. Reproducción socioespacial. Cotidiano.

RODRIGUES, Luiz Felipe. **"Olha o alho!" The city of border on the steps of the subject.** 2016. p. 137. Final Research Paper – Geography Graduated – Bachelor Degree – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.

ABSTRACT

The objective of this study is to discuss the historical process of Paraguayan urbanization, seeking to understand why its largest urban complexes are located in the borders bordering the country with Brazil and Argentina. For that, this research is limited to a more detailed analysis of the urban network configured by Ciudad del Este, Paraguay's second largest city. This urban network comprises a transboundary cluster with the cities of Foz do Iguaçu in Brazil and Puerto Iguazú in Argentina, an aspect that gives it a singular characteristic. In addition to investigating relevant aspects of the (re)production process of this urban network, it is opted to discuss its (re)production in more detail considering social practices in space, where subjects create survival strategies, erasing some of the imaginary limits in the border, and using it as a possibility. In this scenario, as a case study, the analysis of land use and socio-spatial interactions triggered by the trajectories of Paraguayan garlic peddlers operating in the Brazilian city of Foz do Iguaçu in informal conditions to the State. From this, a series of conflicts, relationships and socio-spatial solidarity emerges, conferring a social (re)production of the space of the cities. The subjects understood as inhabitants and as an extension of space, reveal scales and geographic dimensions of (re)production of cities from their daily trajectories, and therefore, the realization of this study understands that to understand the city and phenomena's of geographical space, it is fundamental to look at subjects and their daily lives, considering that research must be relational.

Key words: Urbanization. Paraguay. Border. Socio-spatial reproduction. Daily.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Esquema das cidades-gêmeas fronteiriças no Paraguai.....38
- Figura 2** – Atividade “EU NA FRONTEIRA”, realizada com alunos do ensino médio de um colégio de Ciudad del Este no Paraguai, e dois colégios de Foz do Iguaçu no Brasil48
- Figura 3** – Estrutura do sistema urbano das cidades (brasi)guaias agroexportadoras52
- Figura 4** – Estrutura do sistema urbano das “cidades-rodovia” no Paraguai52
- Figura 5** – Esquema da dinâmica da região “Agro Exportadora”56
- Figura 6** – Atividade “EU NA FRONTEIRA” onde alguns alunos compararam Brasil e Paraguai62
- Figura 7** – Anúncio da corporação Syngenta demarcando o território da “República Unida da Soja”63
- Figura 8** – Retrato de uma brincadeira na internet em referência às abordagens dos vendedores no comércio de Ciudad del Este no Paraguai88
- Figura 9** – Periódico paraguaio ABC COLOR de 18/11/2001 destacando que no Paraguai as economias das regiões de fronteira são mais ricas, centrais e desenvolvidas que as do interior do país133
- Figura 10** – Periódico paraguaio ABC COLOR de 5 de agosto de 2011, destaca a precarização e o alto índice de informalidade no mercado laboral do Paraguai135
- Figura 11** – Periódico de Foz do Iguaçu “NOSSO TEMPO” de 3 a 10 de dezembro de 1980, destacando os conflitos da migração brasileira para o Paraguai136

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização das Regiões Oriental e Chaco no território paraguaio atual	26
Mapa 2 – Sistemas Metropolitanos do Paraguai	40
Mapa 3 – Aglomerado transfronteiriço da ZMCDE	43
Mapa 4 – Região “ <i>Agro Exportadora</i> ”	54
Mapa 5 – Região “ <i>Ganadera del Norte</i> ”	58
Mapa 6 – Origem e destino das migrações dos vendedores entrevistados	97
Mapa 7 – Localização das/os vendedores ambulantes de alho entrevistadas/os e/ou observados durante pesquisa de campo	105
Mapa 8 – Localização dos bairros onde moram as/os ambulantes entrevistadas/os	105

LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Foto 1** – Ambulante vendendo alho entre os veículos na Ponte da Amizade.....79
- Foto 2** – Ambulantes no corredor de pedestres da Ponte da Amizade.....80
- Foto 3** – Vendedora ambulante sentada na entrada paraguaia da Ponte da Amizade80
- Foto 4** – Criança ambulante vendendo alho próximo à aduana paraguaia de Ciudad del Este (a) e idosa ambulante em ponto fixo no bairro Vila Portes em Foz do Iguaçu (b)81
- Foto 5** – Provável família de ambulantes em uma avenida central de Foz do Iguaçu (a) e vendedor ambulante de alho com uma criança próximo à aduana paraguaia de Ciudad del Este (b).....82
- Foto 6** – Vendedora de alho e outros produtos em ponto fixo83
- Foto 7** – Vendedor de alho e amendoim em uma parada de sinaleiro84
- Foto 8** – Vendedora ambulante em uma avenida do centro de Foz do Iguaçu.....86
- Foto 9** – Vendedora ambulante de alho em uma rua do bairro Vila C - Foz do Iguaçu90
- Foto 10** – Vendedoras ambulantes no semáforo de uma avenida no centro de Foz do Iguaçu.....93
- Foto 11** – Vendedor ambulante em baixo da árvore que plantou há 12 anos95
- Foto 12** – Térmica para o preparo do tereré em um ponto de vendedores ambulantes95
- Foto 13** – Vendedora ambulante em uma avenida na área central de Foz do Iguaçu99
- Foto 14** – Caixas de alho importados da China em um estabelecimento distribuidor em

Ciudad del Este (a) e caixa vazia do mesmo produto jogada em canteiro de uma avenida de Foz do Iguaçu (b)	100
Foto 15 – Vendedor ambulante em semáforo na área central de Foz do Iguaçu	101
Foto 16 – Criança ambulante com saquinhos de alho no corredor de pedestres da Ponte da Amizade	104
Foto 17 – Casal de ambulantes paraguaios vendendo alho em um bairro de Foz do Iguaçu.....	104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Porcentagem da população total por (sub)regiões nacionais da rede urbana transfronteiriça.....	46
Gráfico 2 – Tempo de trabalho como vendedores ambulantes.....	77
Gráfico 3 – Tempo de trabalho como vendedores ambulantes x idade	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tamanhos de cidades paraguaias por população (2002).....	42
Tabela 2 – População estimada da Zona Metropolitana de CDE por município (2016)	44
Tabela 3 – População estimada dos municípios da Microrregião de Foz do Iguaçu (PR) por município (2016)	45
Tabela 4 – População estimada total da área de influência dos municípios de Ciudad del Este, Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú (2016).....	46
Tabela 5 – Perguntas realizadas nas entrevistas com as/os ambulantes	75
Tabela 6 – Idade e sexo das/os ambulantes entrevistadas/os	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CADEP	<i>Centro de Análisis y Difusión de la Economía Paraguaya</i>
DGEEC	<i>Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos (Paraguay)</i>
EPAGRI	Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILATIT	Instituto Latino-Americano de Tecnología, Infraestructura e Território
INDEC	<i>Instituto Nacional de Estadística y Censos (Argentina)</i>
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPEC	<i>Instituto Provincial de Estadística y Censos (Provincia de Misiones – Argentina)</i>
IIRSA	<i>Iniciativa para la Integración de la Infraestructura Regional Suramericana</i>
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
ZMCDE	Zona Metropolitana de Ciudad del Este

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1. TRANSCURSO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DO TERRITÓRIO PARAGUAIO.....	25
1.1 O urbano no processo histórico-territorial paraguaio	32
CAPÍTULO 2. SISTEMA URBANO NO PARAGUAI ATUAL.....	37
2.1 Rede Urbana de Ciudad del Este: uma aglomeração transfronteiriça	42
2.2 Dinâmicas territoriais do agronegócio: a região Agro Exportadora e a região do Gado.....	52
2.3 Urbanização, agronegócio e a brasileirização do território paraguaio	60
CAPÍTULO 3. AS ESCALAS DO CAPITAL E AS MOBILIDADES DE TRABALHO NA FRONTEIRA TRINACIONAL.....	68
3.1 A trajetória-ação dos vendedores ambulantes de alho paraguaios	74
3.2 As formigas da cadeia produtiva do alho.....	100
3.3 Fronteira formal e fronteira informal	103
CAPÍTULO 4. NA ESCALA DO CORPO: COMO OS VENDEDORES AMBULANTES DE ALHO NOS REVELAM EM SEUS PERCURSOS A PRODUÇÃO DA REDE URBANA?.....	106
4.1 Vila Portes e Vila Paraguaia: extensões socioespaciais da rede urbana de Ciudad del Este?	113
4.2 Entre Brasil e Paraguai: movimentos contraditórios.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
FONTES ORAIS: VENDEDORAS/ES AMBULANTES ENTREVISTADAS/OS	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	124

ANEXOS.....	133
--------------------	------------

INTRODUÇÃO

Como territórios de ninguém, os espaços transfronteiriços movem-se ao (di) sabor de quem transita, sob uma dialética de ambiguidades – de fim e de início, de legal e de ilegal –, que se manifesta em um mesmo espaço transitório, em que existe e inexistente o pertencimento.

(MOURA e CARDOSO, 2016, p. 219).

O interesse para realizar a presente pesquisa surge da instigação em entender o porquê dos principais centros urbanos do Paraguai conformados pela capital Asunción e pelas cidades de Encarnación e Ciudad del Este, estarem localizados em áreas fronteiriças com a Argentina e com o Brasil. Nessa perspectiva, brota outra curiosidade que é a de compreender a (re)produção social desta configuração territorial, e de como essa se expressa nos seus habitantes. Para isso, este estudo busca reflexões abstendo-se à análise da rede urbana configurada por Ciudad del Este, e de como essa se expressa nas trajetórias dos vendedores ambulantes de alho paraguaios que vendem suas mercadorias na cidade de Foz do Iguaçu no Brasil.

Disso, desprende-se o objetivo de entender a (re)produção da rede urbana de Ciudad del Este no Paraguai a partir do sujeito, utilizando-se como suporte fundamental o estudo de caso as trajetórias dos vendedores ambulantes de alho paraguaios, apreendidas por meio de suas narrativas e de observações a campo. Contudo, é necessário considerar que o espaço geográfico é um produto histórico, político e social, e que os fenômenos socioespaciais e a (re)produção da cidade são processos que se dão a partir da interrelação de variadas dimensões, sejam elas políticas, econômicas, ou culturais, e também, entre distintas escalas – desde as conformadas entre o local, o regional, o nacional e o global, bem como, as escalas do corpo, da casa, da rua, da comunidade, da territorialidade (SMITH, 2000). Para Maria Encarnação Beltrão Sposito (2014, p.130) toda a compreensão das dinâmicas, processos, e movimentos que se dão no espaço geográfico, exige a articulação entre escalas.

A cidade deve ser entendida como um processo, um movimento (AGIER, 2011), e no seio desse transcurso, emergem conflitos, divisões e fragmentações. Esse processo advém do cruzamento, do conflito e da cooperação entre elementos, sistemas e situações diversas, sejam de cunho econômico, político, social ou cultural. Partindo desse pressuposto, é preciso considerar o período histórico atual sob a égide do processo de globalização, sendo este fragmentado e perverso, e do sistema capitalista que se reproduz por meio da evolução técnica, e da circulação de bens, pessoas, e informação, e que se impõe a partir da

consolidação de um mercado global (SANTOS 2000; CASTILLO, 2008; CASTILLO e FREDERICO, 2010; SILVEIRA, 2011; CORRÊA, 2014).

Ao analisarmos uma rede urbana específica, é fundamental termos em conta suas singularidades e o contexto em que está inserida, entendendo que este é emerso em uma hierarquia de escalas e dimensões geográficas, e advém de um processo histórico. Nisso, é importante salientar que “o passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade (ABREU, 2014, p.21)”. Aqui, é importante salientar qual é a compreensão de rede urbana que adotamos na presente pesquisa. Considera-se como rede urbana uma forma socioespacial, historicamente determinada, estruturada por um sistema de cidades interrelacionadas hierarquicamente e interligadas por sistemas técnicos e fluxos de bens, pessoas, capitais e informações onde se entrecruzam ordens de diversas escalas geográficas, constituindo interações de complementaridade e interdependência tangenciadas por dimensões econômicas, políticas, sociais e culturais (SANTOS, 1977; CORRÊA, 1989; CORRÊA, 2000; IBGE, 2008).

Ciudad del Este, capital do departamento de Alto Paraná no Paraguai, é uma cidade de fronteira, localizada no limite com o Brasil e desempenha um relevante papel econômico e político para a região, e também, para o país. Essa cidade compõe uma rede urbana que é conformada por outros municípios paraguaios aos seus arredores, e também, pelos municípios de Foz do Iguaçu no Brasil e Puerto Iguazú na Argentina. Esses dois últimos também polarizam outras cidades que dependem de alguns de seus serviços ofertados. Esse conjunto de cidades constitui uma rede urbana no espaço de fronteira trinacional, e sua singularidade advém de seu caráter transfronteiriço (CARNEIRO, 2016).

Para Fernando Rabossi (2004, p.10-11), nessa rede urbana transfronteiriça que está entre o cruzamento de circuitos comerciais, a dinâmica social não segue as divisões marcadas pelo limite internacional, e nesse sentido, as interações entre as cidades de diferentes países que a compõem, fazem com que se produza um espaço urbano contínuo, ainda que, alguns limites mantenham-se claramente, reproduzindo diferenças. Conforme Carneiro (2016, p.146), a estrutura socioeconômica dessas cidades está pautada na complementaridade e interdependência, conformando um espaço dinamizado por uma multiplicidade de interações. Com base em Oliveira (2010), Rosa Moura e Nelson Ari Cardoso (2016, p.205), colocam que as aglomerações transfronteiriças configuradas por municípios limieiros na faixa de fronteira, “também chamadas de cidades gêmeas, cidades-pares, cidade binacional, entre outras”, constituem ocupações contínuas, onde traçados urbanos das diferentes cidades, a história e a vida das pessoas se entrelaçam.

Essa rede urbana fronteiriça, ou, transfronteiriça, influenciada pela confluência de diferentes políticas, pelo agronegócio, pelo tráfico, pelo comércio e pelo turismo, sofre impacto direto de ordens geopolíticas advindas de diferentes projetos nacionais, bem como, de fluxos de bens, pessoas, e informação que se dão em escala transnacional. Essas diferenças se expressam nas distintas regulações político-jurídicas e econômicas, nos câmbios monetários das distintas moedas, nas distintas desigualdades sociais e esferas públicas, e também nas distintas peculiaridades sociais, culturais e territoriais. Tais distinções produzem complementaridades e conflitos, e estes, (re)produzem o espaço. Entre essas complementaridades, conflitos, e singularidades transfronteiriças, surgem solidariedades socioespaciais. Essas solidariedades espaciais são conformadas pela solidariedade e/ou conexões entre distintos grupos e/ou agentes sociais, em busca de um objetivo comum, que se utilizam de distintas espacialidades e suas dimensões para concretizarem suas práticas e estratégias. No contexto da rede urbana tratada aqui, a singularidade da fronteira é que conforma, sobretudo, a possibilidade de solidariedades socioespaciais.

No espaço de fronteira, essas solidariedades socioespaciais são socialmente produzidas em práticas e fluxos que articulam fronteiras entre o legal e ilegal, lícito e ilícito, formal e informal (TELLES, 2010). Essas práticas socioespaciais são decorrentes tanto de estratégias de expansão de capital de empresas e outros agentes do capital, bem como, de estratégias de sobrevivência das populações mais pobres e marginalizadas, que são muitas vezes utilizadas para os interesses dos agentes anteriormente citados. Nesse sentido, e no contexto tratado, as solidariedades socioespaciais produzem e são produzidas por conflitos entre distintos agentes e dimensões geográficas.

Nas cidades que compõem esta rede urbana transfronteiriça, o mercado da informalidade¹ encontra terreno fértil para sua reprodução. Vendedores ambulantes, *paseros*², entre outros agentes, ocupam, migram e transitam entre essas cidades, desenvolvendo atividades dos mais variados tipos, muitas vezes em condições precárias. Rabossi (2004, p.57), por exemplo, em seu estudo sobre o mercado de rua e suas relações em Ciudad del Este no Paraguai, adverte que são centenas os vendedores ambulantes andando pelas ruas “carregando suas mercadorias sobre seus corpos, caixas, bolsos ou canastras”. O autor salienta a dificuldade em mensurar a quantidade desses vendedores, uma vez que suas atividades são de carácter móvel e irregular. Assim, os vendedores ambulantes sendo agentes que se utilizam

¹ Consideram-se aqui as atividades dos ambulantes como trabalho informal, devido à condição de informalidade perante o Estado.

² Trabalhadores que atuam na passagem de mercadorias na fronteira de forma clandestina (VILADESAU, 2011).

da fronteira para a realização de suas atividades, articulando e conformando solidariedades espaciais, esta pesquisa se propõe a entender a rede urbana de Ciudad del Este, sendo essa transfronteiriça, a partir das trajetórias desses agentes.

A trajetória é entendida aqui como um conjunto que inclui percursos, práticas e todo o mosaico de sentidos e experiências do sujeito, portanto, a trajetória é ação e reação, que abarca uma biografia, uma historicidade, uma territorialidade. Aqui, nos cabe o entendimento de que “*las biografías constituyen peculiares articulaciones espaciotemporales de las vivencias y los acontecimientos cotidianos (de las prácticas y su sentido) de cada sujeto a lo largo de su vida siempre contextualizada históricamente* (LINDÓN, 2012, p.705)”. A territorialidade, também aparece como um conceito importante, uma vez que, constitui um conjunto de relações políticas, econômicas e culturais que se desenvolvem em um sistema indissociável sociedade-espaco-tempo, e que são inscritas a partir dos usos da terra pelos sujeitos, que organizam o espaço e dão significados ao lugar através de seus usos (HAESBAERT, 2007, p.22; RAFFESTIN, 1993, p.160). Nesse sentido, a noção de uso do território também nos é pertinente, considerando que o estudo do povoamento associado à ocupação econômica e aos sistemas de movimento dos homens, capitais, produtos, mercadorias, serviços, mensagens e ordens é fundamental para abordarmos questões do mundo contemporâneo (SANTOS e SILVEIRA, 2006, p.21).

Para Alicia Lindón (2007, p.74), devemos considerar que os movimentos de grupos populacionais no espaço movimentam consigo capitais, símbolos, e informação. Ao analisar as significações desses elementos e os sentidos das direções tomadas pelas trajetórias desses vendedores para desenvolverem suas atividades, é necessário explorar quais são as implicações sociais, políticas, culturais e econômicas que se desencadeiam desse fenômeno, subentendendo-se que, as práticas espaciais cotidianas desses agentes e seus conflitos conferem uma (re)produção social do espaço (CARLOS, 2014; CORRÊA, 2014), e nesta pesquisa, a (re)produção da cidade fronteiriça de Ciudad del Este e sua rede urbana. Alicia Lindón (2006) nos atenta à abordagem de geografias da vida cotidiana, que buscam compreender a relação espaço/sociedade a partir das situações de interação entre as pessoas, que estão situadas espaço-temporalmente em um contexto intersubjetivo, que dá sentido ao espaço e ao outro em um processo constante de interpretação, ressignificação e construção dos espaços de vida (LINDÓN, 2006, p.357). Com isso, entende-se que o cotidiano é protagonizado pelos sujeitos que habitam os lugares, configurando o social, adquirindo diversas formas de acordo com as práticas espaciais que cada sujeito realiza em diversas situações (LINDÓN, 2012, p.704).

Ao concebermos os sujeitos espacialmente, apreendemos que suas ações produzem e modelam os lugares, ao mesmo tempo em que deixam a marca dos lugares nos sujeitos que os habitam (LINDÓN, 2009, p.10). O conceito de sujeito que utilizamos neste estudo, caracteriza um ser que experimenta o mundo, e que tem uma relação subjetiva e transformadora com seus espaços de vida (LINDÓN, 2009, p.7). Reportando-se à Benno Werlen (1992), Lindón (2012, p.705) contextualiza o sujeito como um sujeito corporizado, e é por meio da corporeidade que o sujeito se insere em um contexto sociocultural específico, em um mundo intersubjetivo e em um mundo material peculiar, e nisso, sua relação com o externo tem um importante papel de mediação em suas ações como sujeito social. Partindo desses pressupostos, compreende-se aqui que os sujeitos são extensão do espaço, e configuram-se como territórios (CARLOS, 2014; LINDÓN, 2009; MONDARDO, 2009; LEFEBVRE, 2006).

Isso nos implica a refletir que a relação que o sujeito tem com o espaço e como membro de um grupo ou sociedade, implica sua relação com seu próprio corpo, pois a prática e a representação do espaço se dão pelo percebido, concebido e vivido, que se concretizam por meio do corpo vivo no espaço (LEFEBVRE, 2006, p.67-68). Nesse sentido, os sujeitos que vivem o espaço corporalmente e emocionalmente, sendo extensão do mesmo, nos possibilita por meio da apreensão de suas trajetórias e ações, lançar outros olhares ao entendimento da (re)produção e configuração da cidade, articulada à outras dimensões e escalas geográficas. As histórias, memórias, narrativas e experiências dos sujeitos possuem um conteúdo espacial, e este, pode nos oferecer pistas para entendermos o espaço geográfico e seus processos e fenômenos ao longo da história. Nesse sentido, tem-se como perspectiva a posição de Ana Clara Torres Ribeiro (2009, p.148), que salienta a importância do “estudo dos vínculos entre sujeito social, conjuntura e lugar”.

Partindo desses pressupostos, esta pesquisa está organizada em cinco capítulos:

- No primeiro, discorre-se brevemente acerca da produção histórica do território paraguaio, considerando os principais acontecimentos sociais, econômicos e geopolíticos com efeitos territoriais nos períodos colonial, pós-colonial, e pós-guerra Tríplice Aliança.
- No segundo capítulo, tem-se uma breve contextualização da formação urbana no Paraguai atual, considerando seus principais centros urbanos. Em seguida, apresentam-se algumas considerações e dados acerca da rede urbana de Ciudad del Este, para então, tratar de uma breve discussão acerca dos efeitos do agronegócio nas cidades paraguaias, uma vez que a expansão de tal atividade emana implicações e particularidades aos centros urbanos do país. Nisso,

também se discute acerca de uma possível brasileirização do território paraguaio, impulsionado pela migração de brasileiros para o país em busca de terras mais baratas para atividades do agronegócio.

- No terceiro capítulo, inicialmente busca-se uma reflexão acerca das mobilidades populacionais de trabalho na fronteira considerando o contexto dos circuitos e fluxos transfronteiriços de bens, pessoas e informação capitalismo contemporâneo. Logo, nos adentramos nas trajetórias e práticas dos vendedores ambulantes de alho paraguaios a partir de suas narrativas e observações coletadas em trabalho de campo, que nos revelam questões acerca de seus trabalhos no contexto de informalidade perante o Estado, de suas relações e trajetórias familiares, de suas identidades, e de suas experiências urbanas que envolvem práticas, sociabilidades e conflitos. Nesse mesmo capítulo, discuto brevemente o papel dos ambulantes na cadeia produtiva do alho e na expansão do capital, considerando que esse processo se dá a partir da articulação de fronteiras entre o legal e ilegal, lícito e ilícito, formal e informal (TELLES, 2010).
- Partindo da noção de (re)produção social do espaço (CARLOS, 2014; CORRÊA, 2014), no quarto e último capítulo, busca-se a compreensão de como as trajetórias dos vendedores ambulantes de alho nos revelam a (re)produção da rede urbana de Ciudad del Este, partindo do entendimento de que os sujeitos habitam o espaço corporalmente e emocionalmente e que os corpos são extensão do espaço. Com isso, considera-se também que as narrativas dos sujeitos são a própria feitura dos espaços (ROSA, 2014). Para finalizar, discute-se brevemente acerca de dois bairros da cidade de Foz do Iguaçu que possuem forte presença e influência paraguaia, e também acerca dos movimentos populacionais entre os dois países.

Capítulo 1. TRANSCURSO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DO TERRITÓRIO PARAGUAIO

A história é ferramenta fundamental para entendermos usos, processos e configurações do território. Espaço e tempo estão em permanente relação, uma vez que a materialização híbrida aos seus usos dada no território é produto de acumulações históricas sociais e materiais que se dão na escala do tempo. Nesse sentido, o espaço entendido como geográfico é indissociável do tempo, e assim, o território herdado de diferentes períodos constituem peças fundamentais para entender o quebra-cabeça territorial configurado na atualidade.

Com base em Lefebvre (1975), Abreu (2014, p.37) nos coloca que “o passado histórico é redefinido cada vez que se concretiza no presente uma possibilidade cuja realização ele permitiu”. Para Santos e Silveira (1996, p.5), “hoje, mais do que nunca, uma periodização impõe-se como um partido metodológico necessário à construção de um enredo que considere a história uma e contraditória”. Partindo dessas concepções, faremos um breve recorrido histórico da configuração territorial do Paraguai, referenciado principalmente em Vázquez (2006) que utiliza o termo ‘território herdado’ para analisar os processos e efeitos históricos no sistema territorial do Paraguai, contando também com apontamentos de outros autores.

As características geofísicas de um determinado espaço são elementos determinantes e estratégicos na organização dos territórios e dos seus usos pelos humanos. No Paraguai, essas condições foram fundamentais para a apropriação territorial desde as primeiras ocupações humanas.

Período colonial e pós-colonial anteguerra Tríplice Aliança (1537-1863)

O Rio Paraguai constitui-se como delimitador entre a atual Região Oriental e Chaco (mapa 1). Segundo Vázquez (2006, p.19-20), desde os primeiros grupos humanos que viviam na região, este rio serviu como delimitador de diferenças físicas e culturais dos grupos existentes nessas duas regiões. De acordo com o autor, a região Oriental era habitada pelos guaranis, que além de viverem da coleta e da caça de alimentos, também já praticavam a agricultura. Já na região do Chaco, viviam populações indígenas não guaranis, como os *Guaycurú* e os *Payaguá*.

Conforme Vázquez (2006, p.20-21), ao chegarem os espanhóis, iniciou-se um ciclo expansivo de colonização (1537-1811). Dominando os guaranis, os colonizadores utilizaram a mão de obra dos nativos para a conquista de territórios, constituindo os primeiros povoados coloniais, sendo a capital Asunción a primeira fundação. Os nativos habitantes da Região do Chaco foram resistentes às primeiras forças colonizadoras, e também, como os espanhóis não conheciam a área, a colonização no Chaco não vingou, o que constituiu um primeiro contrapoder à implantação de povoados na região (VÁZQUEZ, 2006, p.28). De acordo com Drachenberg:

Hubo varios grupos indígenas marcadamente hostiles: los Mbaya [...] Los Guaycurú [...] significaban otro foco constante de peligro cuya agresividad se había agravado notablemente desde el momento en que se hicieron jinetes. Y los Payaguá, con sus ágiles canoas dominaban desde el Chaco el río Paraguay e interferían la navegación [...] Estas y otras tribus actuaron aliadas en diversas ocasiones (DRACHENBERG, 2011, p.577).

Vázquez (2006, p.28), assinala que os nativos guaranis anteriormente à colonização, já tinham conflitos com os nativos do Chaco, e neste sentido, buscaram na aliança com os colonizadores espanhóis uma forma de potencializar sua defesa ante aos ataques das populações “chaqueñas³”.

Mapa 1 – Localização das Regiões Oriental e Chaco no território paraguaio atual



Fonte: Vázquez (2006), elaboração nossa, 2016.

³ Gentílico dos nativos da Região do Chaco.

De acordo com Vázquez (2006, p.21), os missioneiros franciscanos e os jesuítas também foram agentes na colonização do território paraguaio com a fundação de reduções⁴, também popularmente conhecidas como “missões jesuíticas”. Os primeiros instalaram-se ao redor da expansiva espanhola, e os segundos distanciados ao Sul da capital Asunción, o que lhes permitiu uma maior independência “política” dos colonizadores espanhóis. Submetendo as populações nativas ao sistema cultural colonizador, estes agentes religiosos protagonizaram também a fundação de povoados. De acordo com Melià e Nagel:

[...] dichas Misiones se regían plenamente según las leyes de Indias, cuya aplicación era incluso más fiel y exacta que en cualquier otra parte de América. [...] las Reducciones representaban un contingente humano y económico tan considerable que el mismo gobierno civil no podía dejar de tenerlas muy en cuenta, ya que en cierta manera también dependía de ellas (MELIÀ e NAGEL, 1995, p.211;214).

Mais tarde, em 1776, o poder espanhol centralizado em Asunción, expulsou os jesuítas, considerados uma ameaça ao poder central, que posteriormente se apropriou das atividades produtivas iniciadas pelas instalações jesuíticas (VÁZQUEZ, 2006, p.21). Em termos geopolíticos, tanto as ocupações jesuíticas quanto as franciscanas, contribuíram como forças de controle territorial para a configuração do território paraguaio. Para Telesca (2013, p.113), “[...] lo que decidió que los jesuitas se dirigieran al sur junto con el cacique Arapysandú fue la clara política de fortalecimiento de la frontera [...]”. Assim:

El carácter fronterizo de las Reducciones no era sólo un hecho geográfico, sino sobre todo político, económico y cultural. [...] Estaba la frontera con los dominios de la corona portuguesa, fuente de continuas rivalidades y aun de prolongadas guerras. Los indios de las Misiones tuvieron que defender repetidamente los intereses de la corona española contra las aspiraciones expansivas de los portugueses del Brasil sobre todo en la llamada Banda Oriental del Uruguay. Otra frontera era la mantenida con los territorios indígenas todavía no conquistados por los españoles [...] (MELIÀ; NAGEL, 1995, p. 218-219).

Em 1811, segundo Vázquez (2006, p.21-22), devido ao crescente poder de Buenos Aires (Argentina) sobre os territórios da Bacia do Prata, o Paraguai declara-se independente, conformando o início de seu Estado-Nação e estabelecendo seus limites geográficos com

⁴ As “reduções” eram núcleos urbanos onde se reduziam os indígenas de parcialidades afins que viviam dispersos em áreas rurais. [...] Sua finalidade essencial estava em assegurar a concentração de maneira a possibilitar uma aprendizagem eficaz da doutrina e um rigoroso controle tributário. Novamente aqui convergiam as razões de índole religiosa com as de caráter político econômico para definir um novo sistema de organização (GUTIERREZ, 1987, p. 9-10).

países vizinhos. Conforme o autor, este período o sistema econômico se caracterizava pelos fluxos de entrada e saída por navegação fluvial pelo Rio Paraguai, tendo o Porto de Buenos Aires na época como agente controlador, impondo rigorosidades aos fluxos econômicos paraguaios.

Nestes moldes, Vázquez (2006, p.22) coloca que o governo liderado por José Gaspar Rodríguez de Francia (nascido em 1776 em Asunción), tendo duração de 1814-1840, implantou uma política pautada no isolamento do Paraguai, reduzindo ao mínimo seus fluxos econômicos, sociais e demográficos com o exterior, estabelecendo também instâncias do Estado em diferentes partes do território buscando uma descentralização e ocupação ativa deste como estratégia de um autodesenvolvimento, apoderando o Estado de todas as terras do país, antes propriedades privadas, sendo maioria estrangeiras.

Já no período da República, o governo de Carlos Antonio López (1844-1862), segundo Vázquez (2006, p.22), se diferenciou pela implantação de uma política de internacionalização do país, com o incentivo à imigração e inversão estrangeira como estratégia de desenvolvimento econômico mediante o aproveitamento dos recursos disponíveis e ocupação do território. Neste período, tentou-se instalar povoados de imigrantes franceses na Região do Chaco, mas a tentativa fracassou pela falta de adaptação dos migrantes ao ecossistema local. Segundo Drachenberg (2011, p. 579): “Las razones aducidas por los franceses eran que no habían llegado al Paraguay para vivir en el Chaco, que la tierra era mala para cultivar, que la comida era escasa y de calidad inferior”.

Período pós-guerra da Tríplice Aliança

A Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) causou profundos efeitos territoriais no país, com a devastação de seu território e de sua população, o que modificou radicalmente sua distribuição espacial (VÁZQUEZ, 2006, p.22). Segundo Ratinoff:

[...] concluida la guerra contra la Triple Alianza que diezmó la población presumiblemente a un 30 por ciento de su tamaño anterior, el período siguiente traduce en todos los aspectos un lento proceso de reconstitución humana e institucional, y de reocupación de los territorios abandonados (RATINOFF, 2011, p.912).

Muitos povoados e cidades do interior do país foram desabitados ou destruídos, restando uma rede de povoados com escassos habitantes, que não possuíam maiores vínculos

entre si, produzindo também, um efeito de concentração de pessoas, bens, serviços e infraestruturas na capital Asunción, que se conformou pós-guerra como uma entidade territorial independente (VÁZQUEZ, 2006, p.38). Conforme Ratinoff (2011, p. 913), “[...] *los mayores excedentes humanos tienden a localizarse de preferencia en la capital y sus ciudades inmediatas dependientes*”. O efeito de concentração dado por este evento histórico se dá até os dias atuais, onde a conformação urbana no território paraguaio mostra-se concentrada e fragmentada.

A perda de terras e o aniquilamento da economia pela guerra também representaram graves consequências ao país, que praticamente ficou falido, e assim, o processo de desenvolvimento, modernização e ocupação do Estado foi bruscamente interrompido (VÁZQUEZ, 2006, p.23). Segundo Krauer (2011, p.753), “*la falta de fuerza de trabajo era en sí misma una característica esencial de la primera década postguerra*”. Sem recursos econômicos para reconstruir o país, a partir de 1883, o Estado Paraguai decide vender terras públicas como estratégia de arrecadamento financeiro, tornando-as privadas, e o território praticamente “leiloado” foi aproveitado por várias empresas anglo-argentinas, brasileiras, francesas, (VÁZQUEZ, 2006, p.23), e ainda no caso da região do Chaco, empresas norte-americanas (VÁZQUEZ, 2006, p.25). Para Krauer (2011, p. 782), o Estado paraguaio adotou uma “[...] *política de reconstrucción que propulsaba un modelo de crecimiento y modernización basado en el ingreso de capitales extranjeros, inmigrantes y expansión del comercio exterior*”.

Entre 1881 e 1885, conforme Vázquez (2006, p.26) foram criadas leis de incentivo à imigração internacional, justificadas pela necessidade de ocupar os territórios despovoados e impulsionar a economia, que acabou privilegiando, sobretudo, agricultores europeus, numa política que colocava a crença de que estes seriam capazes de modernizar a atividade agropecuária e gerar desenvolvimento para o país devastado pela guerra. De acordo com essas políticas, os imigrantes deveriam se estabelecer em colônias agrícolas em áreas determinadas pelo Estado (VÁZQUEZ, 2006, p.31).

Neste processo, iniciou-se a formação de colônias estrangeiras, que se estabeleceram nas cercanias das principais vias de comunicações terrestres ou fluviais existentes naquela época (VÁZQUEZ, 2006, p.23). Conforme Drachenberg:

El medio señalado para subsanar esta realidad socioeconómica y demográfica fue la inmigración. El pensamiento de la época era que por este medio, además de lograr los objetivos mencionados, se cambiaría la misma idiosincrasia del pueblo. Se esperaba que la inmigración solucionara o al menos paliara, la mayoría de los males del país. Con notable frecuencia los periódicos de la época así lo

manifestaban, “la inmigración lo es todo” rezaba un editorial, al tiempo que el pensamiento oficial se hallaba inscripto en una línea similar (DRACHENBERG, 2011, p.580).

A autora também coloca que essa política de imigração correspondia a uma posição ideológica correspondente aos conceitos filosóficos que a questão racial havia suscitado na Europa. A partir dessas ideias, se colocava que mesclar a “raça” europeia com a americana seria benéfico, pois, segundo Mörner (1969) e Brehier (1962), *“algunos intelectuales racistas ponían su esperanza en los efectos benéficos de la inmigración europea. A cauda de su superioridad biológica, la raza blanca se impondría a las otras (apud DRACHENBERG, 2011, p.580)”*.

Nisso, de acordo com Vázquez (2006, p.23), o Estado privatizou grande parte do território nacional e praticamente cedeu seus usos e administração aos investidores estrangeiros, que as adquiriram em grande parte com fins especulativos, já que o preço de compra dessas terras se dava em um preço muito menor comparado aos países vizinhos. Conforme o autor, este meio especulativo favoreceu a formação de grandes latifúndios no território paraguaio, que se converteram logo em fontes para a extração de erva-mate, madeira e palmito que eram levados até os portos argentinos pelos rios, especialmente o Paraná. Segundo Krauer:

[...] la consolidación de una división social del trabajo que sustentase a los sectores urbanos privilegiados carecía de un elemento fundamental: una clase productora agrícola. Y la inmigración constituía, en las condiciones y en el pensamiento social dominante de los grupos dirigentes la única alternativa (KRAUER, 2011, p.753).

Esse processo impulsionou também, fluxos migratórios de populações rurais do país:

La presión de la gran propiedad en ciertas zonas, ha sido lo suficientemente fuerte sobre el importante sector del pequeño campesino minifundista, tanto como para que contingentes significativos del mismo emprendieran el sendero de la migración, o, en su defecto, para que se convirtieran en asalariados de las explotaciones yerbateras o madereras del Alto Paraná, o de las zonas fronterizas argentinas (GALEANO, 2011, p.644).

Segundo Vázquez (2006, p.23), este processo nunca gerou desenvolvimento local ou contribuiu para a construção de infraestruturas e para o estabelecimento permanente de povoados, e também, não integrou o espaço periférico (de onde realizavam as atividades extrativistas) ao espaço nacional, porém, o vinculou ao mercado internacional a partir de sua

exploração. Para Ratinoff (2011, p.912), “[...] *la característica de esta larga época de la historia paraguaya es su apertura hacia el exterior*”.

Para Drachenberg (2011, p.574-575), a falta de obras públicas, as más condições das escolas e a inexistente vida cultural fora da capital Asunción, aliados à deficiente legislação agrária e à própria localização geográfica do país, foram elementos que fizeram que as políticas de imigração no Paraguai não tivessem o resultado esperado.

A partir de 1945, novos departamentos administrativos são criados, utilizando palavras do idioma guarani para denominar essas novas localidades oficializadas, como uma forma de marcar uma identidade cultural nos territórios para os próprios habitantes, e também para os países vizinhos. Apesar das sequelas socioeconômicas e territoriais que as guerras que o Paraguai vivenciou deixaram, esses eventos produziram poderosos elementos de identidade para a nação paraguaia (VÁZQUEZ, 2006, p.47).

Chaco: um território pouco povoado

É somente a partir de 1885 também que se implantam as primeiras povoações não indígenas na Região do Chaco com a chegada de empresas exploradoras (VÁZQUEZ, 2006, p.28). Durante a Guerra do Chaco (1932-1935), que envolvia a Bolívia na contestação de terras na Região do Chaco, houve um progressivo avanço de tropas militares paraguaias nesta área. Porém, mesmo com a vitória do Paraguai, o Chaco até uma década mais tarde continuou pouco povoado, mantendo um status de “região militar” até então (VÁZQUEZ, 2006, p.39). Com esta guerra, o Paraguai novamente define seus limites internacionais e torna-se o único país sul americano que teve conflito armado com todos os países limítrofes (VÁZQUEZ, 2006, p.29).

A confecção de mapas mostrando o território na porção da Região do Chaco ocupado por bases militares e áreas de pecuária, com poucas áreas desocupadas, quando na realidade, a situação era contrárias, constituiu-se também como uma estratégia geopolítica para o fortalecimento da identidade e defesa da soberania nacional, servindo também, como um possível instrumento para ações do Estado (VÁZQUEZ, 2006, p.42).

Vázquez (2006, p.29), assinala que mais tarde, na década de 1950, com colônias menonitas instaladas na região, foi construída a rodovia Transchaco, que com apoio político e financeiro dos menonitas norte americanos, foi financiada através do Departamento de Estado dos Estados Unidos. Para o autor, tal construção foi crucial para o desenvolvimento dessas

colônias e da atividade pecuária na região norte do Paraguai, já que através da rodovia foi possível ter acesso aos mercados nacionais, e posteriormente, internacionais. A cidade de Concepción, situada nessa região, foi uma das que tiveram maior taxa de crescimento do país na época, juntamente com Asunción e Encarnación.

Es importante anotar que entre 1886 y 1950, las mayores tasas de crecimiento correspondieron a la capital y a Encarnación, esta última punto de tránsito y terminal del ferrocarril a Argentina. El caso especial de Concepción corresponde al mismo cuadro, puerto fluvial y centro ganadero de la región norte. Las tres ciudades señaladas ilustran cómo la dependencia de la comunicación exterior era el problema estratégico de un país cuyo interior no había sido aún abierto a una efectiva comunicación. Los enclaves urbanos constituían a lo más una red elemental cuyas tareas esenciales implicaban el mantenimiento de nexos con el exterior, y de un sistema de dominación política de naturaleza tal que no parecía indispensable una articulación operativa del territorio (RATINOFF, 2011, p.912).

1.1 O urbano no processo histórico-territorial paraguaio

Verifica-se nos diferentes períodos históricos, o reforço constante do poder centralizador e concentrador populacional e institucional da capital Asunción sobre os demais espaços e cidades do território nacional (VÁZQUEZ, 2006, p.31). De acordo com o autor, esse fator é derivado de que Asunción se constituiu como o primeiro povoado da colônia espanhola em território paraguaio, e também, pela Guerra da Tríplice Aliança, que devastou a maior parte de seu território. Outra característica relevante do sistema urbano paraguaio é a sua concentração na região Oriental do país. Como vimos nas análises de Vázquez (2006), na época colonial a presença de populações indígenas resistentes à colonização, bem como, a predominância de um ecossistema de difícil penetração e instalação de povoados na época na região do Chaco, constituíram entraves para a sua colonização, e, seguidamente, a instalação de cidades.

Por muito tempo, o uso dos rios foi o principal meio de transporte e comunicação utilizado no Paraguai. Isso pode ser explicado, de certa forma, pelo fato do Paraguai ser um país mediterrâneo, ou seja, que não possui saída ao mar, e de que uma parte considerável de seus limites territoriais é demarcada por rios. Neste sentido, de acordo com Vázquez (2006), os rios aparecem como importantes articuladores territoriais. A ocupação e controle do território na etapa colonial, segundo Vázquez (2006, p.31), foram levados adiante por uma política de “defender povoando”, o que levou até a época contemporânea, o surgimento de

várias cidades sobre os Rios Paraguai, e posteriormente, Paraná. Essas cidades viviam especialmente do comércio sustentado na entrada e saída de mercadorias por seus portos.

Nesta perspectiva, de acordo com o autor, os portos constituíam infraestruturas configuravam a vida econômica, social, urbana, rural e regional do país. Algumas destas cidades portuárias, assinala o autor, abrigavam uma função mais defensiva, atuando como fortes militares. Estas cidades, denominadas por Vázquez (2006) de “Povoados-Porto”, tinham a infraestrutura do porto como eixo central da vida de seus habitantes, ou seja, estes povoados estavam diretamente dependentes do dinamismo portuário para seu desenvolvimento, configurando uma estreita relação com o desenvolvimento urbano dessas localidades, já que os portos movimentavam além de mercadorias, pessoas (VÁZQUEZ, 2006, p.31). A instalação dos mais importantes povoados-porto, conforme Vázquez (2006, p.32), se dá no período entre os anos 1537 e 1840, com a chegada dos espanhóis à capital Asunción via fluvial e pela instalação de uma linha ferroviária que contribui para a transformação e estrutura urbana da zona centro-sul da Região Oriental. Contudo, o autor aponta que, até os dias atuais, algumas das cidades mais importantes do país em termos demográficos e econômicos, se situam beira rio Paraguai, no caso da capital Asunción e da cidade de Concepción, e sobre o rio Paraná, nos casos de Ciudad del Este e Encarnación.

No período compreendido entre os anos 1840 e 1960, segundo Vázquez (2006, p.33), a construção da ferrovia no país também influenciou na ativação e configuração de novos espaços e centros urbanos onde este sistema manteve estações intermediárias, que representavam pontos centrais da vida comercial nestas cidades. O fato de a ferrovia servir como uma forma de conexão mais rápida com a capital Asunción, também contribuiu para o desenvolvimento dessas cidades (VÁZQUEZ, 2006, p.34). O lento desaparecimento deste modal de transporte, conforme o autor, começa na década de 1960 com o auge das rodovias e dos automóveis, que também levaram os centros vitais dessas cidades na direção das rodovias, distanciando-os das estações desativadas (VÁZQUEZ, 2006, p.33). Atrelado a este desenvolvimento rodoviário, surgem às bordas das rodovias, o que o autor chama de “povoados-rodovia”, ou seja, cidades configuradas a partir da dinâmica e dos fluxos sustentados por essa nova hegemonia modal de transporte. Assim, as rodovias constituíram ferramentas fundamentais para processo de ocupação da porção do território localizada ao leste do país que era pouco povoada, e também da integração da região periférica do país (VÁZQUEZ, 2006, p.36).

Os sistemas de transporte que vinham se desenvolvendo até meados das décadas de 1960 e 1970, tinham orientação ao sul do país, polarizando trocas comerciais com o porto de Buenos Aires e com a Argentina, ainda mais com a conexão ferroviária com a rede ferroviária

argentina no limite das cidades de Encarnación, e a vizinha argentina, Posadas (VÁZQUEZ, 2006, p.33-34). Entre as décadas de 1960 e 1970, segundo Vázquez (2006, p.35), o Paraguai muda o seu rumo geopolítico, deixando de priorizar a influência argentina para priorizar a brasileira. De acordo com o autor, tal posicionamento incidiu profundamente na estrutura territorial da Região Oriental, principalmente na implantação e fortalecimento da rede viária do país, orientada desta vez ao novo eixo econômico situado ao leste do país, nos limites com o Brasil. Nesse sentido, conforme Vázquez (2006, p.44), a organização e administração territorial acompanham as transformações geopolíticas e econômicas do país. Outra mudança importante, segundo o autor, foi dada a partir da Constituição de 1992, onde o Estado decide descentralizar decisões político-administrativas da capital Asunción, tornando possível que as demais cidades elegeassem suas próprias autoridades, deixando de concentrar poderes no Poder Executivo central, dando maior autonomia aos departamentos e distritos, de forma articulada, o que facilitou a gestão local e regional.

As influências geopolíticas materializadas em grandes obras de infraestrutura como rodovias, a Ponte da Internacional da Amizade (1965) ligando o Paraguai ao Brasil, e as usinas hidroelétricas binacionais de Itaipu (1984) com o Brasil e Yaciretá (1994) com a Argentina, tiveram grande impacto na configuração urbana do território paraguaio (VÁZQUEZ, 2006, p.52-53). A Itaipu, por exemplo, mobilizou mais de 40 mil trabalhadores para a sua construção, e muitos deles vieram de fora com suas famílias (CARNEIRO, 2016, p.181). Durante a sua construção, foram instaladas nas cidades da fronteira trinacional um grande contingente populacional, além de atividades ligadas direta ou indiretamente às obras e a criação de novos fluxos na fronteira, que marcaram profundamente a configuração do espaço nas cidades envolvidas (CARNEIRO, 2016, p.182).

De acordo com Jane Victal e Adelita Araújo de Souza, a usina de Itaipu implantou em Foz do Iguaçu e nas cidades paraguaias de Hernandarias, Presidente Franco e Ciudad del Este vilas para abrigarem os trabalhadores da obra, os técnicos e os administradores. Essas vilas, segundo as autoras, foram construídas partindo da lógica de separação de classes sociais, e nesse sentido, para cada classe de trabalhadores foi construído um tipo de conjunto habitacional, e assim, a estrutura das casas e das vilas diferenciavam-se de acordo com a hierarquia de funcionários. Conforme as autoras:

As modificações urbanas começaram em 1975 e em quatro anos as cidades transformaram-se em um imenso canteiro de obras. Nesse período a cidade de Foz do Iguaçu passou de 34 para 150 mil habitantes, enquanto do lado paraguaio, a pequena cidade de Hernandarias passou de 15 para 70 mil habitantes e Cidade do Leste de 20 para 60 mil habitantes (VICTAL e SOUZA, 2011, p.81).

A expansão da colonização agrícola a partir da década de 1960 foi outro fator que trouxe implicações ao desenvolvimento urbano no país. Conforme Carneiro (2016, p.98) com base em Firmeza (2007), a política do General Strossner denominada “Marcha Al Este” levou um grande contingente de brasileiros a emigrar para o Paraguai a partir dos anos 1960, e a esse grupo selecionado que detinha “técnicas de produção agrícola”, foram garantidos incentivos fiscais e terras baratas e de boa qualidade. Segundo o autor, a falta de políticas agrárias no Brasil, o alto custo da terra e a construção do lado de Itaipu também serviram como fatores de expulsão que levaram muitos brasileiros em direção ao Paraguai.

De acordo com Carneiro (2016, p.106) com base em Souchard (2001), “A presença dos brasiguaios favorece a integração econômica do Paraguai, ainda que, ao mesmo tempo, aprofunde sua dependência externa”. Heikel e Bahr, citando Palau e Heikel (1987), colocam que:

La historia ocupacional de los colonos brasileños ha mostrado que permanecen como agricultores aquellos que han logrado un mayor ingreso y que detentan un mayor control de sus recursos productivos (origen germano) mientras que para los más pobres (brasileños pretos), que ya se habían descampesinizado por vía de la asalarización, la migración a Paraguay fue un mecanismo de recampesinización (HEIKEL e BAHR, 2011, p.832).

Do ponto de vista do Estado brasileiro, segundo Carneiro (2016, p.78) citando Laino (1979), a construção de Itaipu; a Ponte da Amizade; a rodovia Paranaguá-Foz do Iguaçu; a concessão de créditos pelo governo brasileiro ao Paraguai para a realização de obras de infraestrutura viária; o estabelecimento de uma empresa de colonização de origem brasileira no departamento de Nueva Asunción; entre outras medidas, são parte de uma estratégia geopolítica traçada pelo governo militar brasileiro (1964-1985) a fim de colocar o Paraguai para dentro de sua órbita de influência. Para Santos (2008, p.61), “[...] as infraestruturas presentes em cada lugar encontram, em grande parte, explicação e justificativa fora do lugar”.

Mostra-se evidente a força centrífuga de decisões geopolíticas e da implantação de sistemas de engenharia na atração de povoamento e dinamismo urbano. A construção da Ponte da Amizade e da Usina Hidrelétrica de Itaipu, por exemplo, foram cruciais para a formação de um aglomerado urbano transfronteiriço unindo as cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este. Essas infraestruturas advindas de ordens geopolíticas, acarretaram fluxos de bens, capitais, e pessoas, impulsionando trocas entre as cidades e materializações na paisagem para dar suporte às novas dinâmicas. Neste sentido, reforça-se a ideia do espaço geográfico

entendido como um “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, entre sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único onde a história se dá (SANTOS, 2008, p.106)”, onde a sociedade humana se realiza sobre o espaço, o tempo e seus usos (SANTOS, 2008, p.39). Nisso, “o território usado é assim uma arena onde fatores de todas as ordens, independentemente da sua força, apesar de sua força desigual, contribuem à geração de situações (SILVEIRA, 2011, p.5)”.

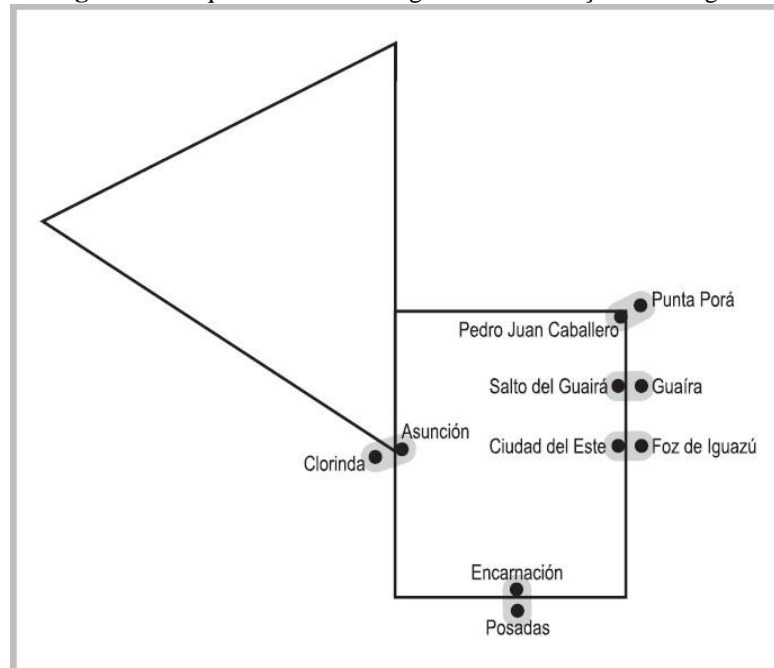
Capítulo 2. SISTEMA URBANO NO PARAGUAI ATUAL

A maior parte das mais importantes cidades paraguaias localiza-se em áreas fronteiriças com o Brasil e com a Argentina, na região Oriental. Mas por que não também na região do Chaco na fronteira com a Bolívia? Primeiramente, consideremos mais uma vez o histórico da região do Chaco e as tensões entre Paraguai e Bolívia na demarcação de limites territoriais, pois *“fue recién luego de 74 años, es decir, en el 2009 que los presidentes de Bolivia, Evo Morales, y de Paraguay, Fernando Lugo, recibieron de la presidente argentina, Cristina Kirchner, la memoria final de la demarcación del límite internacional entre Bolivia y Paraguay (HOURCADE e ODDONE, 2012, p.55)”*.

Por outro lado, podemos pensar esse fenômeno, considerando que a Bolívia também é um país continental, e que, os dois países não mantêm intensas relações socioeconômicas. Ora, a Argentina e o Brasil além de serem países mais desenvolvidos economicamente na região, atualmente são a alternativa mais viável de saída ao mar para o Paraguai, fazendo com que este país priorize relações político-econômicas com Argentina e Brasil. Dessa forma, com a Bolívia:

A pesar de la extensión de la frontera, la vinculación económica y comercial es escasa, siendo el comercio formal fronterizo casi nulo, a diferencia de otras áreas fronterizas de la región donde las poblaciones de las fronteras generan comercio y complementación natural. Esto tiene que ver con la deficiente infraestructura que conecta los territorios así como también la ausencia de poblaciones limítrofes. Esto último se da especialmente del lado paraguayo, que presenta en la zona de frontera poblaciones reducidas, escasas y despobladas (HOURCADE e ODDONE, 2012, p.54).

Voltando a discussão sobre as cidades paraguaias de fronteira, estas costumam ter como vizinha uma cidade estrangeira com dimensões parecidas, configurando cidades gêmeas (figura 1) – definidas como núcleos urbanos inseridos em ambos os lados de uma fronteira, mantendo com o auxílio de infraestruturas, intensos fluxos de distintas ordens materiais e imateriais (MARQUEZINI, 2010), estes, muito dependentes de condições externas (VÁZQUEZ, 2006), como por exemplo, câmbios monetários e políticas estritas de cada país. Para Vázquez (2013, p.227) o formato urbano paraguaio conformado em grande parte pelas cidades fronteiriças, reflete sua economia dependente dos países vizinhos.

Figura 1 – Esquema das cidades-gêmeas fronteiriças no Paraguai

Fonte: Extraído de Vázquez, 2006.

De acordo com Tomás Palau Viladesau (2011, p.264), os habitantes destas cidades vivem de atividades vinculadas ao comércio fronteiriço. Segundo o autor, na Região Oriental do Paraguai vive 96% da população, e nenhum dos povoados ou cidades estão a mais de 150 km de alguma fronteira. Nesse sentido, “[...] *el país es en sí mismo una frontera. Este hecho ha favorecido el permanente desplazamiento, por razones políticas o económicas, de la población hacia el extranjero* (VILADESAU, 2011, p.863)”.

A cidade fronteiriça de Pedro Juan Caballero que se encontra em uma fronteira seca com a cidade brasileira de Ponta Porã, por exemplo, segundo Vázquez (2006, p.75), apesar dos controles fiscais brasileiros, tem seu desenvolvimento baseado no comércio fronteiriço e no aproveitamento dos fluxos, contatos e diferenças regionais transfronteiriças entre Paraguai e Brasil. Segundo o autor, devido às restrições fiscais brasileiras às atividades comerciais da cidade, esta reconverte seu polo de atração, orientando-o aos serviços educativos terciários com a instalação de universidades particulares, atraindo uma demanda de alunos paraguaios, bem como, brasileiros, e com isso, sobre as antigas bases comerciais, surge a atividade universitária, dando uma nova configuração à cidade, e assim, a cidade conhecida pelo seu ramo comercial, passa a ser vista como “cidade universitária” (VÁZQUEZ, 2006, p.76).

O dinamismo dado pela condição transfronteiriça, constitui uma base econômica de intercâmbios sustentada pelo setor de serviços (VÁZQUEZ, 2006, p.37). Nestes moldes, os três sistemas metropolitanos paraguaios conformados por Asunción, Encarnación e Ciudad

del Este, se localizam em áreas limítrofes do território paraguaio, estando os dois primeiros em limite com a Argentina, e o último com o Brasil. Para o geógrafo francês Souchaud, as transformações das estruturas territoriais e o reposicionamento dos agentes e sistemas econômicos da região Oriental paraguaia são resultados das migrações brasileiras para a zona leste da região e significam uma lógica espacial neocolonial (VÁZQUEZ, 2006, p.46).

No Brasil, conforme Carneiro (2016, p.20) com base em Schäffer (1993), o desconhecimento em relação ao tema fronteiras pode ser explicado pela configuração do uso da terra que foi determinada historicamente por economias de exportação, o que privilegiou a ocupação de áreas litorâneas, ou daquelas próximas a elas, que tinham maior interação com as metrópoles da Europa. No Paraguai, o uso da terra é determinado historicamente por uma economia dependente do exterior. Além disso, o país não possui saída ao mar. Para importar/exportar mercadorias que não podem ser transportadas via aérea, utiliza majoritariamente os rios Paraguai e Paraná (Rio Paraguay/Paraná-Rio da Prata-Porto de Buenos Aires), e as rodovias em direção ao Brasil (principalmente no trajeto Ruta7-Ponte Internacional da Amizade-BR 277-Porto de Paranaguá). Tanto pelo transporte aquático, quanto pelo terrestre, os bens de importação/exportação passam por terras estrangeiras da Argentina e do Brasil. Nesse sentido, as áreas fronteiriças da região Oriental do Paraguai são as áreas mais ocupadas do país. Por essas circunstâncias geográficas, econômicas e históricas, a fronteira no Paraguai, ao contrário do Brasil, não representa uma condição periférica, ela é central.

Na região Oriental, também estão localizados os três sistemas urbanos mais importantes do país, sendo eles o de Asunción, Encarnación e Ciudad del Este (CAUSARANO, 2011). Esses três centros urbanos compõem, segundo Mabel Causarano (2007) e Vázquez (2013), sistemas metropolitanos⁵ no território nacional, configurando-se “[...] centros gravitantes en el territorio. Participan del 59% de la actividad económica total del país y dan empleo al 60% de la población ocupada (CAUSARANO, 2007, p.84)”. Nesse sentido, as cidades fronteiriças de Ciudad del Este e Encarnación “[...] se han conurbado y disponen de regiones metropolitanas pero a escalas reducidas. Es decir, sin constituirse aún en grandes metrópolis y sin contar con periferias urbanas fuertemente concentradas, como ocurre en los demás países de la región (VÁZQUEZ, 2013, p.227)”.

⁵ Os sistemas metropolitanos no Paraguai são “constituídos por las aglomeraciones urbanas de mayor peso demográfico, económico y político del país, con la capital Asunción como principal zona metropolitana, seguida por Ciudad del Este y Encarnación, que disponen también de ciudades menores vecinas en proceso de conurbación pero que, al mismo tiempo, pertenecen al tipo de ciudades de frontera. Las áreas metropolitanas contemplan la subdivisión en capital administrativa (Asunción) y otros sistemas (VÁZQUEZ, 2013, p.236)”.

Mapa 2 – Sistemas Metropolitanos do Paraguai



Fonte: Elaboração nossa, 2016;

Brunet, citado por Vázquez (2006, p.46), divide o Paraguai em quatro regiões definidas: 1) Capital e zona metropolitana, 2) “Espaço Problema” constituído pela zona rural da região Oriental, onde há um sistema produtivo intensivo e expulsão das populações rurais, 3) “Espaço Milagre” conformado pelo eixo da fronteira leste caracterizada pela agricultura empresarial, principalmente de soja, milho e trigo, e 4) “Espaço Reserva” constituído pela região do Chaco. Nesse cenário, percebe-se que o país é predominantemente rural, e caracteriza-se por uma concentração urbana (demográfica e institucional) na capital Asunción e sua zona metropolitana, e em algumas cidades fronteiriças, como Ciudad del Este e Encarnación.

Essa configuração territorial, por sua vez, é articulada, mantendo relações de complementaridades, dependências e conflitos. Podemos citar o exemplo das relações desempenhadas por uma região predominantemente rural, situada ao sul da região da capital Asunción. A Região Campesina Tradicional Arraigada, assim denominada em uma regionalização do sistema territorial paraguaio proposta por Vázquez (2006), tem a sua função

econômica voltada à produção de produtos agrícolas e pecuários destinados ao autoconsumo e ao abastecimento de produtos aos mercados urbanos das cidades, sobretudo para a capital Asunción e sua região metropolitana. Segundo Vázquez (2006, p.91), “*esta región es considerada como el “interior”, razón por la cual no posee flujos importantes con las zonas fronterizas y transfronterizas*”.

Os agentes socioeconômicos centrais dessa dinâmica são os camponeses e as comunidades urbanas, conformados pela força laboral característica da agricultura familiar (VÁZQUEZ, 2006, p.80-81). De acordo com o autor, as mudanças demográficas e territoriais na região estão relacionadas ao processo de crescimento da população urbana e às conexões econômicas com a capital Asunción, devido à proximidade (VÁZQUEZ, 2006, p.82). Devido às atividades econômicas em que essas localidades se apoiam, muitas dessas cidades adotam frases identitárias relacionadas às suas produções, como por exemplo, “cidade do morango”, “cidade do couro”, entre outras.(VÁZQUEZ, 2006, p.85).

No entanto, verifica-se que o sistema urbano no território paraguaio, com exceção das maiores cidades, ainda é majoritariamente composto por cidades pequenas. A maioria das cidades paraguaias têm menos de 10 mil habitantes, e o maior número de cidades nesta categoria possuem de 1 mil a 2 mil habitantes, totalizando 20,5% do total de cidades do país (VÁZQUEZ, 2013, p.229). Essa configuração é resultante de alguns fatores, como:

[...] el crecimiento lento de la población, su diseminación en las zonas rurales y la inexistencia de corrientes sistemáticas y sostenidas de inmigración extranjera, supusieron el retraso del surgimiento de ciudades en el país. El factor cultural de preeminencia rural es otro elemento que retardó la aparición de ciudades, además de las dos guerras, una a finales del siglo XIX y la otra a inicios del siglo XX, que disminuyeron significativamente el volumen de población (VÁZQUEZ, 2013, p.226).

Na última década, no entanto, impulsiona-se o desenvolvimento de cidades intermediárias no país. No Paraguai, as cidades intermediárias⁶ correspondem a centros urbanos com a população que varia entre 2 mil e 10 mil habitantes (VÁZQUEZ, 2013, p.229). Essas cidades são resultantes do dinamismo territorial de regiões onde os sistemas agropecuários se encontram em processo de modernização e desenvolvimento, e também do

⁶ Fabricio Vázquez (2013, p.236) coloca que as cidades intermediárias no Paraguai são “[...] *pequeñas ciudades que han logrado generar un nuevo dinamismo demográfico y económico basado en su capacidad de convertirse en vectores de modernidad y de participar y dirigir la producción agrícola de sus respectivas zonas rurales, funcionando como plataformas logísticas regionales. Cuentan además con nuevas infraestructuras de comunicación y un conjunto de servicios modernos, innovadores y diversificados. Su emergencia y su consolidación las convierte en nuevas formas de ciudades dentro del esquema urbano nacional, representando oportunidades de equilibrio urbano y regional a escala nacional, así como opciones de construcción de un modelo urbano sustentable. Se subdividen en ciudades intermedias consolidadas, ciudades intermedias en vías de consolidación y ciudades intermedias del Chaco (Región Occidental)*”.

surgimento e diversificação do comércio e dos serviços que complementam o dinamismo agropecuário (VÁZQUEZ, 2013, p.231). O crescimento dessas cidades tem um papel fundamental para o reequilíbrio e melhor distribuição do sistema urbano paraguaio que é concentrado nas zonas fronteiriças e principalmente na capital Asunción (VÁZQUEZ, 2013, p.230). Nesse cenário, também é importante considerar que *“un aporte no menor de las ciudades intermedias del Paraguay es la captura de población rural de los alrededores que ya no migra a Asunción ni al extranjero, sino que es atraída por ellas posibilitando inclusive el arraigo rural (VÁZQUEZ, 2013, p.232)”*.

Partindo dessas considerações, podemos analisar a estrutura urbana recente do Paraguai a partir da estrutura populacional de cidades do país no ano de 2002 (tabela 1).

Tabela 1 – Tamanhos de cidades paraguaias por população (2002)

Población	Ciudades	Porcentaje del total	Principales ciudades
Más de 200.000	3	1,3	Asunción, Ciudad del Este, San Lorenzo
Más de 100.000	4	1,8	Luque, Capiatá, Lambaré, Fernando de la Mora
50.000 a 100.000	6	2,7	Limpio, Ñemby, Encarnación, Mariano Roque Alonso, Pedro Juan Caballero, Villa Elisa
30.000 a 50.000	8	3,6	Caaguazú, Cnel. Oviedo, Hernandarias, Pte. Franco, Itaugua, Concepción, Villarrica, San Antonio
10.000 a 30.000	11	4,9	Pilar, Caacupé, Ita, Mcal. Estigarribia, Villa Hayes, Minga Guazú, San Ignacio, San Estanislao, Ayolas, Villeta, Aregua
5.000 a 10.000	32	14,3	Horqueta, Tobati, Piribebuy, Curuguaty, Ypacari, Guarambare, Santa Rita, Paraguarí, San Juan Nepomuceno
3.000 a 5.000	26	11,6	Hohenau, Nanawa, Ybycui, Altos, Atyra, San Alberto, La Paloma, San Bernardino
2.000 a 3.000	31	13,8	Itakyry, Vaquería, La Victoria, Abai, Antequera, Yatayty, La Colmena, Trinidad, Ygatimi
1.000 a 2.000	46	20,5	Yhu, Naranjal, Tacuarí, Villa Florida, Sapucaí, San Joaquín, Pirapo, Fuerte Olimpo, Santa Rosa del Aguaray
500 a 900	30	13,4	Gal. Garay, Mayor Martínez, Ñumi, Pinasco, Quyuquyho, Tavai, Villa Oliva
Menos de 500	27	12,1	Capitán Meza, Mbaracayu, San Cristóbal, Maciel, Villalbin, Borja, La Pastora, Tebicuarymi
Total	224	100	

Fonte: Vázquez, 2012 apud Vázquez, 2013.

2.1 Rede Urbana de Ciudad del Este: uma aglomeração transfronteiriça

Causarano (2011) considera que a rede urbana composta pela cidade de Ciudad del Este no Paraguai configura a formação de uma região metropolitana no país, e o seu aglomerado constitui a Zona Metropolitana de Ciudad del Este⁷ (ZMCDE) (mapa 3). Esta está conformada por Ciudad del Este que é capital do Departamento de Alto Paraná (Paraguai), pelas cidades paraguaias de Puerto Presidente Franco, Hernandarias e Mingua Guazú, e

⁷ Consideram-se apenas as cidades conurbadas.

consideram-se também os municípios de Foz do Iguaçu no Brasil e Puerto Iguazú na Argentina, devido à proximidade e às interações que desempenham no conjunto desta zona (CAUSARANO, 2011). Para Carneiro (2016, p.146) “a estrutura socioeconômica das cidades trigêmeas de Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú e Ciudad del Este caracteriza-se pela complementaridade e pela interdependência [...]”. A população total da ZMCDE é de, aproximadamente, mais de 800 mil habitantes (tabela 2).

Mapa 3 – Aglomerado transfronteiriço da ZMCDE



Fonte: Google Earth, 2016. Elaboração nossa, 2016.

Tabela 2 – População estimada da ZMCDE por município (2016)⁸

MUNICÍPIO – PAÍS	POPULAÇÃO	FONTE, ANO
Ciudad del Este – Paraguai	293.817	DGEEC, 2016*
Puerto Presidente Franco – Paraguai	93.095	
Hernandarias – Paraguai	77.645	
Minga Guazú – Paraguai	82.086	
Foz do Iguazu – Brasil	263.915	IBGE, 2016*
Puerto Iguazú - Argentina⁹	42.849	INDEC, 2010

Fonte: DGEEC (Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos); IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); INDEC (Instituto Nacional de Estadística y Censos).

De acordo com Carneiro (2016, p.66) com base em Reitel (2006), as aglomerações urbanas que se distribuem sobre o limite internacional e que ocupam os territórios de dois ou mais Estados são denominadas transfronteiriças e possuem um polo urbano que se conforma como principal centralidade e que compreende uma zona de influência que abarca uma área suburbana no próprio território nacional e áreas suburbanas em territórios estrangeiros. Nesse sentido, “a fronteira não seria, então, um obstáculo, mas uma zona de contato, um local de concorrência e complementaridades, um espaço para a gestão de situações interativas (MOURA e CARDOSO, 2016, p.206)”.

Uma região transfronteiriça é diferente de região de fronteira. De acordo com Carneiro (2016, p.10-11) com base em Rolim (2004), a primeira estaria conformada pelas áreas contíguas ao limite internacional entre dois ou mais países, formando aglomerações urbanas onde há a criação de um espaço econômico conjunto acompanhado de barreiras à integração, fluxos de pessoas e capitais e o desenvolvimento de uma cultura comum, ainda que diferenças culturais sejam ao mesmo tempo aguçadas, já a segunda, seria composta das áreas vizinhas à linha de fronteira. De acordo com Moura (2000, p.86-87) em relação às aglomerações urbanas transfronteiriças, “contrapondo-se ao espaço único de ocupação, prevalecem ainda as tensões históricas fronteiriças e, mais que tudo, a desigualdade”.

O município de Foz do Iguazu também compõe uma centralidade importante na região oeste do Paraná, tendo papel de Centro Subregional A (IBGE, 2008), sendo polo da

⁸ As informações referentes ao número de habitantes das cidades paraguaias e brasileiras são dados estimados para o ano de 2016.

⁹ Não foram encontrados dados estimados para 2016 da população do município de Puerto Iguazú.

Microrregião denominada de Microrregião¹⁰ de Foz do Iguaçu (IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social). Desta subdivisão, além do município polo, fazem parte dez municípios (tabela 3).

Tabela 3 – População estimada dos municípios¹¹ da Microrregião de Foz do Iguaçu (PR) por município (2016)

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO
Céu Azul	11.707
Itaipulândia	10.413
Matelândia	17.491
Medianeira	45.239
Missal	10.863
Ramilândia	4.410
Santa Terezinha de Itaipu	22.783
São Miguel do Iguaçu	27.330
Serranópolis do Iguaçu	4.645
Vera Cruz do Oeste	8.958
TOTAL	163.839

Fonte: IBGE, 2016.

Se formos considerar um conjunto regional que abarque os municípios do Departamento de Alto Paraná - Paraguai em que Ciudad del Este mantém centralidade; da Microrregião polarizada por Foz do Iguaçu - Brasil; e do Departamento de Iguazú - Argentina¹², a população aproximada da região da Tríplice Fronteira chega a mais de 1,3 milhão (tabela 3).

¹⁰ Microrregião: É, de acordo com a Constituição brasileira de 1988, um agrupamento de municípios limítrofes. Sua finalidade é integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, definidas por lei complementar estadual. A partir de 1º de janeiro de 1990, foi aprovada a nova “Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas”, através da resolução - PR número 51, de 31/07/1989, do IBGE (IPARDES).

¹¹ Exceto município de Foz do Iguaçu.

¹² O Departamento de Iguazú é uma subdivisão da Província de Misiones, e está subdividido em quatro municípios, sendo: Puerto Iguazú, Puerto Esperanza, Puerto Libertad e Wanda.

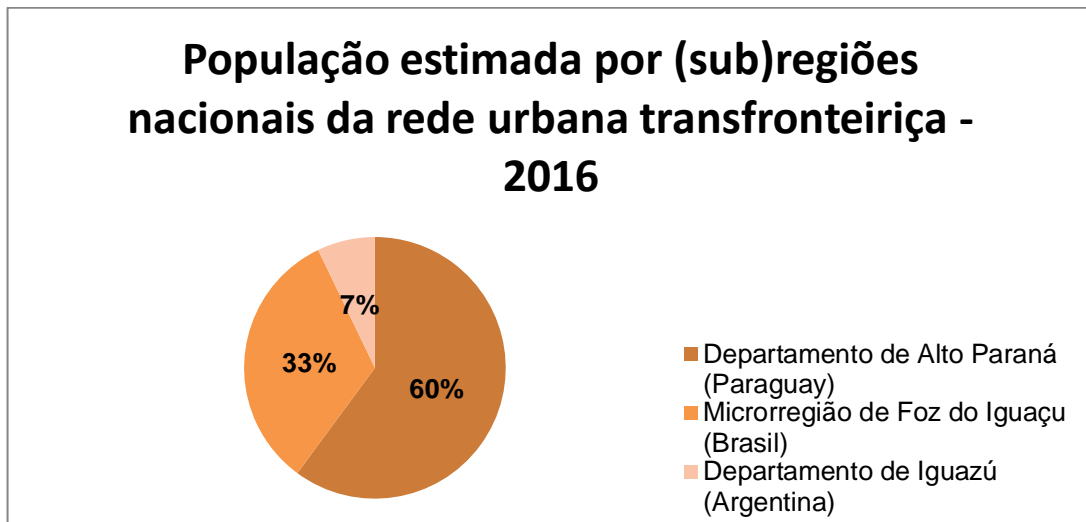
Tabela 4 – População estimada total da área de influência dos municípios de Ciudad del Este, Foz do Iguazu e Puerto Iguazú (2016)

REGIÕES	POPULAÇÃO ESTIMADA P/2016
Departamento de Alto Paraná (PARAGUAY)	785.066
Microrregião de Foz do Iguazu (BRASIL)	427.754
Departamento de Iguazú - Misiones (ARGENTINA)	93.328
TOTAL	1.306.148

Fonte: DGEEC; IBGE; INDEC, 2016.

Neste conjunto populacional, o Departamento de Alto Paraná é onde está o maior contingente de habitantes, seguido da Microrregião de Foz do Iguazu e do Departamento de Iguazú (gráfico 1).

Gráfico 1 – Porcentagem da população total por (sub)regiões nacionais da rede urbana transfronteiriça



De acordo com Viladesau, as dinâmicas populacionais são particulares no contexto da fronteira:

[...] el crecimiento de las ciudades, si bien es tendencial, sufre subas y bajas en su tamaño poblacional en cortos períodos de tiempo, las cuales no son registradas por los censos. Estas oscilaciones están estrechamente vinculadas a las fluctuaciones con que a nivel fronterizo repercuten las políticas macroeconómicas (principalmente monetarias) que implementan los países en cuestión. Son los diferenciales en oportunidad los que son aprovechados por los grupos migrantes,

pero estos saldos en la oportunidad económica tanto pueden residir en un momento de un lado y al siguiente en el otro lado de la frontera (VILADESAU, 2011, p.863).

Para Carneiro (2016, p.18), essas cidades materializam as interações entre sistemas de normas jurídicas distintas, sofrendo direta e indiretamente efeitos de crises e crescimentos que se dão nos países em que estão inseridas e naqueles que possuem contiguidade, assim como os efeitos das mudanças cambiais e de ações de caráter supranacional. Segundo o autor, com base em Adiala (2006), “os efeitos de tais decisões repercutem nos diferentes fluxos transfronteiriços (bens, pessoas, capitais, etc.) que marcam a especificidade local e figuram como estratégias e práticas cotidianas que ocorrem a partir da existência do limite internacional (CARNEIRO, 2016, p.18)”.

A rede urbana da Tríplice Fronteira, de acordo com Carneiro (2016, p.11-12) pautado em Rückert e Dietz (2012), compõe o maior contingente populacional das fronteiras sul-americanas, conformando-se como um espaço dinamizado pela economia do comércio internacional e por uma multiplicidade de interações, majoritariamente entre Ciudad del Este e Foz do Iguaçu.

Um grande contingente de brasileiros e paraguaios atravessa a Ponte Internacional da Amizade todos os dias por motivos variados, sejam de negócios, consumo, trabalho, família, entre outros. De acordo com Vázquez (2006, p.64), o constante fluxo transfronteiriço de pessoas entre Brasil e Paraguai, também está conformado por trabalhadores estacionários, na grande maioria brasileiros, que trabalham nas propriedades agrícolas no Paraguai.

[...] a fronteira Brasil-Paraguai aparece como a que possui o maior número de processos transfronteiriços da Tríplice Fronteira, sendo os mais intensos e constantes aqueles ligados ao comércio de fronteira, à transmigração de trabalho, ao comércio formiga e aos estudantes fronteiriços (CARNEIRO, 2016, p.75).

Na percepção dos estudantes de ensino médio de dois colégios, sendo um em Ciudad del Este e outro em Foz do Iguaçu, sobre a fronteira, essas interações da Tríplice Fronteira que se dão em maior escala entre Brasil e Paraguai, mostram-se claramente na maioria das representações feitas em atividade realizada com os mesmos a partir das ações do projeto de extensão Urbanismo nos Territórios de Fronteira¹³. Vejamos:

¹³ Projeto de extensão universitária realizado nos anos de 2015 e 2016, com as temáticas “discutindo o direito à cidade nas escolas públicas” e “discutindo a relação entre cidade e campo” respectivamente, pela Pró-Reitoria de Extensão da UNILA (PROEX), coordenado pelo Prof. Dr. André Luís André.

Figura 2 – Atividade “EU NA FRONTEIRA”, realizada com alunos do ensino médio de um colégio de Ciudad del Este no Paraguai, e dois colégios de Foz do Iguaçu no Brasil



Fonte: Projeto de Extensão “Urbanismo nos Territórios de Fronteira”, 2015-2016.

Foz do Iguaçu no Brasil é, sobretudo, conhecida pelo turismo nas Cataratas do Iguaçu, e também, em menor intensidade, pela Usina Hidrelétrica de Itaipu. A cidade é polo da Microrregião de Foz do Iguaçu composta por outros dez municípios, servindo como principal centro de serviços, trabalho, consumo, e outras atividades para a região. Em decorrência dessas interações, existem linhas de ônibus metropolitanos entre Foz do Iguaçu e algumas dessas cidades, para atender o fluxo diário de pessoas.

Ademais, existem linhas metropolitanas entre Foz do Iguaçu-Ciudad del Este e Foz do Iguaçu-Puerto Iguazú para atender o fluxo de turistas e de pessoas dessas cidades que se deslocam por outros motivos variados (trabalho, saúde, educação, consumo, contrabando, lazer, etc.). A cidade brasileira atua como centro de diversos serviços para as populações de Ciudad del Este e Puerto Iguazú, além de outros municípios paraguaios do Departamento de

Alto Paraná, onde residem muitos brasiguaios¹⁴ (CARNEIRO, 2016). Um dos serviços buscados em Foz do Iguaçu por essas populações é a saúde. No caso das cidades paraguaias da Tríplice Fronteira, por exemplo, “a precariedade do serviço público de saúde no Paraguai faz com que os brasiguaios e parte da população paraguaia (que reside em cidades próximas da fronteira brasileira) busquem atendimento nos serviços de saúde no Brasil (CARNEIRO, 2016, p.160)”. Nessa conjuntura, é interessante apontar que:

A Ponte da Amizade - que funciona para Foz do Iguaçu e Ciudad del Este como uma avenida de um mesmo espaço urbano -, tentando aparentar uma fronteira amigável, não deixa de ser um elemento de controle do trânsito de mercadorias. Dependendo de distintos interesses. Fecha-se, abre-se, acelera-se ou toma-se vagaroso o tráfego, revista-se, reprime-se, libera-se, ignora-se ou apreende-se a mercadoria do sacoleiro ou do cidadão local que se beneficia das oportunidades cambiais para seu abastecimento próprio. Funciona como cancela separando ou unindo o interior de um espaço contínuo, fortemente articulado. De forma não tão ostensiva, o mesmo se repete na Ponte Tancredo Neves, que une Foz do Iguaçu a Puerto Iguazú, na Argentina. Um movimento de interesses locais, no entanto, mantém as trocas (MOURA, 2000, p.87-88).

Ciudad del Este no Paraguai é amplamente associada ao turismo de compras, devido à intensa atividade comercial desenvolvida na cidade, atraindo um grande número de consumidores, na maioria brasileiros, em busca de novidades e menores preços.

Tirando proveito das vantagens concedidas à importação de mercadorias isentas de taxas aduaneiras, provenientes na maioria das vezes do Sudeste Asiático, a base econômica de Ciudad del Este é a triangulação do comércio. [...] Apesar do grande crescimento do turismo de compras registrado a partir dos anos 90, a origem do polo comercial de Ciudad del Este remonta a década de 1960, quando teve início o crescimento econômico e demográfico da cidade, marcado pela construção da Ponte Internacional da Amizade, que ao mesmo tempo em que ligava o Paraguai ao Brasil criava expectativas para o comércio. [...] O ramo de mercado mais importante da cidade está relacionado à importação e revenda de produtos baratos, especialmente *made in China* (eletrônicos, brinquedos, cosméticos, pirataria, etc.). Essas mercadorias são trazidas e comercializadas, em grande parte, por intermédio da comunidade chinesa da Tríplice Fronteira (CARNEIRO, p.185-186).

Vázquez (2006, p.59) ao analisar Ciudad del Este, observa que coexistem dois modelos de estrutura e funcionamento urbano: o menor, porém mais dinâmico, está configurado pelo Microcentro da cidade, onde se concentram estabelecimentos comerciais que comercializam produtos diversos, sobretudo eletrônicos. O outro, e maior, está conformado pelas instituições locais e conjuntos habitacionais, que o autor denomina como a “cidade verdadeira”.

¹⁴ Termo que designa a população brasileira residente no Paraguai (CARNEIRO, 2016, p.104).

A cidade é conurbada com outros três municípios paraguaios: Hernandarias, Presidente Franco e Minga Guazú, e é capital do Departamento de Alto Paraná, que abarca um conjunto de vinte e dois municípios, incluindo a capital. De acordo com Vázquez (2007, p.75 e 78), a configuração econômica regional, em que está inserido o Departamento de Alto Paraná juntamente com o de Itapuá, é caracterizada por uma combinação de fatores que incluem atividades voltadas à agricultura de exportação, ao comércio fronteiriço e à produção de energia elétrica, o que confere à zona um perfil produtivo com colonos agrícolas estrangeiros e uma alta dependência dos espaços fronteiriços. Segundo o autor “[...] las actividades económicas tienen un fuerte componente transfronterizo, especialmente en las interfaces urbanas [...] (VÁZQUEZ, 2007, p.75)”. Diante disso:

El juego dinámico entre los actores, sus estrategias económicas, sus sistemas productivos, tecnológicos y financieros, resulta en una región con potentes conexiones con la economía regional y mundial, pero con una fuerte conflictualidad local. Ésta se expresa en la desterritorialización de los campesinos y la territorialización expansiva de los nuevos agricultores empresariales (VÁZQUEZ, 2007, p.79).

Na região, observa-se o surgimento de novos centros urbanos secundários que acompanham e impulsionam o desenvolvimento e expansão do cultivo da soja, oferecendo os serviços necessários para a produção, como serviços logísticos e financeiros, além de outros próprios de centros urbanos, como serviços de alojamento, comunicação, alimentação, recreação, profissionais, entre outros (VÁZQUEZ, 2006, p.59). Assim, segundo Souchaud:

Junto a ese movimiento de especialización del espacio rural se puede observar una dinámica urbana interesante. El desarrollo de la soja con fines casi exclusivos de exportación impone una organización territorial. La soja se produce de manera moderna, lo cual implica una organización compleja para traer y comercializar máquinas e insumos diversos y proporcionar servicios múltiples de apoyo a la producción e instalación de los colonos sojeros. Surge una serie de servicios que van a estimular la formación de pequeños centros urbanos dentro de la zona de colonización (SOUCHAUD, 2007, p.142).

De acordo com Santos (1993, p.50), a modernização do campo cria um mecanismo territorial de oferta e demanda de bens e serviços indispensáveis à produção, como máquinas, insumos materiais e intelectuais, implementos, entre outras necessidades.

A cidade torna-se o locus da regulação do que se faz no campo. É ela que assegura a nova cooperação imposta pela nova divisão do trabalho agrícola, porque obrigada a se afeiçoar às exigências do campo, respondendo às suas demandas cada vez mais prementes e dando-lhe respostas cada vez mais imediatas. Como o campo se torna extremamente diferenciado pela multiplicidade de objetos geográficos que o

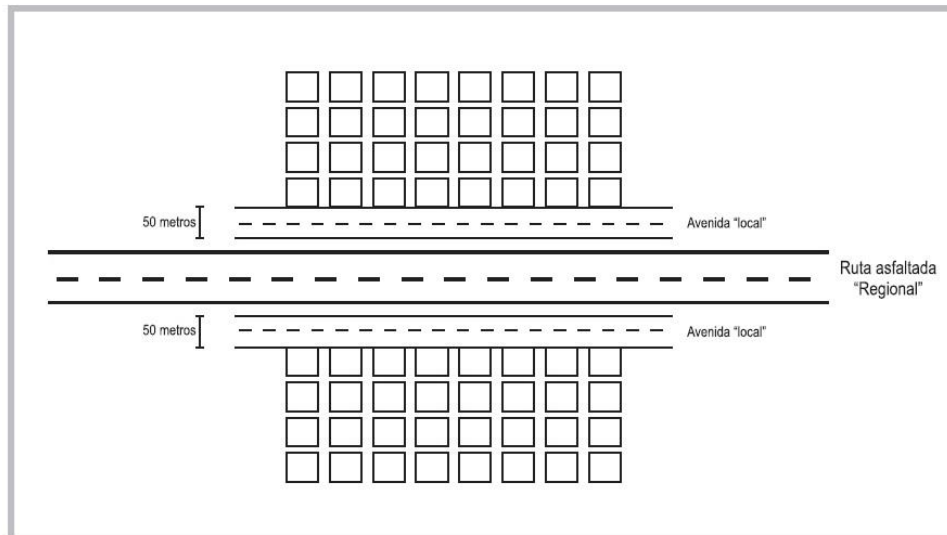
formam, pelo fato de que esses objetos geográficos têm um conteúdo informacional cada vez mais distinto (o que se impõe, porque o trabalho no campo é cada vez mais carregado de ciência) tudo isso faz com que a cidade local deixe de ser a cidade no campo e se transforme na cidade do campo (SANTOS, 1993, p.52).

Vázquez (2006, p.59), também chama a atenção para uma característica importante desses centros urbanos secundários, que é o sistema de organização da vida urbana que é separado da vida regional e nacional por um conjunto de avenidas paralelas às rodovias que passam pelas mesmas. Essas avenidas paralelas, conforme o autor, criam um espaço urbano e socioeconômico “interior” que diminui o efeito dos fluxos regionais (de pessoas, mercadorias) que atravessam essas cidades pelas rodovias.

El rol principal de estas ciudades es aportar la logística necesaria al sistema productivo sojero, notándose una influencia clara y explícita de la cultura brasileña en la mayoría de las mismas, constituyendo en el territorio regional un frente alineado que acompaña el avance del cultivo y almacenamiento de la soja. Si el paisaje agrícola y los actores del sistema de la soja son, en esta zona, mayoritariamente brasileños, las ciudades que alimentan este sistema también se caracterizan por esa influencia, la cual no se refleja exclusivamente en el predominio de idioma portugués y de la nacionalidad brasileña, sino que se reproduce en varios ámbitos no productivos. La mayoría de los poderes locales, especialmente el más fuerte, la Municipalidad con la figura del intendente y los miembros de la Junta Municipal, están bajo el control del sistema brasileño representado en gran parte por los “brasiguayos”, es decir, inmigrantes brasileños con nacionalidad paraguaya (VÁZQUEZ, 2006, p.60).

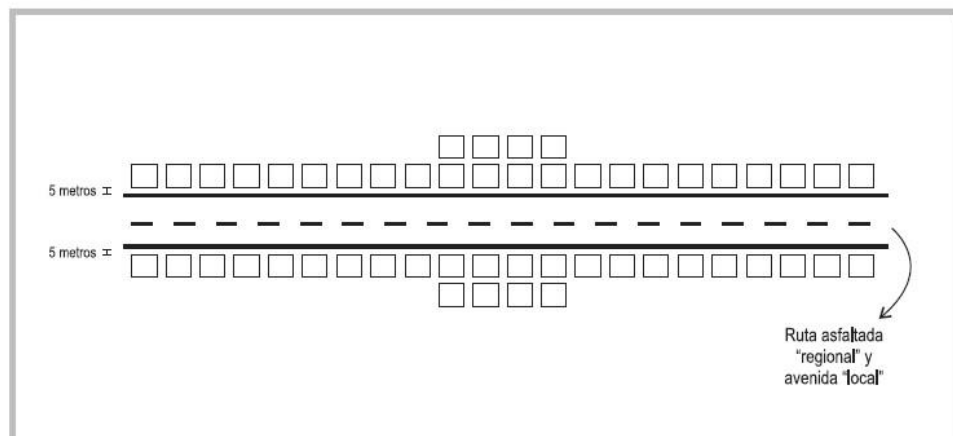
O autor compara o sistema organizacional dessas cidades “à brasileira” (figura 3) com o da maioria das cidades do país (figura 4). Segundo ele, essas outras cidades, ao contrário das cidades com forte influência brasileira, se situam sobre e ao longo da rodovia, usufruindo-a e servindo-a, pois a maioria dos serviços disponíveis estão orientados ao público que passa pela rodovia, como estabelecimentos de alimentação, comercialização de artesanatos, entre outros (VÁZQUEZ, 2006, p.62).

Figura 3 – Estrutura do sistema urbano das cidades (brasi)guaiias agroexportadoras
Esquema N° 5. Sistema Urbano de las Ciudades Agro Exportadoras



Fonte: Extraído de Vázquez, 2006.

Figura 4 – Estrutura do sistema urbano das “cidades-rodovia” no Paraguai
Esquema N° 6. Sistema Urbano Paraguayo Tradicional de las Ciudades-Ruta.



Fonte: Extraído de Vázquez, 2006.

2.2 Dinâmicas territoriais do agronegócio: a região Agro Exportadora e a região do Gado

Segundo Vázquez (2006, p.54), a crescente atividade comercial de Ciudad del Este e a expansão do monocultivo empresarial com grande influência de agricultores e empresários brasileiros, marcam as frentes produtivas da zona Leste a partir da década de 1990. Nesse sentido, de acordo com o autor, esta região tem sua dinâmica voltada ao sistema agro

exportador combinado com um sistema comercial que, apesar de atualmente estar em crise, continua mantendo um alto índice de transações.

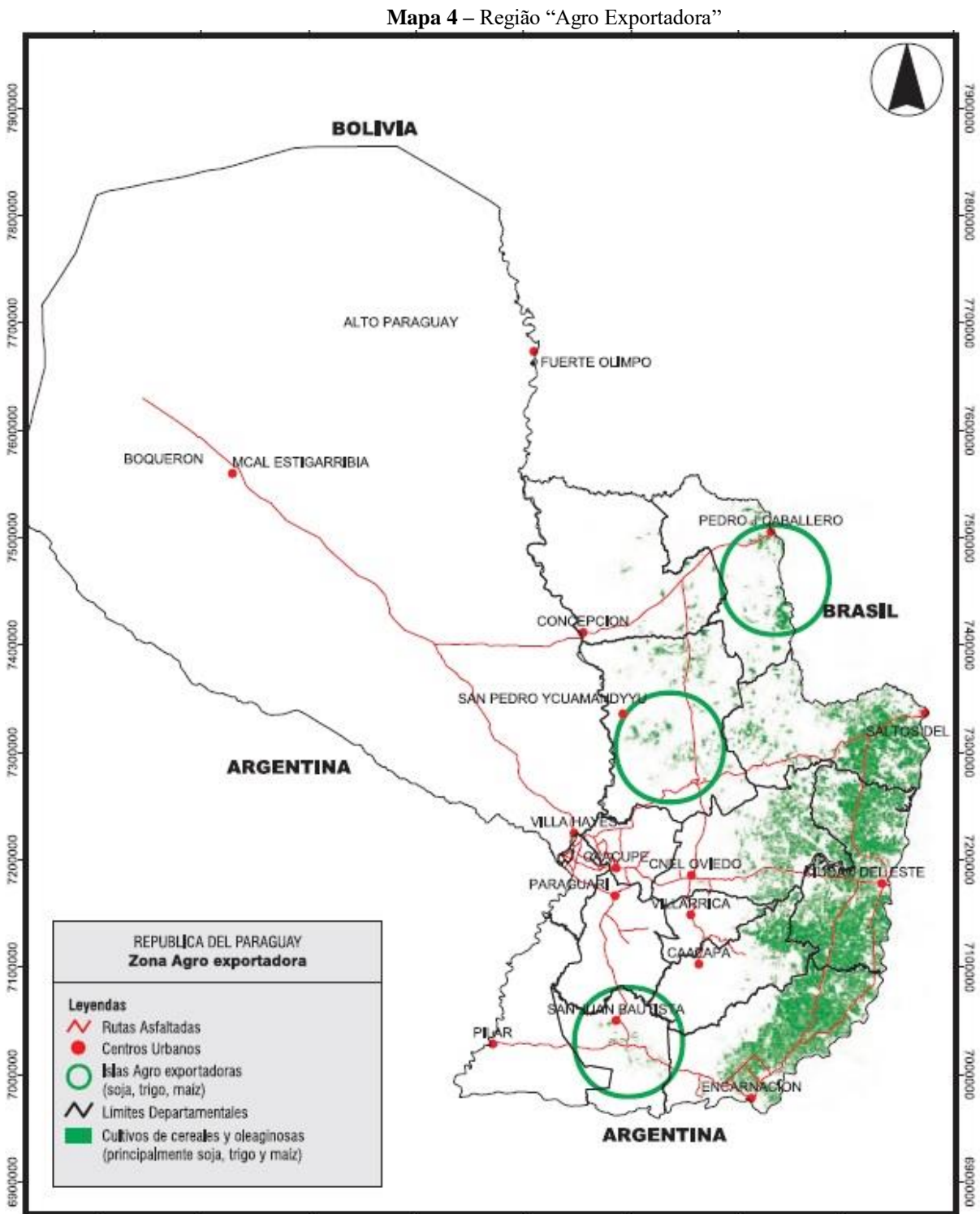
El sistema económico de esta zona presenta un conjunto complejo de actores, productos y procesos, donde la frontera internacional juega un rol vital no como separación territorial, sino como delimitadora de sistemas jurídicos, económicos y, sobre todo, impositivos que imprimen un gran dinamismo a los flujos transfronterizos. En esta zona la frontera es sentida como ventaja y no como problema, debido a que la misma casi no representa un corte territorial sino, todo lo contrario, se asemeja más a un “espacio continuo” con matices propios, donde los actores consiguen obtener rédito de las diferencias fronterizas (VÁZQUEZ, 2006, p.54).

As condições socioterritoriais atuais do departamento de Alto Paraná (Paraguai), onde o maior centro urbano é Ciudad del Este, mostram claramente uma alta interdependência com o sistema produtivo do agronegócio. Vázquez (2006), em seu estudo acerca do sistema territorial paraguaio, coloca esse departamento em uma região definida por ele como “*Región Agro Exportadora*”. O autor divide o território paraguaio em regiões específicas com características econômicas e territoriais singulares, privilegiando as atividades econômicas produtivas e de consumo como elementos principais, ainda que não sejam exclusivos das dinâmicas territoriais (VÁZQUEZ, 2006, p.51).

A Região Agroexportadora, de acordo com Vázquez (2006), compreende os departamentos atuais de Alto Paraná, Itapúa, Canindeyú e algumas zonas dos departamentos de Amambay, Caaguazú, Caazapá e San Pedro (mapa 4). De acordo com o autor, essa área representava um eixo periférico no país, e foi ocupada em forma sistemática a partir da década de 1960, o que gerou profundas transformações na região. Aos efeitos da Guerra da Tríplice Aliança, os primeiros interesses na região surgiram a partir da venda de terras públicas nas últimas décadas do século XIX para proprietários e empresas privadas que se beneficiaram dos recursos da região a partir da extração de madeira, erva-mate e palmito. Ao final da década de 1950 a chegada da agricultura familiar e empresarial na região terminou de configurar os usos do território regional (VÁZQUEZ, 2006, p.52).

A região apresenta um forte dinamismo de fluxos materiais e imateriais orientado intensivamente e desigualmente numa direção transfronteiriça Leste-Oeste, fenômeno causado pelo sistema de produção brasileiro da soja que exerce um forte poder na organização do território com a instalação de capitais, silos, máquinas, sementes, entre outros, porém, a maior parte da produção tem o seu processamento industrial no Brasil (VÁZQUEZ, 2006, p.63). Também destaca-se que “*en términos geopolíticos la importancia de esta región se debe a*

que opera de “contacto” e interface con el vecino Brasil cuya relevancia en la vida económica nacional es evidente (VÁZQUEZ, 2006, p.65)”.



Fonte: Extraído de Vázquez, 2006.

O cultivo de soja para exportação exige uma necessidade constante de expansão, tornando-se uma atividade que consome grandes porções de espaço, exigindo nesse sentido, disponibilidade de terras, estando subordinada a preços internacionais e dispositivos tecnológicos de produção, e nisso, esse sistema modifica a estrutura do território, obrigando as populações do campo a migrarem ou a se refuncionalizarem de acordo com o que exige o sistema (VÁZQUEZ, 2006, p.54). Dessa maneira, “no espaço agrícola, a criação de um mercado unificado, que interessa, sobretudo às produções hegemônicas, leva à fragilização das atividades agrícolas periféricas ou marginais, do ponto de vista do uso do capital e das tecnologias mais avançadas (SANTOS, 1993, p.104)”. As produções hegemônicas aqui são referidas em relação às produções agrícolas voltadas à exportação, caracterizadas pelo monocultivo, pela concentração fundiária e pela monopolização dos meios de produção. Conseqüentemente, verifica-se que:

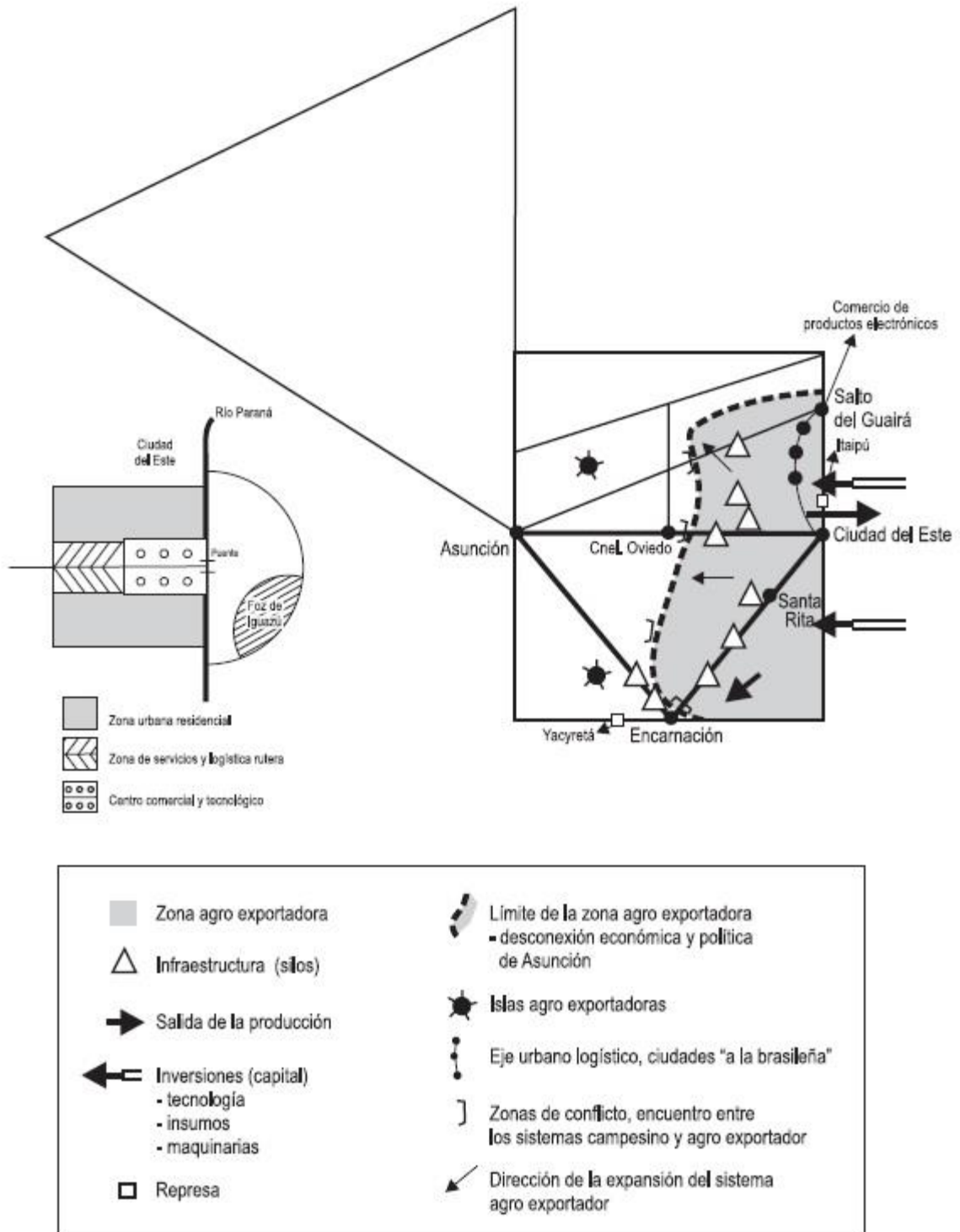
La expansión del sistema productivo agro exportador provoca serios conflictos por el acceso y uso de la tierra entre empresarios, campesinos, indígenas y autoridades locales y nacionales. La alta rentabilidad de la soja, a excepción de los años de sequía, genera un mercado especulativo de tierras, donde la informalidad jurídica de un gran número de propiedades, especialmente campesinas e indígenas, facilita el paso de parcelas de agricultura familiar o de bosques a las actividades agro exportadoras. Una parte de los agricultores paraguayos, en su mayoría campesinos, vende su tierra y migra a las zonas urbanas, preferentemente fuera de la región, en cuya periferia se instala con el dinero de la venta de sus lotes o sus mejoras. Este ingreso por la venta del inmueble representa para el mismo una suma considerable si se toma en cuenta sus escasos ingresos anuales en efectivo y que los brasileños pagan hasta tres o cuatro veces el valor de las tierras en Paraguay, que son siempre inferiores a los precios vigentes en los estados brasileños vecinos, especialmente en el de Paraná (VÁZQUEZ, 2006, p.61).

Para Vázquez (2006, p.65), no leste da região Oriental do Paraguai está implantado um sistema produtivo estrangeiro que canaliza a riqueza produzida ao seu país de origem, já que seus principais agentes são estrangeiros (majoritariamente brasileiros), expulsando as populações tradicionais do campo e desarticulando a região do sistema territorial paraguaio. Sobre a colonização brasileira da zona leste da região oriental do Paraguai, o geógrafo francês Gaignard coloca que a modernização, o desenvolvimento econômico e a nova dependência política, irão produzir um Paraguai “brasileiro” (VÁSQUEZ, 2006, p.46). No caso da expansão da produção de soja no país:

El proceso de adquisición de nuevas tierras para el cultivo de soja reconvierte no solamente el uso del suelo sino que, además y quizás más importante que eso, “brasileriza” el territorio con nuevos usos, significaciones, infraestructuras y funcionamientos culturales que, como resultado natural de la reproducción social y

territorial, convierte a la región agro exportadora en un dispositivo productivo sojero brasileño en territorio paraguayo (VÁZQUEZ, 2006, p.55).

Figura 5 – Esquema da dinâmica da região “Agro Exportadora”



Fonte: Extraído de Vázquez, 2006.

A comercialização dos produtos de agroexportação se realiza principalmente por vias terrestres por meio de caminhões e contêineres até chegarem aos portos no oceano Atlântico, localizados no Brasil, onde são exportados (VÁZQUEZ, 2006, p.56). Segundo o autor, uma parte da produção da soja é transportada também em barcaças pelo Rio Paraná em direção ao sul, até chegarem aos portos do Atlântico da bacia do Rio da Prata. Porém, a transformação se realiza majoritariamente no Estado do Paraná, no Brasil. O autor também coloca, nesse sentido, o Brasil como potência regional e o Paraguai como um país fortemente dependente dos países da região, sobretudo, do Brasil e da subpotência Argentina, fazendo com que o Estado paraguaio tenha pouco controle da expansão da soja e de seus agentes.

Segundo Vázquez (2006, p.61) os agricultores e imigrantes brasileiros em geral possuem apoio de autoridades no Brasil e de representantes na capital paraguaia Asunción, que defendem seus interesses, fator que acaba criando a imagem de um Paraguai construído por imigrantes. Como exemplo, o autor aponta que *“expresiones como “paraguayos no son solo los que nacen, sino también los que trabajan en Paraguay” sirven de muestra para ilustrar la justificación del discurso que apoya, alimenta y racionaliza económicamente la inmigración brasileña (VÁZQUEZ, 2006, p.61)”*.

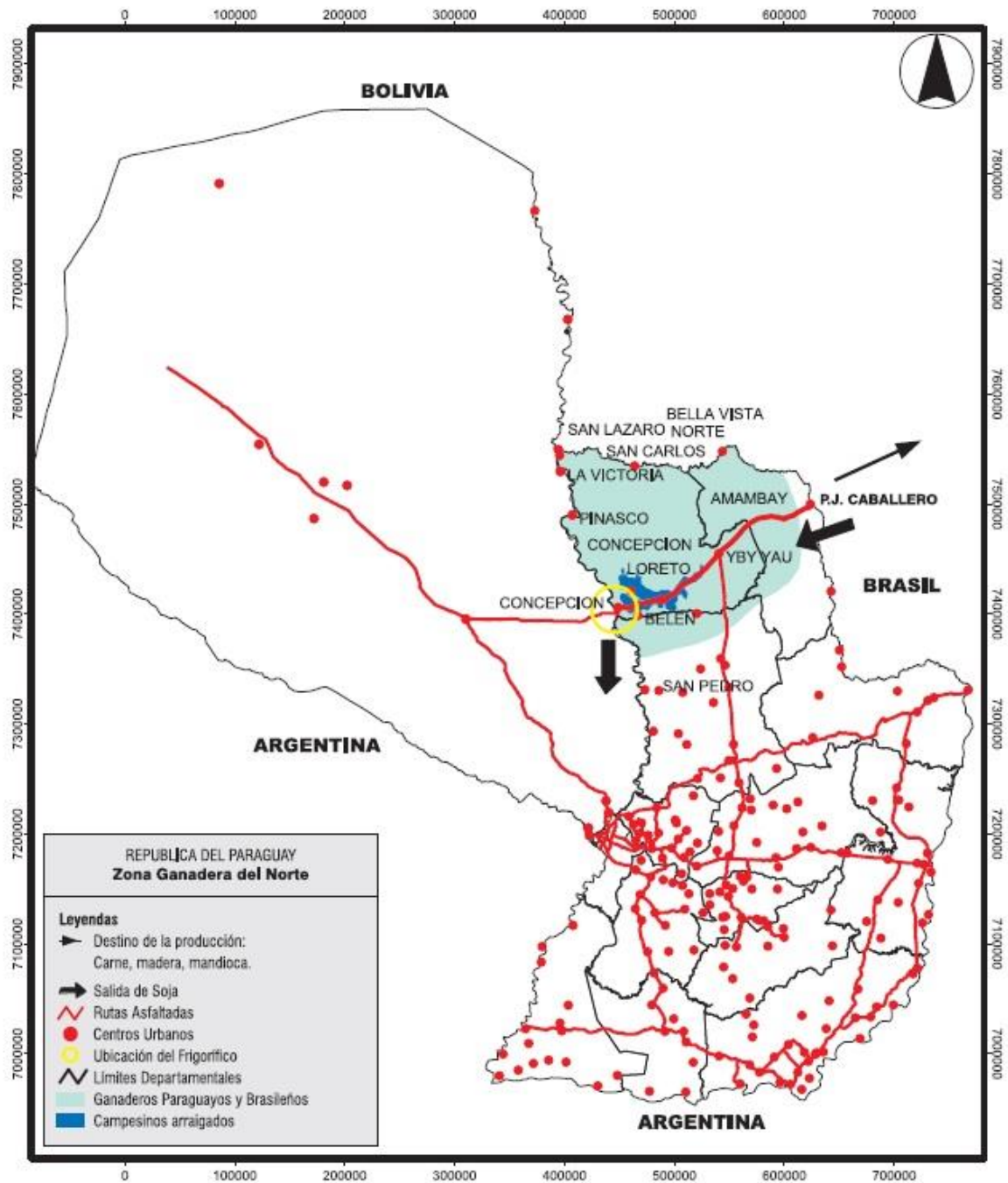
O autor ainda expõe uma “brasileirização” das atividades produtivas, dos serviços, da vida socioeconômica e cultural no Paraguai, tanto nos espaços urbanos, como também nos rurais. Como exemplos deste fenômeno, o autor cita como fluxos imateriais as antenas parabólicas e restaurantes ao estilo brasileiro, cartazes e letreiros em português, músicas, costumes, e a instalação de igrejas cristão-protestantes de origem brasileira (VÁZQUEZ, 2006, p.61-64).

O processo de instalação de agentes brasileiros no território paraguaio, também se instaura de forma intensiva na zona norte da região oriental do país, conformada por cidades como Concepción e Pedro Juan Caballero, qual Vázquez (2006) denomina de *“Región Ganadera Del Norte”* (mapa 5), devido às práticas territoriais dos agentes desta atividade econômica, incluindo os campesinos paraguaios, que produzem profundos efeitos na dinâmica regional, porém, ainda que essa região seja denominada em referência à criação de gado extensivo, há também uma expressiva produção agrícola na região (VÁZQUEZ, 2006, p.68). De acordo com o autor:

La región ganadera del Norte puede ser considerada como un verdadero “territorio de la carne”, caracterizado por su alta especialización en producción, transformación y comercialización de este producto, donde los actores involucrados disponen de una red de servicios e información que hacen posible el montaje y el funcionamiento del proceso productivo. Si bien el “territorio de la carne” se parece

más a un archipiélago de unidades productivas, podemos inferir que gran parte del sistema económico local y regional se encuentra articulado y en cierta medida dependiente del sistema productivo ganadero. No obstante ello, las antiguas y tradicionales estructuras ganaderas siguen existiendo y sus propietarios y administradores se hallan ante el dilema de reconvertirse o desaparecer (VÁZQUEZ, 2006, p.71).

Mapa 5 – Região “Ganadera del Norte”



Fonte: Extraído de Vázquez, 2006.

De acordo com o autor, os produtores de gado brasileiros começam a se constituir como agentes importantes na região, a partir da aquisição de terras na área fronteira com o Brasil, nos departamentos de Concepción e Amambay que estão próximos do estado brasileiro de Mato Grosso do Sul. Alguns desses agentes são originários do sistema agro exportador da zona leste da região Oriental do país, que além de serem atraídos pelo baixo preço das terras, aliam as atividades de agricultura e pecuária extensiva devido à crescente demanda dessas mercadorias a níveis regionais e mundiais (VÁZQUEZ, 2006, p.69). Conforme o autor:

El tamaño del mercado brasileño y sus niveles de exportación internacional inciden en el sistema paraguayo, tanto de precios como de acceso a mercados, especialmente por el tamaño de estos y la profunda imbricación de la economía de frontera paraguaya, en esta región ganadera, con la economía brasileña (VÁZQUEZ, 2006, p.72).

Os produtores brasileiros, geralmente com uma capacidade financeira elevada, modernizam a produção introduzindo investimentos em tecnologia e genética, por exemplo, sendo importante ressaltar que a gestão dessas propriedades é feita a distância, pois a maior parte dos proprietários reside em cidades brasileiras como São Paulo - SP e Campo Grande - MS (VÁZQUEZ, 2006, p.70-71). Nisso:

“ [...] recriam-se subespaços mediante nova regionalização, que tanto pode ser fato de produções homogêneas, que colonizam e definem uma fração do espaço com base em uma mesma atividade, ou de uma combinação de atividades, como pode provir de relações necessárias entre um núcleo e o seu entorno imediato. [...] de outro lado, outro recorte espacial, formado pela união dos pontos de apoio das corporações no seu processo produtivo, ligando e relacionando lugares estratégicos da produção propriamente dita, da comercialização, da informação, do controle, da regulação (SANTOS, 1993, p.115).

Esse processo de interdependência entre os dois países, produzido pelos sistemas produtivos da pecuária e da agricultura destinadas à exportação, revela a existência de um circuito espacial de produção que integra agentes e territórios de forma seletiva e hierárquica, constituindo uma divisão territorial do trabalho (CASTILLO e FREDERICO, 2010). Nesse cenário, entende que:

Com a crescente especialização produtiva dos lugares, possibilitada pela combinação entre o desenvolvimento dos sistemas de transportes e comunicações e a política de Estados e empresas, aumentam os fluxos materiais e informacionais, distanciando cada vez mais os locais de produção dos locais de consumo, tornando cada vez mais complexas a distribuição espacial das atividades econômicas e a

articulação entre as diferentes etapas, em diferentes lugares, da produção (CASTILLO e FREDERICO, 2010, p.462).

Um exemplo desse fenômeno mostra-se a partir deste exemplo em território paraguaio:

La empresa brasileña Berti, propietaria del frigorífico de Concepción, posee además otros frigoríficos en Brasil, en la zona fronteriza, integrando la red de productores, proveedores y exportadores brasileños. De esta forma, parte del ganado producido y procesado en la región ganadera del Norte es controlada por este grupo empresarial, en su sistema y flujos de comercialización. (VÁZQUEZ, 2006, p.72).

As dinâmicas produtivas da região estão orientadas ao mercado fronteiriço, sendo dependentes e controladas por agentes brasileiros que “importam” tal dinamismo, e nesse sentido, os fluxos econômicos são oriundos e também se destinam à fronteira brasileira (VÁZQUEZ, 2006, p.78). Contudo, o autor ainda expõe um exemplo do fenômeno de brasileirização que ocorre na cidade de Concepción:

[...] la ciudad de Concepción vive actualmente un proceso de brasilización de sus actores perceptible principalmente en los servicios gastronómicos y hoteleros y, en grado secundario pero no menos importante, en la influencia cultural que ejerce aquel país. Esta última se hace patente ostensiblemente en el predominio de la música brasileña que domina casi con exclusividad las programaciones radiofónicas de la ciudad, además de la presencia cada vez más generalizada del idioma portugués. En este contexto se comprende que una comunidad del Norte de la región ganadera del departamento de Concepción se denomine “Puenteciño”, un neologismo castellano de origen portugués (puentecinho) que oficia de diminutivo del vocablo puente (VÁZQUEZ, 2006, p.75).

2.3 Urbanização, agronegócio e a brasileirização do território paraguaio

A partir das reflexões de Vázquez (2006) acerca da estrutura urbana e do sistema territorial paraguaio, podemos salientar a intensa influência brasileira sobre a reconfiguração territorial do Paraguai, sobretudo nos departamentos limítrofes com o Brasil, e a profunda dependência e subordinação da economia paraguaia aos agentes e mercado brasileiros. Tanto a Região Agroexportadora, como a Região Ganadeira do Norte, denominadas por Vázquez (2006), são caracterizadas pelas inversões de agentes brasileiros e alguns europeus, que polarizam as atividades econômicas mais importantes, incluindo a industrialização (VÁZQUEZ, 2006, p.73). Tal processo produz um fenômeno de brasileirização cultural, socioeconômica, e política em algumas regiões do país, ameaçando de certa forma a soberania nacional e as tomadas de decisões por parte do Estado paraguaio. Assim:

Nesse exercício de poder, o Brasil já atravessou a película vítrea de sua fronteira, em toda a sua extensão, na direção da diversidade de seus vizinhos. Introduziu sua cultura, sua economia, seu domínio, inserindo-se numa territorialidade alongada onde atua sem constrangimentos. Os sinais da Rede Globo não poupam sua hegemonia sequer nos grandes centros e capitais de países vizinhos; o português muda o acento do espanhol; proprietários brasileiros incorporam terras estrangeiras em seu patrimônio; produtores melhor capacitados tecnologicamente são selecionados por um mercado que não contempla os conterrâneos menos habilitados (MOURA, 2000, p.88).

Essa problemática é dada, sobretudo, pelos efeitos da Guerra Tríplice Aliança que acarretou mais tarde na venda de terras públicas à proprietários privados estrangeiros, às políticas de imigração por parte do Estado aliadas ao baixo custo de terras no país atraindo um grande contingente de brasileiros, à expansão da agricultura de exportação por agentes estrangeiros (na maioria brasileiros), pela baixa industrialização, e pela condição de não ter saída ao mar, fazendo com que a maior parte dos fluxos de exportação/importação sejam realizados por intermédio dos territórios e portos de países estrangeiros (Brasil e Argentina). Esses efeitos, em sua maioria, são externalidades de projetos e estratégias geopolíticas por parte do Estado paraguaio, bem como do Estado brasileiro, que se materializam no território, configurando e influenciando as dinâmicas socioespaciais nas escalas regionais e locais.

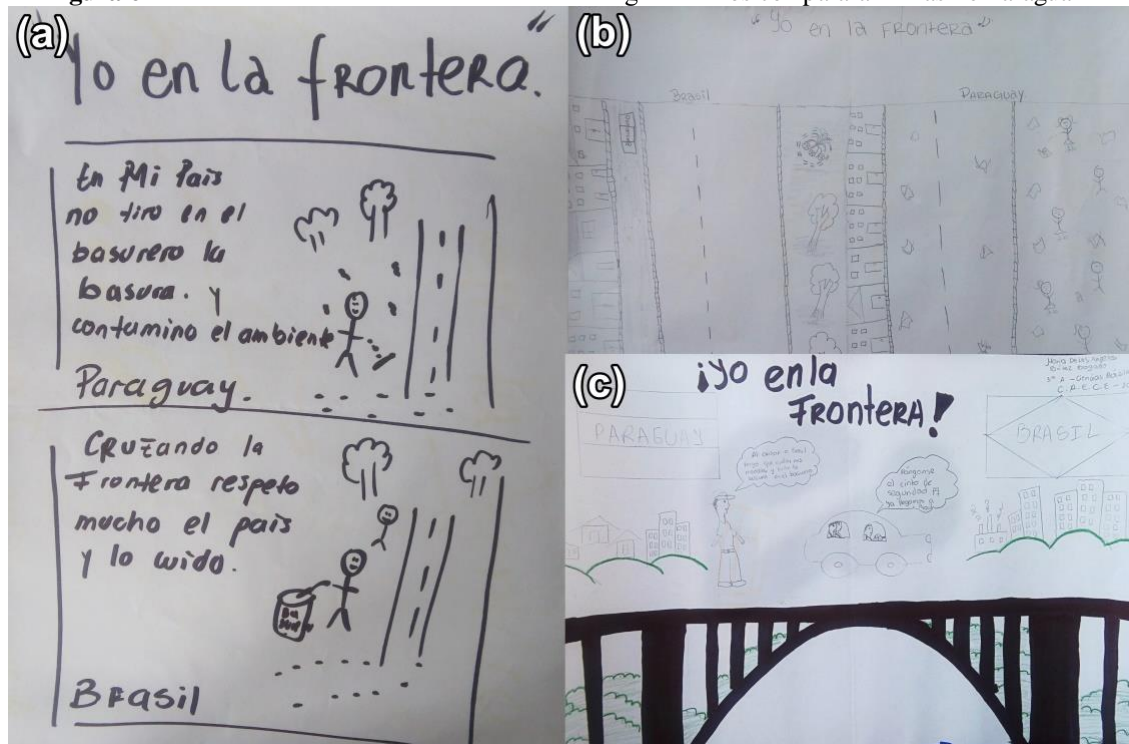
Nesse cenário, percebe-se que através de determinados agentes, o Brasil “adentra-se” em uma parcela do território paraguaio, inserindo seus meios de produção, capital, organização e cultura, atraindo o Paraguai à sua órbita. Em contrapartida, um grande número de paraguaios migra ao Brasil em busca de trabalho, serviços e outras vantagens que este país oferece em relação aos encontrados no Paraguai. Alguns desses migrantes realizam um percurso diário de migração de trabalho, em muitos casos, em contexto de informalidade, outros migram definitivamente ocupando-se em uma variedade de atividades. Um alto índice de cidadãos paraguaios com níveis maiores de qualificação em relação a média da população nacional também migra ao Brasil em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Por outro lado, muitos brasileiros migram ao Paraguai. Muitos são atraídos por terras mais baratas em relação ao Brasil, por cursos de graduação como medicina, principalmente em universidades privadas do país, devido ao menor custo das mensalidades em relação aos encontrados no Brasil, para trabalharem nos cultivos de agroexportação de proprietários brasileiros que preferem muitas vezes a mão-de-obra de brasileiros, e alguns, com qualificações mais elevadas, também migram para ocuparem determinados cargos ocupacionais de melhor nível, já que existe certa valorização do “brasileiro” no mercado paraguaio.

Nisso, especula-se certo “status” de superioridade do Brasil no Paraguai, ainda que existam conflitos que induzem à visão de que os brasileiros são “invasores” por parte de uma camada da população paraguaia, devido ao contexto conflituoso dos grandes proprietários brasileiros de terras paraguaias destinadas ao agronegócio. Essas terras, nas mãos de proprietários brasileiros e outros estrangeiros que representam 2% da população, ocupam aproximadamente 85% das terras do país (Pachamama - La Soja de la Ira, TELESUR, 2013), produzindo a expulsão das populações rurais paraguaias do campo.

Em uma atividade de percepção sobre a fronteira (figura 6), realizada durante o projeto de extensão “Urbanismo nos Territórios de Fronteira” com alunos de ensino médio de um colégio de Ciudad del Este no Paraguai, é possível perceber vestígios do “senso comum” de superioridade do Brasil em questões de organização e desenvolvimento. Uma parte dos alunos representou na atividade as diferenças entre Brasil e Paraguai, colocando o último em situação inferior. O assunto mais recorrente foi a questão da organização e limpeza dos espaços públicos das cidades de ambos os países. No imaginário de alguns alunos, por exemplo, o Brasil é um país onde as pessoas “colocam o lixo na lixeira”.

Figura 6 – Atividade “EU NA FRONTEIRA” onde alguns alunos compararam Brasil e Paraguai¹⁵



Fonte: Projeto de Extensão “Urbanismo nos Territórios de Fronteira”, 2015-2016.

¹⁵ A imagem (c) representa pessoas de nacionalidade paraguaia atravessando a Ponte da Amizade para o Brasil. O primeiro balão contém a seguinte frase: “Al cruzar a Brasil tengo que cuidar mis modales y tirar la basura en el basurero”; e o segundo: “Pónganse el cinto de seguridad porque ya llegamos a Brasil”.

Outra questão importante abordada está relacionada ao agronegócio, sobretudo no que tange ao sistema produtivo da soja. A dinâmica de articulações dessa produção no país, nos mostra a conformação de um circuito espacial produtivo regional. A transnacional Syngenta, por exemplo, publicou um anúncio em 2003 denominando de “República Unida da Soja” (figura 7) um território que abrange parcelas de países como Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai. (FERNANDES, 2009, p.210). No anúncio, basicamente todo o território paraguaio faz parte da denominada “República Unida De La Soja”. Nisso, questiona-se também um processo de reprimarização da economia dos países latino-americanos, ou seja, a consolidação de economias exportadoras de commodities e que são altamente dependentes desse mercado.

Figura 7 – Anúncio da corporação Syngenta demarcando o território da “República Unida da Soja”

República Unida de la Soja

La soja no conoce fronteras.
La información de Centinela, tampoco.

Centinela es un servicio de asesoramiento especializado que Syngenta ofrece a todos los productores que utilicen sus productos.

El Programa incluye:

- Monitoreo y asesoramiento de la soja en USA, USA, México, Paraguay y Brasil.
- Soluciones tecnológicas actualizadas de todo campo.
- Contenido interactivo de información con video y audio.
- Línea de consulta telefónica para resolver todas las enfermedades de soja.
- Talleres y capacitaciones con control y dirección telefónica de enfermedades.
- Poder Centinela: un agente virtual con información 24 horas al día de las enfermedades de soja en la región.

Con el respaldo de Syngenta y su red extensa de productores para prevenir y controlar todas las enfermedades de la soja.

Centinela
programa regional de información
Abastece en el diagnóstico y a Centinela en el control.

Para adherirse al Programa Centinela o recibir mayor información, comuníquese al Centro de AgroSoluciones Syngenta: 0-800-444-4304, agro.soluciones@syngenta.com | www.syngenta.com.ar

Consiga en su DISTRIBUIDOR SYNGENTA todo lo que su soja necesita para rendir al máximo.

Fonte: GRAIN¹⁶ (2013).

Nesse cenário, indaga-se também em que medida os projetos de infraestrutura nos países respondem a essa orientação econômica de caráter primário. Os projetos do IIRSA¹⁷ (Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana) são um exemplo. De

¹⁶ Disponível em: <<https://www.grain.org/es/article/entries/4739-la-republica-unida-de-la-soja-recargada>>. Acesso: 09/10/2016.

¹⁷ “La Iniciativa para la Integración de la Infraestructura Regional Suramericana (IIRSA) es un mecanismo institucional de coordinación de acciones intergubernamentales de los doce países suramericanos, con el objetivo de construir una agenda común para impulsar proyectos de integración de infraestructura de transportes, energía y comunicaciones (COSIPLAN - CONSEJO SURAMERICANO DE INFRAESTRUCTURA Y PLANEAMIENTO)”. Disponível em: <<http://iirsa.org/Page/Detail?menuItem=28>>. Acesso: 08/10/2016.

acordo com Ana Esther Ceceña (2009), o capitalismo se reconstrói por meio de um conjunto de estratégias que abarcam megaprojetos de reordenamento territorial e também de reordenamento político. Sobre os projetos infraestruturais do IIRSA, a autora assinala:

La infraestructura que se propone – y que se requiere – es justamente la que permitirá que América Latina convertirse en una pieza clave en el mercado internacional de bienes primarios, a costa de la devastación de sus territorios, abriendo nuevamente las venas de la abundancia que sangran a la pachamama y que alimentan la acumulación de capital y la lucha mundial por la hegemonía (CECEÑA, 2009).

Os países latino-americanos estarão inseridos em uma lógica refuncionalizada contemporânea de colonização? Ou essa característica colonial atualmente é modernizada, nunca tendo sido rompida? Ficam os questionamentos.

A expansão desenfreada do agronegócio não produz somente problemas nos espaços rurais como a expulsão das populações tradicionais (campeiros, comunidades indígenas, entre outros), danos ambientais e à saúde das populações rurais devido à elevada utilização de agrotóxicos nos cultivos, mas também, produzem problemas nos espaços urbanos, pois a população expulsa do campo migra em direção às cidades, e devido às baixas condições socioeconômicas e de escolaridade, um grande contingente acaba se instalando nas áreas periféricas das maiores cidades, em condições habitacionais precárias, alimentando cinturões de pobreza, reféns do descaso público e político por parte das esferas governamentais.

Esse processo diminui também a qualidade de vida nas cidades, uma vez que não há planejamento efetivo e eficiente por parte das instituições governamentais em relação ao estabelecimento desse contingente de população, acarretando na superlotação das unidades de saúde, na falta de vagas em instituições escolares, entre outros problemas, como o aumento da violência, decorrente da marginalização das populações mais pobres: excluídas pelo poder público e pela sociedade. Ainda há existência de casos em que habitantes de áreas rurais contaminam-se com os agrotóxicos utilizados pelo agronegócio, adquirindo doenças graves como câncer, o que os obriga a migrarem para as maiores cidades em busca de tratamento médico.

O cenário descrito nesses dois últimos parágrafos pode ser verificado nos casos apresentados no documentário Pachamama - La Soja De La Ira, produzido pela Telesur. De acordo com o documentário, as estatísticas e estudos realizados pelo Hospital Central de Asunción, averiguam que a maior parte do aumento de casos de câncer sanguíneo e deformações genéticas provinham de pessoas que vivem em zonas próximas aos cultivos de

soja onde utilizam agrotóxicos. Se atribui, portanto, que “*en Paraguay el viaje del campo a la ciudad no solamente se hace buscando una mejor vida, sino que a veces, se hace para salvar la vida* (Pachamama – La Soja de la Ira, TELESUR, 2014)”. No documental é possível também verificar que uma parte dessas populações decide voltar ao campo criando assentamentos para cultivar terras, pois na cidade continuam estando sujeitas a dificuldades e à expulsão e a remoções forçadas em decorrência da implantação de estabelecimentos privados e de projetos de “renovação” urbana que buscam tornar esses espaços atrativos para o capital, ambos apoiados pelas esferas governamentais.

O documentário mostra o caso de um desses “cinturões de pobreza” na capital Asunción, o Bañado Sur, onde habitam um número expressivo de moradores que vieram do campo. A maioria trabalha com reciclagem para o sustento da família. De acordo com o documental, essas famílias vivem em condições habitacionais e sociais precárias, e ainda são ameaçadas de remoção por um projeto de instalação de um parque industrial no local. No audiovisual os moradores relatam a situação de exclusão social e descaso político que sofrem, ressaltando a necessidade dessas populações organizarem-se politicamente como movimentos sociais, para buscar melhores condições de vida e garantia de direitos. Destacamos alguns fragmentos:

Ni siquiera existiera en la mapa, ni siquiera aparecía este lugar, el bañado, en el mapa. Este era un lugar inundable, donde pasaba cloaca, todo eso nosotros teníamos que llenar, teníamos que trabajar, teníamos que reciclar, para ganar un poco de plata (Moradora, Pachamama - La Soja de la Ira, TELESUR, 2014).

El gobierno nunca nos ayuda, si queremos mejorar depende de nosotros, nos encargamos de las calles para que sean lindas. Ahora estamos haciendo una rifa para mejorar a las calles (Morador, Pachamama - La Soja de la Ira, TELESUR, 2014).

Queremos un futuro, pero un futuro que piense desde abajo, desde abajo porque desde arriba nosotros no esperamos ningún futuro. No tenemos un futuro desde arriba entonces nosotros pensamos como organización [...] revolucionaria, de hacer cosas desde abajo (Moradora, Pachamama - La Soja de la Ira, TELESUR, 2014).

Uma moradora ainda assinala o problema com as drogas nos bairros pobres:

[...] nosotros creemos que el crack viene justamente acá en el lugar de los pobres, porque como se dice, el mata pobre, entonces para matarnos a todos [...] (Moradora, Pachamama - La Soja de la Ira, TELESUR, 2014).

No campo, o documentário também apresenta relatos de camponeses na luta pela terra. Muitos se organizam em assentamentos para poderem realizar seus cultivos para

autoconsumo, e estão constantemente em conflito com os grandes proprietários de terras destinadas ao monocultivo, sobretudo, da soja. Relatam também o descaso político e a violência das repressões policiais:

Fueron muy violentas las represiones que sufrimos, hasta mataron a los animales, nuestras cosechas fueron destruidas, quemaron nuestros ranchos y hubo muchísima violencia por parte de los policías, aquí en este lugar. Los brasileños son los que están detrás de las represiones, pero fueron los policías mismos (nacionales) que vienen con los fiscales y reprimen y queman. Y hasta los mismos brasileños vinieron y prendieron fuego a la escuela [...] lo que quieren estos brasileños es arrendar la tierra para sembrar soja. Por eso ellos mismos actúan con los policías para reprimirnos (Campesina, Pachamama - La Soja de la Ira, TELESUR, 2014).

Um ativista também coloca em seu relato no documentário a incompatibilidade do modelo agroexportador com o da agricultura familiar e de subsistência:

No hay posibilidad de que el modelo agroexportador con el modelo de producción de agricultura familiar campesina coexistan porque físicamente no existe el territorio para que los dos modelos de producción existan y porque el uso de agrotóxico mata toda la vida humana y la biodiversidad en general [...] ambientalmente imposible, socialmente imposible (Ativista, Pachamama - La Soja de la Ira, TELESUR, 2014).

A partir dessas considerações, verifica-se atualmente um processo de reconfiguração do campo, onde este deixa de ter uma condição periférica, para inserir-se no mercado global por meio de agentes e capitais hegemônicos. Esse processo é perverso, pois induz a migração forçosa das populações rurais tradicionais para os espaços urbanos, onde um grande contingente termina instalando-se em bairros pobres, carentes de infraestrutura e de serviços básicos. O capital converte os valores de uso da terra, utilizada como meio de vida humana, autoconsumo e subsistência, tornando-a mera fonte de produção de lucro acumulativo e expansivo.

No estágio atual do modelo capitalista de produção, principalmente nos países com economias fundadas na exportação de commodities agrícolas, o campo adquiriu outro conteúdo e outro papel, destinado ao monocultivo para exportação, com atividades pautadas na utilização massiva de tecnologias e ciências hegemônicas (mecanização, agroquímicos, sementes geneticamente modificadas), e que são concentradoras de terra. Essas atividades modificam o território e movem populações.

O êxodo rural é uma consequência das relações de classe advindas desse processo, que parece varrer a maior quantia possível de população do campo que não esteja inserida no modelo agroexportador de produção, já que isso evita entraves para a expansão de

propriedades destinadas ao agronegócio. Nesse sentido, o êxodo é um movimento produzido pela lógica do capital, o capital que precisa de exploração para acumulação, e para isso, precisa de mais terra – na mão de poucos. A partir dessa reconfiguração territorial, observa-se que as cidades atuam como espaços receptores e acumuladores de população, tornando-se também, espaços privilegiados da perversidade e da desigualdade.

Capítulo 3. AS ESCALAS DO CAPITAL E AS MOBILIDADES DE TRABALHO NA FRONTEIRA TRINACIONAL

No cenário do capitalismo contemporâneo, entender os processos de mobilidade humana é fundamental para compreendermos o espaço geográfico. Alicia Lindón nos atenta que:

[...] en el mundo actual asistimos a un incremento de la movilidad espacial de las personas bajo diversas modalidades: migraciones temporales, cíclicas, definitivas, movilidad diaria incrementada al mismo ritmo que se extienden las metrópolis, movilidad por ocio a distancias a las cuales hace algunas décadas era casi impensable, movilidad residencial intraurbana, movilidad por viajes de trabajo, incluso atravesando fronteras nacionales de manera cotidiana (LINDÓN, 2007, p.75).

O processo de concentração de terras e expansão da fronteira agrícola recente no Paraguai tem como efeito a expulsão de um grande contingente de populações do campo para a cidade. Muitas dessas pessoas acabam sendo utilizadas em trabalhos temporários nas épocas de colheita das grandes plantações no próprio país ou no estrangeiro¹⁸. Nessas condições, são conhecidos como “*trabajadores golondrinas*”¹⁹, ou “trabalhadores andorinhas” no português, que migram de acordo com as oportunidades que aparecem para se trabalhar no campo, na maioria das vezes em condições precárias e degradantes.

Outros terminam migrando para as maiores cidades, como a capital Asunción e Ciudad del Este, e também para cidades na Argentina e no Brasil (em maior proporção). Segundo Ayala:

El desarrollo de nuestra agricultura ha sido entorpecido por la llamada ‘crisis de la mano de obra’. Los cultivadores agrícolas, los ‘peones’, hartos de profesión tan ‘baja’ y ‘envilecida’, dan manotadas a las puertas de sus pobres hogares y se marchan camino de la ciudad y el extranjero (AYALA, 2941, p.8 apud KRAUER, 2011, p.774).

Muitos desses migrantes terminam estabelecendo-se nas áreas periféricas dessas maiores cidades, onde se encontram em um novo cenário de abandono público, tendo que

¹⁸ Um dos exemplos de casos, é o apresentado por uma notícia do periódico eletrônico “Frente Transversal”, o presidente do Movimento Campesino de Formosa (MOCAFOR), Benigno López, afirma que a maior parte dos trabalhadores rurais na província argentina de Formosa estão trabalhando de forma clandestina e que “en los campos de importantes políticos y empresarios, al margen del río Pilcomayo, en la frontera con Paraguay, el 75% de los trabajadores son paraguayos indocumentados que trabajan en condiciones infrahumanas” (FRENTE TRANSVERSAL, 2011). Disponível em: <<http://www.frentetransversal.org.ar/El-mapa-del-trabajo-forzado-en-el>>. Acesso: 18/09/2016.

¹⁹ Termo utilizado para designar os trabalhadores temporários que migram a diferentes lugares de acordo com as “temporadas” das diferentes produções no campo.

criar novas estratégias de sobrevivência e resistência. Os camponeses que acabam indo para as áreas urbanas encontram diversas dificuldades, uma vez que, a maioria possui baixa escolarização, o que torna difícil empregarem-se em setores formais de trabalho. Conforme Heikel e Bahr (2011, p.830) “a partir de 1960 existe un desplazamiento de mano de obra desde el sector primario hacia el terciario que acompaña la estrategia de inversiones en el país y los movimientos internos de su población”. Nisso, muitos desses migrantes começam a desenvolver atividades não formais, e muitas vezes precárias, para poderem se sustentar, trabalhando, por exemplo, como vendedores ambulantes e catadores de resíduos recicláveis.

No que tange ao caso da rede urbana de Ciudad del Este, “as atividades vinculadas ao turismo de compras e ao contrabando são responsáveis pela criação de postos de trabalho que atraem uma população de imigrantes provenientes de fora da Tríplice Fronteira e de inúmeros processos transfronteiriços (CARNEIRO, 2016, p.186)”. Segundo Viladesau (2011, p.875), “[...] la “apertura” de mercado que caracteriza a la economía paraguaya que favorece el contrabando”. Todo esse processo se realiza em uma ampla rede de relações: sociais, políticas, econômicas, culturais e antagônicas. A comercialização de eletrônicos e demais produtos no Microcentro de Ciudad del Este é um exemplo desse fenômeno:

Dos contêineres desembarcados no porto Santos às lojas de galeria, os produtos passam pelas vias de redes mais longas e mais intrincadas por onde o empreendimento pesado do contrabando se efetiva entre exigências de infraestrutura (transporte e armazenagem), manipulações fiscais (fraudes, suborno, corrupção) e dispositivos comerciais locais que acionam o comércio de rua e sua legião de ambulantes para viabilizar a ampla distribuição dessa quantidade incontável de produtos de qualidade mais do que duvidosa, cópias baratas, falsificações mal feitas, ou desses falsos-verdadeiros, como diz Alain Tarrius (2007), ao descrever esse tipo de comércio no Leste Europeu (TELLES, 2010, p.191).

As possibilidades dadas pela condição de fronteira fazem com que as camadas mais pobres da população sejam usadas como mão-de-obra barata em território estrangeiro. Nisso, tornam-se transmigrantes pendulares, que realizam migrações diárias e de curta-duração (CARNEIRO, 2016). Moura e Cardoso (2016, p.216), entendem esses fluxos como deslocamentos pendulares, não os considerando de caráter migratório, já que não implicam em mudança domiciliar. Para os autores “os deslocamentos pendulares apontam fluxos importantes na extensão da faixa e da linha de fronteira, seja pelo volume de pessoas, seja pela proporção que representam sobre o total dos fluxos (MOURA e CARDOSO, 2016, p.215)”.

Baixos salários e ausência de direitos trabalhistas são alguns dos elementos que constituem a precarização de alguns trabalhos em que essas pessoas são obrigadas a se

submeter. Nesse debate, também nos cabe indagar em outras reflexões, de que medida o trabalho formal é acessível ou mais vantajoso para essas pessoas. Em território estrangeiro, essas pessoas que trabalham de forma irregular são desamparadas de leis, o que acaba sendo vantajoso para muitos oportunistas que se aproveitam das brechas da condição de fronteira, onde contratam o estrangeiro para poderem pagar baixas remunerações e não precisarem garantir os direitos do trabalhador previstos em legislação nacional. Nesse cenário, “vários são os exemplos dos trabalhadores que estabelecem fluxo diário ou regular entre as cidades que dividem a linha de fronteira, e muitos são trabalhadores sem garantia trabalhista ou de cidadania, indocumentados (MOURA e CARDOSO, 2016, p.215)”. Dentre os empregos inseridos nestas situações, estão as empregadas domésticas, os ajudantes de carga (de diversas mercadorias em empresas de variadas categorias), os trabalhadores da construção civil, entre outros (VILADESAU, 2011, p.868).

Entre as cidades de Foz do Iguaçu (Brasil), Ciudad del Este (Paraguai) e demais municípios lindeiros, muitos paraguaios atravessam o limite internacional para trabalharem no Brasil nas atividades mencionadas anteriormente. Vice-versa, brasileiros também vão diariamente ao Paraguai para trabalhar majoritariamente como funcionários no comércio desenvolvido no Microcentro de Ciudad del Este, onde a maioria da clientela é brasileira. Porém, também há um considerável número de residentes no Brasil que são proprietários de empresas e comércios no lado paraguaio²⁰. Para Carneiro (2016, p.26) “[...] a integração econômica de países limítrofes gera perturbações ao atenuar diferenças vantajosas, notoriamente em termos fiscais, do tipo de câmbio e de legislação ambiental. Os mercados do contrabando são um exemplo”. De acordo com Viladesau:

[...] existe un tercer grupo, mucho menos numeroso, que es el de los comerciantes establecidos del sector formal de esta rama de actividades. [...] El hecho es que diariamente cruzan la frontera para atender sus negocios del otro lado. [...] estos comerciantes establecidos tienen normalmente comercios similares o complementarios en ambos lados y desarrollan una estrategia de inversiones comerciales enteramente dependiente de las fluctuaciones de las monedas y de los precios internos de cada país involucrado (VILADESAU, 2011, p.868).

²⁰ “Un caso extremo en Paraguay es el de Ciudad del Este. En una reciente crónica periódica (ABC/11/11/1993) haciendo alusión a un estudio realizado por la Fundación Para el Desarrollo Integral del Hombre, se afirma que el 60% de los comerciantes de dicha ciudad vive en Foz de Iguazu, Brasil. Según dicha crónica estos comerciantes “son como parásitos, llegan a las 7 de la mañana, abren los negocios hasta las 17, volviendo a Brasil con el producto de su comercio sin importarle en lo más mínimo el desajuste social ocasionado por ellos. La mayoría de estos comerciantes son árabes y chinos, quienes consiguieron su radicación en el Brasil, pero tienen sus negocios en esta capital departamental... las ganancias del día la remesan a Brasil... a los paraguayos no les queda entonces otra posibilidad que la de ser mesiteros, vendedores ambulantes, comerciantes marginales...” (VILADESAU, 2011, p.872-873).

Viladesau (2011) denomina esses trabalhadores de “binacionais” ou “transfronteiriços”. Segundo o autor, uma grande parte dos habitantes paraguaios de fronteira inseridos nessa categoria pertence ao setor informal da economia, muitos deles trabalhando como vendedores ambulantes no país estrangeiro, ou na passagem de mercadorias na fronteira de forma clandestina²¹, porém, estes últimos, conhecidos como “*paseros*”, não chegam a realizar a migração (VILADESAU, 2011, p.867-868). De acordo com Heikel:

La “modernización” del empleo sin industrialización, o mejor, la tercerización temprana de la economía es lo que condiciona la forma de inserción ocupacional... Una de las consecuencias es la proliferación de trabajos de mala calidad en el terciario no-formal, que se presenta como una alternativa (a veces la única) para el empleo no agrícola y que además ocupa principalmente a mujeres (HEIKEL, 1991a, p.262-263 apud HEIKEL; BAHR, 2011, p.831).

Os impactos dessas mobilidades, segundo Viladesau (2011, p.875) tem sido o crescimento dos fluxos migratórios transfronteiriços, o maior ritmo de crescimento das cidades fronteiriças paraguaias, bem como o surgimento de novos sujeitos migratórios, como o trabalhador, o consumidor e o estudante binacional ou transfronteiriço. Vale salientar que “cada região apresenta especificidades na atração, retenção ou evasão de fluxos migratórios ou pendulares (MOURA e CARDOSO, 2016, p.213)”.

Essa mobilidade e interação populacional que se dá pela existência de limites internacionais, muitas vezes é conflituosa. Tratando-se do trabalho, House (1980) assinala que as complementaridades e/ou diferenças entre dois países, por exemplo, podem gerar uma divisão transfronteiriça do trabalho (STEIMAN; MACHADO, 2002, p.11).

Um dos fatores que apresenta efeitos mais concentrados nas comunidades fronteiriças de ambos os lados de uma zona de fronteira é o trabalho. As oportunidades que oferece um Estado mais desenvolvido, sobretudo para a realização de tarefas pesadas descartadas pelos profissionais qualificados desse mesmo Estado, acarretam ao longo do tempo grande fluxo de trabalhadores do lado pobre para o lado mais rico do limite internacional. Esse fluxo pode ser constituído por trabalhadores diaristas ou sazonais, desqualificados ou semiquilificados, atraídos pelas oportunidades de trabalho e pelos possíveis pagamentos de assistência social no outro lado, mas, pelos mesmos motivos pode incluir também a saída dos mais qualificados do Estado menos desenvolvido. Se esse afluxo de trabalhadores reduz as pressões demográficas e o desemprego no Estado menos desenvolvido, pode também se converter em potencial para grave exploração de trabalhadores

²¹ “Un caso frecuente en toda la frontera, es el encontrado en Alberdi; un “canoero” cobra US\$ 1.50 por persona por el paso de un lado a otro. Si es mercadería cobra de acuerdo al “bulto”. Su señora vende verduras en un carrito en Formosa. Normalmente cruzan a la mañana temprano y regresan al final de la tarde. Otro caso típico es el de un joven, también alberdeño, que se dedica al paso clandestino de electrodomésticos. Vive hace cuatro años en Alberdi, hace el paso en canoa, conoce y es conocido por los aduaneros y gendarmería argentina y en algunas épocas “pasó hasta 4 televisores o videos por día”. Por el paso cobra US\$ 20 por cada aparato (VILADESAU, 2011, p.868)”.

ilegais na região de fronteira do mais desenvolvido (STEIMAN; MACHADO, 2002 p.12).

De acordo com Carneiro (2016, p.164) com base em Freitas (2009), “no caso do Brasil, os trabalhadores de outros países do bloco que vêm ingressando seu território de forma ilegal nos últimos anos têm levado ao surgimento de relações e trabalho degradantes a esses, situação que ocorre, sobretudo, com bolivianos e paraguaios”. Nas aglomerações urbanas transfronteiriças, as mobilidades pendulares conferem:

[...] interações entre os povos. Tais movimentos decorrem fundamentalmente de relações para trabalho e estudo, induzem o consumo, a demanda e o acesso a funções urbanas, bem como implicam trocas culturais, de hábitos e valores. No extremo, sugerem a busca pela realização de direitos que se confundem entre os lados da fronteira, muitas vezes inalcançados, devido a políticas inadequadas (MOURA e CARDOSO, 2016, p.217-218).

Vera da Silva Telles (2010, p.175), com referência nas pesquisas de Michel Peraldi (1999, 2002), destaca que as dinâmicas urbanas atuais são redefinidas pelos efeitos de formas de circulação de bens e riquezas que se dão em amplos circuitos da migração, onde se estruturam redes transnacionais de um proliferante comércio ambulante. Essas redes atravessam fronteiras e articulam centros comerciais de vários pontos do planeta, se territorializando sob as diversas formas do chamado mercado informal, em particular nas cidades de fronteira, que atuam como pontos de conexão de vários circuitos. Segundo Ruggiero (2000), nas palavras de Telles:

[...] anos de reestruturação produtiva e da chamada flexibilização das relações de trabalho que terminou por esfumaçar as diferenças entre trabalho, desemprego e expedientes de sobrevivência, na própria medida em que o assim chamado informal instala-se no núcleo dinâmico dos processos produtivos e, no mesmo passo, se expande pelas vias de redes de subcontratação e formas diversas de mobilização do trabalho precário, sempre nos limites incertos entre o legal, o ilegal, também entre o ilícito e o delituoso [...] (TELLES, 2010, p.173).

As migrações, segundo Telles (2010, p.181) com base nas reflexões de Sassen (1998), são constitutivas da história do capitalismo e atualmente é um vetor poderosíssimo dos modos de circulação de riquezas, sendo assim, devemos considerar os expedientes que se realizam nas fronteiras-passagens, assim como os percursos e as redefinições que se processam em função de agenciamentos político-repressivos, que causam efeitos consideráveis nas regiões de passagem, como conflitos, controles mafiosos, turbulências, violências.

As cidades da fronteira trinacional, na égide do limite de soberanias e normas de toda ordem, apresenta uma condição de permeabilidade que permite o desenvolvimento de atividades de todo tipo. Para Steiman e Machado (2002, p.13), os fluxos transfronteiriços dependem da existência do limite internacional. Conforme as referidas autoras, “[...] a formação e reprodução de redes e fluxos transfronteiriços é essencial para o delineamento de uma região de fronteira (STEIMAN; MACHADO, 2002, p.13)”. É nessas brechas entre diferentes soberanias, nas diferenças jurídico-normativas e monetárias, que essas atividades que transitam entre o legal e o ilegal encontram terreno fértil para proliferar-se. A corrupção em variadas esferas é um dos fertilizantes desse fenômeno. Nisso, verifica-se que:

Se há porosidade nos âmbitos formal-informal, legal-ilegal, lícito-ilícito, isso não quer dizer indiferenciação entre uns e outros, pois é justamente nas suas dobras que se dão os agenciamentos políticos (corrupção, extorsão, repressão, violência e as várias modulações dos mercados de proteção, entre outros) que condicionam essa ampla circulação de bens, mercadorias, pessoas e populações itinerantes (TELLES, 2010, p.181).

No ramo do comércio internacional, sobretudo, a fronteira é como um nó dos fluxos que alimentam a produção do capitalismo contemporâneo. Se formos comparar esses circuitos do capital com um sistema de distribuição de energia elétrica, as cidades-gêmeas de fronteira seriam como “gatos de energia” que se formam pelo emaranhado de fios de diferentes lugares. Nesse sentido, o espaço de fronteira é lugar privilegiado de curtos-circuitos: de interesses, de estratégias, de conflitos. De acordo com Steiman e Machado (2002, p.9) com base em Pradeau e John House, “[...] as regiões fronteiriças são, via de regra, concorrentes”. O caso do comércio de diferentes mercadorias entre os países da fronteira é um exemplo de conflito entre agentes, capitais e Estados. Em cada país, de acordo com cada legislação, existem cotas que estabelecem quantidades mínimas de mercadoria que pode ser adquirida em território estrangeiro. Entretanto, alguns tipos de produtos estão proibidos de serem trazidos de outro, pois além do Estado não arrecadar impostos com esse tipo de mercadorias, esse fluxo acaba prejudicando a comercialização de produtos nacionais, e nesse sentido, há uma guerra de mercados e capitais, e alguns desses utilizam outras estratégias para alcançar áreas que por meios legais não conseguiriam. Uma dessas estratégias é o trabalho informal: passagens clandestinas de mercadorias, o acionamento de vendedores ambulantes, etc.

Para Telles (2010, p.175) “os circuitos por onde circulam os produtos até chegar aos mercados populares nos centros urbanos fazem o traçado de verdadeiras redes transnacionais de trocas informais nas fronteiras porosas do legal e ilegal, sempre tangenciando os mercados

ilícitos”. E os trabalhos precários e/ou informais constituem papel fundamental na realização desse processo. No âmbito comercial, se desdobram as mais diversas interações, e estas se territorializam em variadas escalas: locais, regionais, nacionais e internacionais, todas interligadas. A partir da reflexão sobre os fluxos migratórios e mobilidades habitacionais, ocupacionais e cotidianas, podemos apreender, conforme Telles, a dinâmica mais ampla das transformações urbanas (ROSA, 2014, p.73-74). Nesse sentido, conforme Carneiro com base em Côrrea (2013):

Os processos de cooperação e interação transfronteiriça são conduzidos por atores que estão inseridos em redes sociais especializadas. Essas redes são construções humanas, elaboradas no seio das relações sociais de todo tipo, envolvendo poder e cooperação, além daquelas de outras esferas da vida. Tais redes sociais são mutáveis, posto que são historicamente contextualizadas, como uma rede de parentesco [...] ou uma rede formada por um grupo de cidadãos organizados em função de um interesse comum (CARNEIRO, 2016, p.29-30).

A partir de tais concepções, vale destacar a importância de nos atentarmos aos diversos fatores que configuram os diferentes territórios: trajetórias, narrativas, subjetividades, sensibilidades (ROSA, 2014, p.69). Ao nos atentar às trajetórias dos vendedores ambulantes de alho e suas mobilidades diárias entre as cidades da fronteira, precisamos considerar, segundo Alicia Lindón (2007, p.74), que os movimentos de grupos populacionais no espaço movimentam consigo capitais, símbolos, e informação. No contexto das cidades fronteiriças aqui tratadas, levemos em conta que:

Essa incessante mobilidade torna a faixa de fronteira um espaço contínuo, produzido pelas estratégias de sobrevivência e interação cotidianas de seus povos, fragmentado e carente quanto a políticas e práticas de integração. Esse longo espaço, instável, aparentemente semelhante, conforma-se a partir de um mosaico de diferenças, da mescla dos traços da diversidade desses povos, que dão origem a uma cultura híbrida e a identidades móveis e fugazes, nem dissimiles nem recorrentes, mas que se reinventam (MOURA e CARDOSO, 2016, p.218).

3.1 A trajetória-ação dos vendedores ambulantes de alho paraguaios

Ana Clara Torres Ribeiro já nos dizia que “[...] os tempos e espaços do existir continuam envolvidos nas regras e nos limites do cotidiano (RIBEIRO, 2000, p.22)”. Com isso, entendemos que os relatos e as narrativas dos sujeitos revelam suas trajetórias e ações cotidianas no espaço. Desse modo, nos vinculamos também à ideia de Rosa, com base em reflexões de Certeau (2003, p.207), de que:

Os relatos seriam, portanto, mais do que uma das condições essenciais de apreensão das trajetórias - são a própria “feitura dos espaços” por onde as trajetórias fluem e se condensam: “os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer”. Essa indissociabilidade entre percurso e relato vincula-se à ideia mesma de um “espaço praticado”, um espaço topológico, o qual pressupõe, por seu caráter relacional e móvel, a articulação com os tempos urbanos e os corpos (em movimento) dos atores, que delimitam e organizam espaços [...] (ROSA, 2014, p.73).

Subentende-se aqui como trajetória, os percursos realizados pelos sujeitos, entendidos como agentes sociais, uma vez que desempenham ações e relações com o espaço, tornando-o geográfico, produzindo territórios e territorialidades. Compreendemos que essas ações são condicionadas por contextos sociais, econômicos e políticos, e produzem dimensões simbólicas, identitárias e conflituosas no território. Nesse sentido, a trajetória é um conjunto de ações realizadas a partir da relação sujeito-território, sendo assim, uma trajetória-ação.

Durante a primeira ida para conversar com esses vendedores, a sensação foi de desconforto, já que alguns demonstraram estarem desconfiados de que eu fizesse parte de algum órgão de fiscalização querendo espioná-los. Na conversa, alguns chegaram a falar “*somos trabajadores honestos*”, “*trabajamos para sobrevivir*”. Durante as abordagens, procurei salientar aos vendedores que eu não perguntaria seus nomes, e que seria breve para não atrapalhar os seus trabalhos. Alguns vendedores se sentem mais a vontade, e espontaneamente começam a contar partes de suas histórias de vida. Uma das vendedoras que conversei, por exemplo, no momento que perguntei sua idade, me mostrou seu documento de identidade paraguaia para que eu anotasse a data de nascimento e outras informações que precisasse.

As abordagens foram realizadas durante os meses de agosto e setembro de 2016, em diferentes partes da área central da cidade de Foz do Iguaçu, e no bairro Vila C, na região norte da mesma cidade. Nos diálogos com alguns vendedores de alho paraguaios, e uma vendedora de pano de prato brasileira²². Fiz algumas perguntas (tabela 5) com o propósito de orientar o desenvolvimento e as reflexões desta pesquisa, sendo elas:

Tabela 5 – Perguntas realizadas nas entrevistas com as/os ambulantes

1. Idade?
2. Cidade natal e de residência?
3. Quanto tempo trabalha com tal atividade? Já trabalhou com outra(s)? Quais?

²² A vendedora de pano de prato, denominada aqui com o nome de Ana, de 47 anos, foi entrevistada por compartilhar o mesmo ponto de venda com dois vendedores de alho paraguaios (sendo uma mulher e um homem, casados), condição que cria relações de troca e de sociabilidade.

4. Em quantos membros vive em sua casa? Algum deles também trabalha na mesma atividade?
5. Quantas horas diárias trabalha? E quais dias da semana?
6. Trabalha em ponto fixo ou circula por outros lugares?
7. Onde compra o produto que vende? Sabe onde é produzido?
8. Quantos sacos de alho vende semanalmente?
9. Como chega ao lugar onde trabalha? De quanto tempo é o percurso?
10. Quanto gasta por dia para trabalhar?
11. Onde almoça?
12. Já foi alvo de repressão policial ou fiscalização?

Fonte: Elaboração nossa, 2016.

Durante as entrevistas, os vendedores também contavam outras coisas de forma espontânea. Ao final, pedi aos entrevistados que me falassem à vontade algo do Brasil e do Paraguai. Consegui também acompanhar, por aproximadamente 1 hora cada um, dois destes vendedores que trabalham vendendo alho em um bairro da cidade, sendo um homem e uma mulher. Nisso, também nos inspiramos na ideia de que “a cidade se apresenta à flor da pele, e o andar permite vê-la, compreendê-la (JOLÉ, 2005, p.423)”. Para a autora, o andar conjuntamente “é produzir conhecimento baseado na partilha dessa experiência (JOLÉ, 2005, p.426)”, pois, “cria uma referência comum, aquela do corpo - nós estivemos aí -, do olhar e ver conjuntamente, com a partilha possível das impressões, emoções, falas (JOLÉ, 2005, p.424)”, uma vez que, o caminhar “é tanto um deslocamento físico como um deslocamento psíquico e mental para cada um dos participantes (JOLÉ, 2005, p.424)”.

Ao total foram entrevistadas/os treze vendedores/as ambulantes (tabela 6), sendo:

Tabela 6 – Idade e sexo das/os ambulantes entrevistadas/os

IDADE E SEXO DOS VENDEDEDORES AMBULANTES DE ALHO ENTREVISTADOS		
IDADE	HOMENS	MULHERES
18-29	3	1
30-39		2
40-49	1	2
50-59		2
60-69		

+70	1	1
TOTAL	5	8

Fonte: Elaboração nossa, 2016.

Dos vendedores entrevistados, seis trabalham em pontos fixos, geralmente sentados com suas mercadorias em cima de caixas improvisadas. Desses, cinco se localizavam na área central da cidade, e um no bairro Vila Portes. Um dos vendedores que trabalha em ponto fixo, também contou que às vezes trabalha circulando. Quatro dos entrevistados trabalham em semáforos fixos na Avenida JK, área central da cidade, onde andam entre os carros oferecendo suas mercadorias. Três relataram trabalhar circulando pelas ruas. Desses, dois circulam por diferentes bairros durante a semana, e um circula pela área central da cidade.

Alguns entrevistados relataram que estão a pouco tempo trabalhando como vendedores ambulantes, outros já há alguns anos, e uns, contaram que trabalham há muito tempo, desde a infância ou adolescência. Desses, destacamos uma vendedora de 48 anos que trabalhou desde os sete anos de idade acompanhada da mãe, esta atualmente falecida. Um vendedor, também de 48 anos, contou trabalhar desde os seus 9 anos de idade. Outro, de 24 anos, desde os 16 anos de idade. Um de 18 anos relatou trabalhar faz um ano vendendo alho e outras mercadorias. A seguir, no gráfico 2, podemos verificar a quantidade de vendedores por tempo de atividade, e no gráfico 3, seguidamente, a idade dos vendedores classificados por tempo que atuam na atividade.

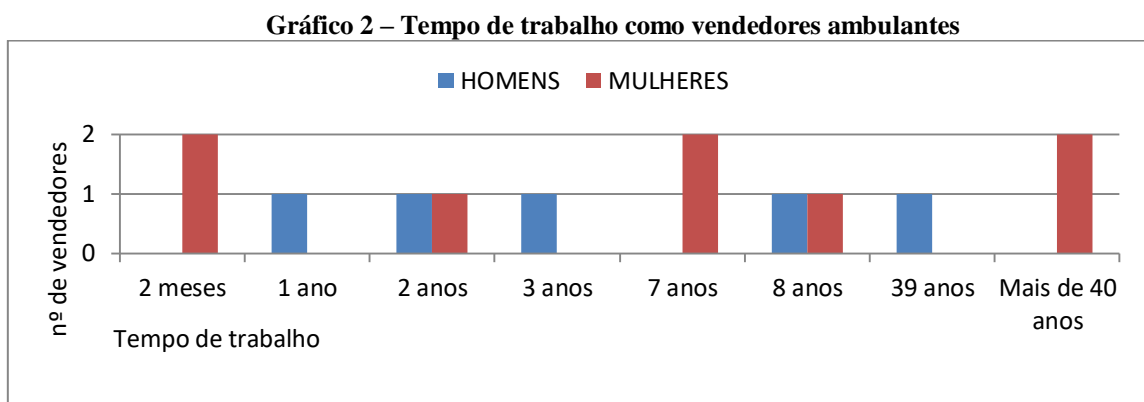
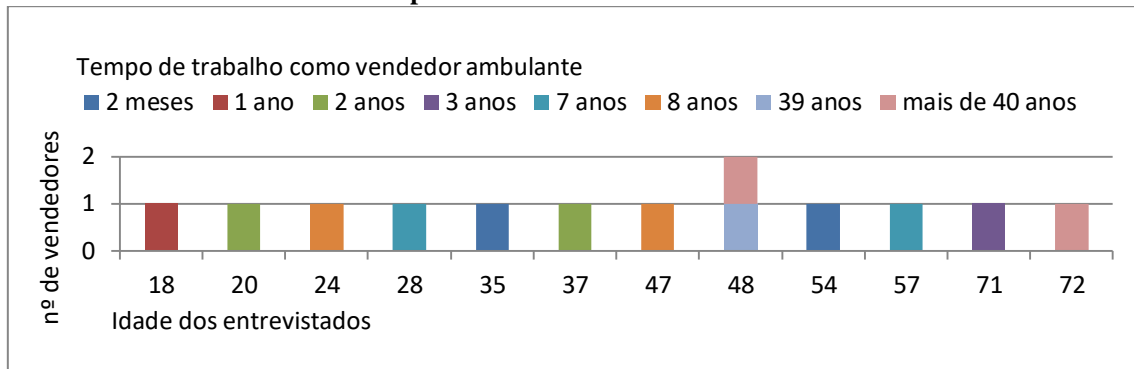


Gráfico 3 – Tempo de trabalho como vendedores ambulantes x idade

Nesta parte do capítulo, apresentarei registros fotográficos feitos em trabalho de campo e alguns relatos dos vendedores²³ dialogando com reflexões teóricas pertinentes aos temas tratados. Os registros fotográficos dos vendedores entrevistados foram feitos com a autorização dos mesmos. O pedido, por parte deles, foi o de não mostrar seus rostos nas fotos. Outros registros foram feitos espontaneamente durante observações, porém, com o mesmo cuidado em não identificar os rostos.

Os relatos dos vendedores estão transcritos na língua em que se comunicaram comigo, estando em castelhano (espanhol), contendo algumas palavras em português, incorporadas pelos mesmos. Tais relatos estarão fragmentados de acordo com a problemática discutida em cada tópico. Os relatos dos dois vendedores acompanhados durante seus percursos também estão separados tópicos exclusivos, a fim de propiciar uma leitura corrida das trajetórias narradas. É importante salientar que a minha condição de brasileiro e não paraguaio, e também por eu não compor o grupo de vendedores, pode ter influenciado respostas dos entrevistados.

Olhares e relatos dos vendedores ambulantes de alho

Ao observar algumas avenidas da cidade de Foz do Iguaçu, não é difícil encontrar vendedores ambulantes ofertando os mais variados produtos, na maioria, trazidos do Paraguai.

²³ Os vendedores estão identificados com nomes fictícios. Os dados de todos os entrevistados estão disponíveis nas fontes orais deste trabalho.

Dentre esses vendedores, encontram-se os paraguaios que vendem *chipa*²⁴, erva para *tererê*²⁵, saquinhos de amendoim, frutas, roupas, doces (balas, chocolates), e também, o alho.

Alguns se concentram em avenidas específicas de maior tráfego de carros e pessoas em pontos fixos, geralmente na área central da cidade ou próximos à Ponte Internacional da Amizade que liga o Brasil ao Paraguai. Outros caminham pelas ruas de diversos bairros de Foz do Iguaçu oferecendo seus produtos, principalmente o alho. Quando passam, pode-se ouvi-los oferecendo seus produtos em voz alta “OLHA O ALHO”, “ALHO, ALHO, ALHÔÔ”. Também é possível encontrá-los na Ponte Internacional da Amizade vendendo suas mercadorias em meio ao tráfego de veículos e pedestres que transitam entre os dois países (fotos 1, 2 e 3).

Foto 1 – Ambulante vendendo alho entre os veículos na Ponte da Amizade



Fonte: Registro nosso, 2016.

²⁴ Biscoito salgado típico da culinária paraguaia, feito à base de polvilho e queijo.

²⁵ Bebida típica no Paraguai, que consiste em tomar o mate com água gelada, incluindo outras ervas.

Foto 2 – Ambulantes no corredor de pedestres da Ponte da Amizade



Fonte: Registro nosso, 2016.

Foto 3 – Vendedora ambulante sentada na entrada paraguaia da Ponte da Amizade



Fonte: Registro nosso, 2016.

O conjunto desses vendedores é formado por homens, mulheres, e inclusive, idosos, crianças e adolescentes (foto 4). A maioria desses vendedores são paraguaios, mas também é possível encontrar, em menor quantidade, vendedores brasileiros. Alguns vendedores são da mesma família. É possível encontrar mulheres acompanhadas de seus filhos pequenos ou maridos, homens com seus filhos, etc (foto 5). Segundo J.W.R. Whitehand, os agentes são responsáveis pela criação das paisagens urbanas (VASCONCELOS, 2014, p.88). Neste sentido, os vendedores ambulantes de alho como agentes sociais no espaço da cidade, formam parte da paisagem urbana aqui contextualizada.

Foto 4 – Criança ambulante vendendo alho próximo à aduana paraguaia de Ciudad del Este (a) e idosa ambulante em ponto fixo no bairro Vila Portes em Foz do Iguaçu (b)



Fonte: Registro nosso, 2016.

Foto 5 – Provável família de ambulantes em uma avenida central de Foz do Iguaçu (a) e vendedor ambulante de alho com uma criança próximo à aduana paraguaia de Ciudad del Este (b)



Fonte: Registro nosso, 2016.

Eu, como morador da Vila C, bairro da região norte da cidade de Foz do Iguaçu, costumo escutá-los passando pela rua oferecendo o alho em vários dias da semana. Ao observá-los melhor, percebi que um dos vendedores era brasileiro, pois ele, ao ver que eu estava na janela, me abordou oferecendo o alho, aproveitando para perguntar se eu poderia lhe dizer a hora naquele momento. Logo, percebi a nacionalidade pelo modo de falar o português. Este, em sua passagem pela rua de motocicleta, anuncia “*OLHA O ALHO*”. Em outras ocasiões observei outros vendedores, homens e mulheres, passando pela rua, a pé, oferecendo

suas mercadorias em voz alta “ALHO”, “ALHO, MEIA”, ou seguidamente “ALHO, ALHO ALHÔÔ”. É possível perceber quando os vendedores são paraguaios através do sotaque ao falarem o português, e muitas vezes o misturam com o espanhol, produzindo um “portunhol”.

Ao início das observações a campo, desde a janela do ônibus de transporte coletivo da cidade em que costumo utilizar, comecei a olhar os vendedores ambulantes de alho nas ruas onde o ônibus realiza o seu trajeto. O ônibus que costumo utilizar faz o trajeto Vila C (bairro) – Terminal (centro), passando próximo à ponte da Amizade e na Avenida Juscelino Kubitschek (JK), uma das vias que ligam a região norte da cidade à região central. No bairro Vila Portes, próximo a Ponte da Amizade, foi possível perceber que estes vendedores costumam estar sentados em pontos fixos (foto 6). Chegando próximo ao centro da cidade, especificamente na Avenida JK, os ambulantes além de estarem em pontos fixos, também podem ser vistos andando entre os carros durante a parada dos sinaleiros (foto 7).

É comum ver mulheres descascando cabeças de alho que trazem em sacos, e os separando em sacos menores para vender. Algumas dessas mulheres vendem também roupas e outras mercadorias. Dessas roupas, a maioria são peças femininas, ou meias.

Foto 6 – Vendedora de alho e outros produtos em ponto fixo.



Fonte: Registro nosso, 2016.

Foto 7 – Vendedor de alho e amendoim em uma parada de sinaleiro



Fonte: Registro nosso, 2016.

Relatos da trajetória de um vendedor

Ao acompanhar o vendedor Pablo, de 20 anos, por algumas ruas do bairro Vila C, onde costuma andar vendendo, pude observar que as pessoas que ele oferecia suas mercadorias e que estavam na rua ou nos portões de suas casas, não o respondiam ou sequer olhavam à sua direção. Durante o percurso, o vendedor anunciava “ALHO ALHO ALHOOOO”, e quando via algum possível cliente na rua ou na frente de alguma casa, perguntava: “ALHO TIA? MEIA?”, “ALHO PATRÃO?”.

Segundo Pablo, faz dois anos que vende alho e vem ao Brasil vender porque no país dele não consegue emprego por não ter estudado, e que o alho no Brasil é caro, e isso faz com que muitas pessoas prefiram comprar o alho que ele vende, por ser mais barato. Também relatou outro motivo: “*yo aquí en Brasil gano en real y vale más que el guaraní*”. Perguntei a ele se anteriormente desempenhava alguma outra atividade, e me respondeu que não.

Para chegar aos bairros de Foz do Iguaçu em que costuma andar nas ruas vendendo, atravessa o Rio Paraná de canoa do bairro onde vive no Paraguai, até chegar à margem brasileira, próximo à região central de Foz do Iguaçu. Essa travessia, conforme o vendedor, dura mais ou menos 15 minutos. Logo, ele pega um ônibus do Terminal de Transporte

Urbano (TTU) para o lugar em que vai trabalhar. Segundo ele, gasta aproximadamente 14 reais por dia de transporte, sendo R\$7 com a passagem de canoa e R\$6,40 com o transporte de ônibus, ambos incluindo ida e volta.

O vendedor relatou que uns 30 vendedores ambulantes de alho e outras mercadorias que moram no mesmo bairro que ele, ou nas proximidades, atravessam o Rio Paraná de canoa para chegar à Foz do Iguaçu no Brasil. Segundo ele *“nosotros nos juntamos todos a las siete horas de la mañana, todo día... todo día en la canoa cada uno decide donde va vender y pregunta al otro donde va vender”*. De acordo com ele, na canoa eles se organizam onde cada um irá vender para um não atrapalhar a venda do outro. Também relata que alguns vendedores se deslocam até pequenas cidades próximas de Foz do Iguaçu para vender, como Santa Terezinha de Itaipu e São Miguel do Iguaçu.

Pablo conta que costuma vender alho das 7h às 16h, de segunda a sábado, indo a bairros diferentes durante a semana. Vende, segundo ele, aproximadamente 40 saquinhos de alho a cada dois dias, cada um no valor de R\$10 reais. Para almoçar, compra marmita nos restaurantes próximos às ruas em que circula. Para beber água ou usar o banheiro quando precisa, usa as dependências dos restaurantes em que compra o almoço, ou, pede permissão na casa de alguém que compra o alho.

O vendedor também relata que antes vendia alho num semáforo da área central da cidade, na Avenida JK, próximo a um hipermercado. No entanto, me disse que sofreu repressão da guarda municipal da cidade, que retirou suas mercadorias e o fotografou. Na abordagem, segundo ele, o avisaram de que não era para aparecer no local outra vez. Desde que começou a trabalhar, me contou que sofreu repressões por cinco vezes. Sobre essas situações, ele relatou que *“cuando llega la guardia municipal, tenemos que correr”*. Por esses motivos, conta que atualmente prefere vender suas mercadorias nos bairros, onde há menos probabilidades desses constrangimentos.

Praticamente no final da entrevista, eu disse a ele que o acompanharia até determinada rua do bairro. O vendedor, por sua vez, falou que não percorreria determinada rua, porque iria almoçar na casa do patrão logo na esquina. Então perguntei *“você é contratado?”*, e ele, *“no, es mi ex-patrón, yo trabajaba antes para él”*. Então me despedi, e voltei para minha casa. Olhando para trás, observei o vendedor sentado à beira da rua, e questionei-me pensando *“ou tem ex-patrão, ou patrão, ou estava incomodado com a minha presença”*. Qualquer um dos motivos é válido.

Fiscalização e repressão policial

Outras três vendedoras da região central de Foz do Iguaçu, relataram sobre a situação das repressões fiscais e policiais que sofrem. No período da manhã conversei com a vendedora Ramona, que estava de pé oferecendo o alho em uma esquina da Avenida Brasil, um dos principais eixos comerciais da área central da cidade. Ao abordá-la, me contou “*no puedo quedarme parada en un lugar. Los guardias dicen que se puede vender pero hay que circular*”.

No período da tarde, encontrei outras duas vendedoras, estas duas se encontravam sentadas num banquinho improvisado na rua. A vendedora Francisca, situada na Avenida Brasil, tinha uma mesinha com saquinhos de alho e roupas para vender. Ao perguntá-la sobre a repressão policial e fiscalização, ela relatou “*los fiscales están por la mañana acá, entonces yo consigo un punto fijo por la tarde*”. Outra vendedora que encontrei, Elena de 54 anos, estava numa calçada que divide duas pistas da Avenida JK, e também tinha com uma mesinha com alho, amendoim, e erva para tereré para vender. Segundo ela, já sofreu repressão policial e contou o que acontece: “*ellos sacan las mercadorias*”.

Foto 8 – Vendedora ambulante em uma avenida do centro de Foz do Iguaçu



Fonte: Registro nosso, 2016.

A situação de “[...] estar na rua significa também estar em um espaço de todos e de ninguém, e por isso a pessoa que trabalha na rua está sujeita a suas leis, que podem estar ligadas à marginalidade (SILVA, 2008, p.220)”. Porém, o fato de trabalharem na rua também confere a esses trabalhadores um sentido de identidade comum:

Considerando que eles estão unidos por um trabalho comum, ainda que haja competição comercial e territorial entre eles, compartilham situações comuns que são gerados pelo fato de estarem localizados em um espaço público e que, como consequência, não lhes pertence, mas sentem como se de fato fossem donos do lugar (SILVA, 2008, p.221).

Relatos da trajetória de uma vendedora

A vendedora Thalía, 35 anos, que acompanhei, também no bairro Vila C, vende alho e roupa. Segundo ela, antes era dona de casa. Ao contrário da situação do vendedor Pablo, as pessoas que ela oferecia o alho a respondiam com frases de *“hoje não”, “não senhora, obrigado”*. Ajudei-a oferecer o alho pelas ruas onde caminhávamos conversando. Ela clamava em voz alta ALHO, e quando um possível cliente estava frente a casa, a vendedora o abordava com frases como *“ALHO PATRÓN?”* quando se tratava de um homem, e *“ALHO PATRONA?”* ou *“ALHO MADAMA?”* quando se tratava de uma mulher.

Eu, ao ajudá-la, anunciava frases como *“OLHA O ALHO”* – por ter sido o primeiro anúncio de um vendedor de alho que escutei ao perceber a existência dessa atividade no bairro – e, *“ALHO AMIGO?”*. Sobre esta última frase, posteriormente, indaguei-me o porquê de tê-la dito, e cheguei a uma possível conclusão de que seria a causa das minhas idas ao Microcentro de Ciudad del Este, onde se encontra uma grande quantidade de vendedores ambulantes que oferecem seus produtos às pessoas que passam pelas ruas, abordando-as dizendo: *“o que procura amigo?”, “meia amigo?”, “cueca amigo?”, “eletrônico amigo?”, “pendrive, camisinha musical amigo?”, “água amigo? Coca?”*, enfim, vários anúncios chamando o possível cliente de *“amigo”*. Na internet, surgem *“brincadeiras”* sobre as abordagens dos vendedores em Ciudad del Este, como mostrada na imagem a seguir (figura 8).

Figura 8 – Retrato de uma brincadeira na internet em referência às abordagens dos vendedores no comércio de Ciudad del Este no Paraguai.



Fonte: Os Memes do Iguacu, 2012²⁶.

Voltando aos relatos da vendedora Thalía, moradora da cidade de Minga Guazú no Paraguai, cidade da zona metropolitana de Ciudad del Este, ela conta que utiliza duas linhas de ônibus para chegar ao destino de trabalho. Primeiramente, ela utiliza um ônibus que faz o trajeto Minga Guazú-Ciudad del Este, logo atravessa a Ponte da Amizade a pé, e chegando ao Brasil, utiliza outro ônibus até o bairro Vila C. Nesse percurso, ela relatou demorar 2 horas e gastar aproximadamente R\$10 por dia.

Costuma trabalhar das 8h às 13h porque tem quatro filhos, e então chega a tempo para fazer almoço em sua casa. Às vezes, ela contou que quando está com muita fome, vai ao restaurante que tem nas redondezas das ruas em que anda vendendo e realiza uma troca: “yo cambio alho por marmita”. Ao perguntar a ela sobre como começou a trabalhar de vendedora ambulante, ela disse:

²⁶ Disponível em: < <https://www.facebook.com/osmemesdoiguacu/>>. Acesso: 12/10/2016.

Hacen dos meses que estoy trabajando, antes yo no trabajaba, pero una amiga que vende ajo hace 5 años me invitó para venir con ella acá en Vila C, porque se vende bien y venimos siempre en un grupo 4 personas, cada uno se queda en una cuadra. Acepté la invitación porque se vende bien y se gana al día, o sea, una plata que a mí en Paraguay, por ejemplo, si yo vendo 300 reales o 200 reales, para mí eso en guaraní allá es un mes de trabajo. Lo que yo gano aquí es en un día, entonces para mí es bastante mejor vender alho y ropa, porque al día yo puedo ir a un mercado comprar para llevar a mis hijos. [...] Mi marido trabaja como técnico de celular en el comercio de Ciudad del Este (VENDEDORA THALÍA, 2016).

Thalía ainda conta que *“hay muchos vendedores que vienen con alho, pero la gente ya conoce verdad, cada uno ya tiene su vendedor conocido”*. Nisso, eu a pergunto: e se você vai a uma rua onde está outro vendedor, qual a reação? Em resposta, ela coloca: *“siempre nos decimos ‘este es mi lugar’, y ahí el otro se va por otro lado”*. Sobre repressão policial, a vendedora nega ter ocorrido como ela: *“no, gracias a Dios. Es una cantidad que podemos pasar verdad”*.

Para a vendedora, no Brasil *“se consume mucho alho [...] en Paraguay usamos más la cebolla y el tomate, y no tanto el alho como los brasileiros”*. Segundo ela, *“aquí en Brasil en los mercados se vende mucho más caro el alho, del que es vendido así caminando verdad, entonces ese sale más barato. Les conviene a ellos, y me conviene a mí”*. O alho, conta a vendedora, é produzido na Argentina, e ela compra em sacos de 20 kg no em Ciudad del Este uma vez por semana. Conversando com ela, me relatou a diferença entre vender alho e roupa:

Se vende más el ajo que la ropa, porque el brasilero lo utiliza mucho para cocinar. Pero yo hablo más con las personas que quieren comprar alguna ropa, porque quieren ver las piezas. Hay algunas hermanas (clientes) que son evangélicas, y yo soy creyente también, entonces nos quedamos hablando de muchas cosas porque yo también soy evangélica, pero frecuento la iglesia allá en el Paraguay (VENDEDORA THALÍA, 2016).

Percebe-se nos relatos da vendedora, a presença de sua religião durante o percurso de seu trabalho. Enquanto anda pelas ruas vendendo alho, ela conta: *“yo sola así ando, verdad, y me gusta mucho cantar la música y orar sola. Tengo mi celular y pongo la música para cantar, yo me voy mucho en la iglesia evangélica, y yo estoy en la parte del coro, y entonces me gusta mucho”*. Perguntei também à Thalía, o que lembra ela do Brasil e do Paraguai. Em seu relato, onde mostra seus sentimentos, é possível observar elementos identitários, históricos, políticos, e fronteiriços:

Paraguay, yo diría muchas cosas, porque yo nací en Paraguay, conozco Paraguay, Brasil, por ejemplo, todavía conozco muy poco y hace poco tiempo que vengo.

Tenemos un Paraguay tranquilo, que nos da la bendición porque no es nada caro, no tenemos terrorista, es un país tranquilo, donde no hay terremoto. Es un país libre por más que sean difíciles las cosas. Tuvimos la guerra de la Triple Alianza que fue muy triste, pero gracias a eso, ganamos el país. Para mí, Paraguay es lo único y lo primero, es especial para mí, verdad, tiene muchas cosas bonitas, paisajes, es muy lindo, es Paraguay. En la tierra natal, así como dicen, es que la sangre estira. Lo que más miro en Paraguay es tomar tereré, la atracción de las paraguayas y de los paraguayos es tomar tereré. Los paraguayos tienen varias comidas típicas. Aquí (Brasil) todos los días es feijão, feijão. El pastor y la pastora ellos son brasileiros, y su comida es así. En Paraguay no, al día se cambia el menú. En los 3 años que estoy en Ciudad del Este, aprendí a comer feijão (VENDEDORA THALÍA, 2016).

A vendedora contou que é natural de Asunción, capital do Paraguai e que veio morar aqui na região porque o marido tem família aqui, e que aos poucos foi se acostumando. Sobre essa mudança, e sobre o Brasil, ela disse: *“yo a veces siento falta de Asunción, pero obligatoriamente por mi marido vengo. [...] acá como ya dije, yo también aprendí a comer feijão por estar cerca de Brasil. En Asunción no se come ‘feijão’ igual que de Brasil, allá es de otra calidad”*. Nesse trecho do relato, a cultura aparece claramente como um elemento de transfronteirização²⁷ da população inserida no contexto de fronteira.

Foto 9 – Vendedora ambulante de alho em uma rua do bairro Vila C - Foz do Iguaçu



Fonte: Registro nosso, 2016.

²⁷ “Para Ligrone (2006) a transfronteirização pode ser entendida como um conjunto de processos de aproveitamento e valorização de uma fronteira, limite territorial que separa dois sistemas políticos, econômicos e/ou socioculturais. No âmbito desses processos, os habitantes de ambos os lados transcendem a fronteira (imposta ou herdada) e a incorporam em suas estratégias de vida através de múltiplas maneiras (CARNEIRO, 2016, p.24)”.

Trabalho, família, identidade e sociabilidade

Verifica-se nos relatos de Thalía, uma interação que vai além de uma relação estreitamente comercial. De acordo com Telles (2010), o trabalho é um fator estruturante da vida social e altera a própria experiência urbana do sujeito. Para ela é “[...] impossível desconsiderar as sequências cronológicas dos trajetos ocupacionais. Tampouco poderíamos passar por cima da polêmica questão das dimensões estruturadoras do trabalho na conformação de identidades, formas de vida e projetos sociais (TELLES, 2010, p.95)”.

Nesse sentido, o fato de a vendedora ter começado a trabalhar vendendo alho pelo convite de uma amiga ou de conversar de outras coisas com clientes que ela vende roupa, percebe-se que a sua relação com o trabalho produz sociabilidades e territorialidades, e dessa maneira, “temos um importante componente territorial – o lugar de trabalho – na produção das práticas materiais e imateriais que produzem e reproduzem comportamentos culturais específicos (SILVA, 2008, p.219)”.

Nas outras entrevistas, também observei relações de sociabilidade durante o trabalho dos vendedores. De acordo com o relato dos entrevistados, muitos se reúnem e pagam conjuntamente um transporte para vir até a cidade de Foz do Iguaçu no Brasil. Ou como nos contou Thalía sobre o seu caso, se agrupam para vender em determinado bairro, deslocando-se de ônibus. Isso, em grande parte, ocorre em decorrência de que alguns moram nos mesmos bairros e são vizinhos, e de que muitos são familiares.

Dos treze vendedores entrevistados, cinco relataram trabalhar juntamente com outro membro da mesma família, e um relatou que outros membros da família trabalham com a mesma atividade em Foz do Iguaçu, porém em outros pontos. Outros relataram que trabalham juntamente com vizinhos e amigos, como no caso de Juan e Javier, aonde um, para chegar à Foz do Iguaçu, vem de “carona” no carro de familiares do outro, que também trabalham como vendedores ambulantes. Nisso, perguntei se um vendia mais que o outro e se existia uma organização de venda por parte deles. Segundo os vendedores, cada um tem a sua vez de vender no semáforo. Percebe-se a partir desses casos, a existência de redes familiares e de vizinhança que se expressam na solidariedade em suas atividades.

Antonio, 48 anos, que tem ponto fixo no bairro Vila Portes que está próximo à Ponte da Amizade, durante a entrevista estava acompanhado de uma cliente que estava sentada ao seu lado com tererê na mão e conversando. No momento, ela contou “*faz anos que eu compro os produtos dele. Recomendo, são sempre de qualidade*”. O vendedor ainda ressaltou “*ella es*

mi amiga y trabaja ahí en la aduana, en la Receita Federal. Después del trabajo ella siempre viene acá esperar el colectivo para su casa". A cliente complementa: *"e para tomar tererê"*.

Antonio também diz vender fiado para os clientes mais conhecidos. Alguns vendedores entrevistados também relataram vender fiado para clientes que já conhecem há algum tempo. Em meio à entrevista com a vendedora Ramona, por exemplo, chegou uma cliente e levou dois saquinhos de alho de 10 reais cada. No momento da compra foi possível ouvir a cliente dizer: *"semana que vem eu pago pra você esses dois e os que levei semana passada"*. Estes trabalhadores ambulantes, de acordo com Silva:

[...] estão no último degrau da distribuição dos produtos contrabandeados. No entanto, estar na rua amplia o sentido de marginalidade e de exclusão. Por conseguinte, dá a eles uma forma peculiar não só de atuar como vendedores de produtos proibidos legalmente, mas também de ver e relacionar-se com a sociedade em geral (SILVA, 2008, p.221).

Num sinaleiro da Avenida JK, a vendedora Mercedes de 37 anos, e seu esposo trabalham no mesmo espaço que uma vendedora de panos de prato, brasileira, que está há mais tempo no local. Mercedes contou que a vendedora de panos de prato *"cuida"* do ponto para ela, não deixando outros vendedores de alho tomar seu lugar, *"cuando yo termino de vender mis mercadorías, ahí si ella permite que otro vendedor trabaje en este espacio"*. A vendedora também contou que fazem dois anos que toda sua família (esposo e filho) trabalha vendendo alho. Nisso, *"[...] o lugar de trabalho compõe-se de uma microterritorialidade que se manifesta não somente nas relações de trabalho, mas também nas relações familiares que ocorrem no lugar onde se dá o processo de venda (SILVA, 2008, p.216)"*.

Foto 10 – Vendedoras ambulantes no semáforo de uma avenida no centro de Foz do Iguaçu



Fonte: Registro nosso, 2016.

Além de Mercedes, Antonio e outros três vendedores relataram que outros membros da família trabalham vendendo alho no Brasil. Julieta, 28 anos, disse que trabalha vendendo frutas e alho em Foz do Iguaçu há sete anos e que começou porque a sogra já trabalhava há mais tempo. Javier, 24 anos, vendedor ambulante de alho e amendoim em um semáforo, contou que sua família tem oito pessoas e todas trabalham como vendedores em Foz do Iguaçu. O vendedor relatou que começou a vender alho com os pais. Todos eles chegam no ponto em que trabalham com carro próprio da família.

O vendedor Juan, 18 anos, também contou que seus familiares trabalham vendendo alho *“en mi casa somos en ocho personas y cinco trabajamos vendiendo. Todos vamos a Foz vender frutas y otras cosas. Desde niño acompaño a mis padres, y por ahora tengo hermanos pequeños que siempre vienen con nosotros”*. Segundo ele, seus pais trabalham como vendedores ambulantes fazem nove anos. O vendedor ainda conta que por um tempo trabalhou na construção civil, como ajudante de pedreiro no Paraguai.

A vendedora Francisca também relatou ter começado a trabalhar como vendedora ambulante com a sua mãe: *“yo ayudaba a mi mamá desde los siete años de edad. Mi mamá vendía mandioca y fruta acá en Brasil”*. De acordo com Silva (2008, p.217), as práticas sociais singulares que estes trabalhadores produzem e reproduzem ao longo de suas trajetórias

familiares e profissionais, lhes proporciona uma identidade própria, esta histórica e sujeita a transformações. Em muitos casos vemos que “a conexão entre trabalho e família se reproduz e as novas gerações repetem o modelo dos pais (SILVA, 2008, p.223)”.

O trabalho informal não somente representa uma alternativa para essas pessoas que possuem pouca escolaridade, como também representa uma atividade que permite maior autonomia das mulheres que trabalham como vendedoras ambulantes, ajudando na renda de suas famílias. Assim como Thalía, Francisca relatou que seu esposo trabalha na construção civil, e que ela trabalha para melhorar a renda da família. Julieta em seu relato, por exemplo, salientou *“yo trabajo vendiendo también para ser más independiente y autónoma”*.

Nesses relatos, é possível identificar que o trabalho desses vendedores ambulantes é articulador das próprias relações familiares. É a partir da realização de suas atividades, em conjunto, que estas famílias conseguem garantir sustento. Muitas vezes, é nos espaços de trabalho que se realiza grande parte do convívio familiar, pois é nesses lugares onde trabalham que estas pessoas passam a maior parte do dia, almoçam, conversam com outras pessoas, fazem amizades, criam vínculos e ganham o “pão de cada dia”. O vendedor Antonio, por exemplo, relatou: *“yo me quedo más tiempo aquí donde trabajo, que en mi casa”*. Sobre vínculos, podemos destacar outro fragmento de seu relato: *“hace unos doce años que vendo aquí en ese lugar. Este árbol que hace sombra para nosotros, fui yo que planté hace once años”* (foto 11). Com isso, torna-se pertinente o entendimento de que:

Todas las prácticas espaciales que despliega el sujeto cuerpo están teñidas de sentimientos, afectos y generan en los sujetos emociones de diverso tipo. La afectividad no sólo se conecta con la práctica misma, usualmente también conlleva afectos asociados a la espacialidad de la práctica. La realización de una práctica en cierto lugar puede movilizar en el sujeto, afectos por diversas cuestiones (LINDÓN, 2009, p.12).

Foto 11 – Vendedor ambulante em baixo da árvore que plantou há 12 anos



Fonte: Registro nosso, 2016.

Trabalhando nas ruas da cidade, os vendedores fazem uso de espaços públicos, estabelecimentos e arredores para almoçar, ir ao banheiro, beber água, etc. Os vendedores entrevistados relataram que quando precisam utilizar o banheiro, por exemplo, vão a estabelecimentos próximos aos pontos ou percursos em que estão vendendo, como restaurantes, lojas, lanchonetes, entre outros, e até nas casas de clientes. Uma grande parte dos entrevistados na área central de Foz do Iguaçu relatou utilizar frequentemente o banheiro na Câmara Municipal de Vereadores da cidade. Um dos elementos que me chamaram a atenção, foi ver que junto aos pontos em que se encontravam os vendedores realizando suas atividades, em algum canto, estava uma garrafa térmica com água fria e o tereré (foto 12).

Foto 12 – Térmica para o preparo do tereré em um ponto de vendedores ambulantes



Fonte: Registro nosso, 2016.

Nisso, podemos compreender, segundo Silva (2008, p.219-220), que o lugar de trabalho assume o sentido de território, na medida em que as vivências e trajetórias dessas pessoas conduzem a que esse espaço seja carregado de significados, o que abarca o processo de construção identitária em relação a esses lugares, seja pelo sentido de pertencimento ou de exclusão. Conforme a autora, considerando que muitas dessas pessoas passam várias horas diárias em seus lugares de trabalho, a influência desses espaços, é fundamental no processo de formação enquanto sujeito social e cultural (SILVA, 2008, p.219-220).

Histórias e trajetórias na fronteira

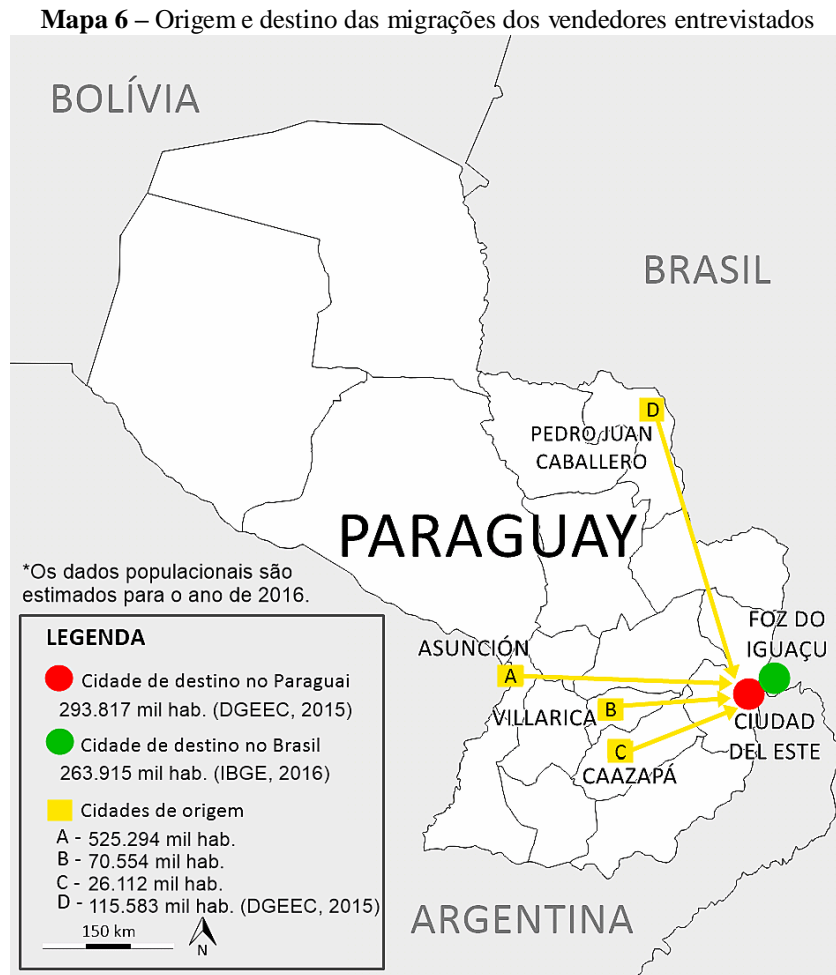
Alguns dos vendedores contaram em seus relatos que migraram de cidades menores do Paraguai para Ciudad del Este em busca de melhores condições de vida, como os casos de Ramona que migrou quando ainda era criança com a sua família da cidade de Caazapá, de Elena que veio da cidade de Villarica em busca de trabalho, e de Mercedes, também de Villarica, que relatou *“venimos para acá porque mi mamá se quedó enferma y allá vivíamos en una chácara y no teníamos recurso”*.

A partir dos percursos desses vendedores e de suas famílias, apreende-se que muitas dessas pessoas migram para cidades maiores em busca de infraestrutura, trabalho, e serviços que não encontram em localidades menores. Este processo produz uma concentração populacional em certos fragmentos do território em detrimento de outros, revelando uma acentuada desigualdade espacial.

Alguns migram para outros países em busca de melhores condições, como os casos de dois dos vendedores que conversei. Pedro de 71 anos, e Maria de 72 anos, disseram morar no bairro Vila Paraguaia em Foz do Iguaçu. Pedro, que vende alho num espaço do Terminal de Transporte Urbano de Foz do Iguaçu (TTU), contou que migrou do Paraguai para terras brasileiras há mais de 40 anos para trabalhar como pedreiro, porque na época, segundo ele, não era fácil conseguir um emprego no Paraguai. Relatou ainda, que logo depois, sua mulher veio para o Brasil também e trabalhou muitos anos como doméstica.

Maria, localizada em um ponto fixo na Avenida JK, contou que mora em Foz do Iguaçu fazem muitos anos e que antes vendia verduras que comprava no CEASA de Foz do Iguaçu (Central de Abastecimento do Paraná). Outros chegaram à região de Ciudad del Este por motivos familiares, como a vendedora Thalía contou em relato descrito anteriormente, ou simplesmente para tentarem a própria sorte. Antonio, contou que é de Pedro Juan Caballero,

cidade paraguaia localizada também na fronteira com o Brasil, e o motivo, segundo ele, “*fue por el destino*”.



Entre Brasil e Paraguai: mobilidades e solidariedades espaciais a partir dos vendedores ambulantes de alho

Conforme os vendedores, apesar de deslocarem-se longas distâncias, vender o alho em Foz do Iguaçu no Brasil, e não no Paraguai, é muito mais lucrativo e vantajoso. Ao questioná-los sobre o deslocamento ao território brasileiro para vender o alho, eles explicam que uma das razões principais para venderem o produto no Brasil, é a cultura culinária dos brasileiros, onde o uso do alho é constante. Outra explicação é dada a partir da questão do câmbio monetário, onde o real é mais valorizado que o guarani, como a vendedor Pablo e a vendedora Thalía abordaram em seus relatos.

Javier, relatou que vende tais mercadorias porque *“es lo que el brasileiro más compra”*. Ao notar que todos os vendedores chegaram a dizer que se deslocam até o Brasil para vender alho porque *“se vende más”, “al brasileiro le gusta mucho el ajo”, “el brasilero compra más ajo”, “por la cultura de los brasileros que usan ajo en la comida”*, é possível refletir que:

[...] os fluxos também se estabelecem a partir de redes sociais e culturais que respondem pelo movimento de sujeitos sociais que, deslocando-se de uma cidade a outra, também conformam redes e, permanecendo nas cidades, compõem sua morfologia urbana em combinação com sua morfologia social, nos termos propostos por Carlos (2007). (SPOSITO, 2014, p. 132).

O Brasil é um dos países onde mais se consome o alho no mundo (DE OLIVEIRA et al., 2003). Segundo Marco Antônio Lucini da EPAGRI de Curitiba (SC), a previsão para o período 2014/2015 no Brasil era que a produção nacional abasteceria 40% do consumo interno, e os outros 60%, seria de alho importado principalmente da China (40%) e da Argentina (20%). O Brasil importa aproximadamente 60% da produção de alho exportável da Argentina (MEARDI, p.10, 2012). O alho é um ingrediente tradicional da cultura culinária brasileira, além de ser utilizado também para fins medicinais devido à suas propriedades.

Outros vendedores ressaltaram que uma das principais razões para virem vender produtos no Brasil, é que no Paraguai, onde vivem, não encontram emprego. O vendedor Juan apontou que *“allá solamente quien tiene estudios consigue trabajar y tener un buen sueldo”*. O mesmo contou que deixou de estudar aos seus oito anos de idade. Assim como nos relatos de Pablo e Juan, a situação de baixa escolaridade dos vendedores apareceu com frequência em seus relatos, pois segundo eles, é um motivo que os dificulta de inserirem-se no mercado formal de trabalho no Paraguai.

A vendedora Ramona contou que *“en Paraguay ya hay muchos vendedores, y acá no hay muchos verdad, entonces es mejor venir a Brasil, porque aquí se vende más”*. Alguns colocaram a questão do costume. Javier e Julieta, por exemplo, colocaram que se vendem mercadorias no Brasil também *“por costumbre”*. Já Francisca, remeteu também a um motivo familiar *“mi mamá siempre vendía acá em Foz do Iguaçu, entonces acá estoy ahora”*.

Foto 13 – Vendedora ambulante em uma avenida na área central de Foz do Iguaçu



Fonte: Registro nosso, 2016.

Ao pedi-los para falarem o que os faz lembrar o Brasil e o Paraguai, muitos não souberam dizer. Alguns expressaram respostas bastante relacionadas ao trabalho. Sobre o Brasil, Ramona o lembrou dizendo *“vender mercadería”*. Para Elena, o Brasil *“es mejor porque las cosas son más baratas”*. Mercedes: *“el brasilero me da el pan de cada día verdad, entonces no me quejo”*. Ana, brasileira, vendedora de pano de louça, coloca *“é aqui que eu ganho o meu pão, circula muito dinheiro porque é fronteira”*. Segundo o vendedor Juan *“en Brasil me siento muy bien, trabajo muy bien”*.

Acerca do que representa o Paraguai para esses vendedores, Ramona falou *“no es bueno, porque yo tengo que trabajar acá en Brasil”*. Para Elena: *“mi pueblo”*. Mercedes, sobre o seu país expressou: *“hay que tener estudios y profesión para ganar bien”*. Ruan conta que *“Paraguay no me recuerda nada, para mi Paraguay no significa nada”*. Ana, de nacionalidade brasileira, a respeito do Paraguai coloca *“nós vendedores não vivemos sem os paraguaios. O dólar alto é bom, porque o guarani (moeda paraguaia) e o peso (moeda argentina) perdem o valor e então os argentinos e paraguaios compram mais no Brasil. Aí muitos paraguaios vêm vender no Brasil porque lá já está saturado de vendedores”*.

3.2 As formigas da cadeia produtiva do alho

Conforme os relatos, a maior parte do alho que vendem é produzido na Argentina, e entra no Paraguai pela fronteira da capital Asunción com a cidade argentina de Clorinda. Logo, este alho chega à Ciudad del Este por transporte rodoviário, até chegar a estabelecimentos que vendem o alho em sacos ou caixas, onde estes vendedores ambulantes compram para revender no Brasil. Alguns vendedores contam que também vendem alho produzido na China, que entra no país por outras rotas.

Foto 14 – Caixas de alho importados da China em um estabelecimento distribuidor em Ciudad del Este (a) e caixa vazia do mesmo produto jogada em canteiro de uma avenida de Foz do Iguaçu (b)



Fonte: Registro nosso, 2016.

Foto 15 – Vendedor ambulante em semáforo na área central de Foz do Iguaçu



Fonte: Registro nosso, 2016.

Nisso, verifica-se um processo de comércio de triangulação – reexportação, em que, segundo Camilo Pereira Carneiro (2016, p.185-189), o Paraguai compra produtos exportados de outro país, principalmente a partir de Miami (Estados Unidos) e Hong Kong (China), e reexporta para outro, sobretudo Brasil, e esse tipo de comércio foi estimulado por “políticas de promoção” por parte do governo paraguaio, concedendo vantagens à importação de mercadorias, isentas de taxas aduaneiras.

No caso da existência de uma cadeia produtiva do alho contextualizada neste estudo, o destino final da triangulação se dá por meio das atividades dos vendedores ambulantes que atravessam as mercadorias de um país ao outro por meios considerados “ilegais” e “informais”. Para Carneiro (2016, p.29) com base em Haesbaert (2009), “os tempos atuais testemunham mudanças nas relações entre os atores, que passaram a se articular em redes que interligam diretamente os níveis local e global [...]”. Assim, os vendedores ambulantes atuam, diz Telles (2010), como agentes de uma “terceirização produtiva”, levando os produtos a lugares que estes não conseguiriam chegar devido normas e restrições fiscais estabelecidas por cada país. Ao mesmo tempo em que a particularidade da fronteira representa uma barreira, ela também constitui possibilidade, uma vez que:

São esses circuitos transnacionais de migração que permitem a circulação de bens e mercadorias que, sem esses novos migrantes, não chegariam aos mercados populares

do Norte ou do Sul. Esta é a tese defendida por Alain Tarrius: os grandes atores econômicos da mundialização mobilizam os pobres como consumidores, como clientes e também como passadores, fora das regras oficiais e ao largo das convenções comerciais, fazendo os produtos chegarem aos países pobres e às populações pobres dos países ricos (TELLES, 2010, p. 176).

De acordo com Carneiro com base em Haesbaert (2001):

[...] na Tríplice Fronteira Brasil-Argentina-Paraguai existem vários recortes territoriais que não permitem o desenho de uma região num sentido contínuo, mais tradicional. Para o autor, a existência de uma conexão anômala, “extrarregional”, se dá no contato entre distintas territorialidades: local-global, local-nacional, e estritamente local, sendo que cada territorialidade privilegia diferentes escalas de relações e diferentes estratos, grupos ou classes sociais (CARNEIRO, 2016, p.88-89).

Esses vendedores ambulantes na fronteira, assim como outros agentes inseridos nos circuitos de comercialização, segundo Telles (2010), são as “formigas da mundialização” e estão inseridos na fronteira de expansão do capital, e é por meio deles que este consegue alcançar praticamente todos os lugares. De acordo com a autora, é neste processo, que se verifica uma fronteira porosa entre legal-ilegal e formal-informal, e que podemos entender as atividades desses vendedores ambulantes como frutos do sistema capitalista atual e considerá-las como formas de emprego contemporâneas. Esse processo é conflituoso, uma vez que, o alho que entra ilegalmente compete com o alho produzido nacionalmente, ou com o que entra supostamente por vias legais ao mercado. Percebe-se, assim, que “no norte ou no sul, de modo geral, mais que diferenças étnicas, culturais, linguísticas ou religiosas, o que se percebe em áreas fronteiriças é a prevalência de um poder hegemônico ou a disputa acirrada entre poderes concorrentes (MOURA, 2000, p.88)”.

Neste sentido, ao propor um estudo acerca da trajetória-ação dos vendedores ambulantes de alho, é necessário investigar qual é o papel e o lugar desses agentes no circuito espacial produtivo²⁸ e na cadeia produtiva²⁹ do alho em que acabam sendo inseridos ao desempenhar tal atividade, ou seja, entender como se dá o processo de produção, circulação, distribuição e consumo do produto que vendem: De onde aparece o alho? Como estes

²⁸ Moraes (1985, p.156) enfatiza que “discutir os circuitos espaciais da produção é discutir a espacialidade da produção-distribuição-troca-consumo como movimento circular constante” (apud CASTILLO e FREDERICO, 2010, p.463).

²⁹ Entende-se aqui que o conceito de cadeia produtiva “[...] tem por objetivo permitir ou facilitar a visualização, de forma integral, das diversas etapas e agentes envolvidos na produção, distribuição, comercialização (atacado e varejo), serviços de apoio (assistência técnica, crédito etc.) e consumo de uma determinada mercadoria, de forma a: 1) permitir uma visão sistêmica, ao invés de fragmentada, das diversas etapas pelas quais passa um produto, antes de alcançar o consumidor final; 2) identificar “gargalos” que comprometam a integração dos diversos segmentos, garantindo ou promovendo a competitividade (CASTILLO e FREDERICO, 2010, p.466)”.

vendedores buscam o alho? De onde compram para revender? Onde é cultivado? Quais foram os conflitos e negociações que enfrentam para desempenhar tal atividade?

Conforme Dantas, Kertsnetzky e Prochnik (2002, p.36-37), citado por Castillo e Frederico (2010, p.466-467), as cadeias produtivas surgem “da crescente divisão do trabalho e maior interdependência entre os agentes econômicos”. De acordo com Arroyo (2001, p.57), o circuito espacial produtivo “[...] permite captar uma rede de relações que se dão ao longo do processo produtivo, atingindo uma topografia que abrange uma multiplicidade de lugares e atores (apud CASTILLO e FREDERICO, 2010, p.464)”. Portanto, ao abordarmos o circuito espacial produtivo, propõe-se compreender “[...] as implicações sócio-espaciais da adaptação de lugares, regiões e territórios aos ditames da competitividade, bem como o papel ativo do espaço geográfico na lógica de localização das atividades econômicas, na atividade produtiva e na dinâmica dos fluxos (CASTILLO e FREDERICO, 2010, p.468).

Ao contextualizarmos as atividades dos vendedores ambulantes de alho inseridas em um circuito espacial produtivo, pressupõe-se “[...] a existência de uma lógica dos territórios e uma lógica das redes, de cujo embate permanente criam-se e recriam-se distintos modos de produzir e de circular, que coexistem de forma articulada e conflituosa, disputando espaços e recursos (CASTILLO e FREDERICO, 2010, p.471)”. Assim, enfatiza-se que “assim como as etapas da produção estão geograficamente dispersas, os agentes que as animam também se encontram em localizações diferenciadas, possuindo maior ou menos poder de colocar a produção em movimento (CASTILLO e FREDERICO, 2010, p.465)”. No contexto das cidades de fronteira, “[...] as aglomerações são recortadas por muitas e diferentes frações de poder e por interesses políticos, econômicos e financeiros divergentes e/ou concorrentes (MOURA, 2000, p.91)”.

3.3 Fronteira formal e fronteira informal

Alguns vendedores ambulantes paraguaios atravessam o limite internacional para chegarem à cidade de Foz do Iguaçu no Brasil por meio do transporte de canoa, alternativo e informal, sem passar necessariamente por controles ou fiscalização, uma vez que a presença de agentes fiscalizadores no curso do rio Paraná não é diária. Já pela Ponte da Amizade, obrigatoriamente, os vendedores atravessam aduanas de dois países, ainda que, nem sempre sejam abordados por agentes de fiscalização.

Podemos, nesse cenário, falar da existência de uma fronteira formal e informal? A passagem pela “fronteira formal” é dada e condicionada pelos Estados, pois, os mesmos criam condições para os fluxos. Já na “fronteira informal”, a passagem é dada por agentes locais, para realizarem atividades e fluxos que, na “fronteira formal”, são considerados ilícitos, ainda que nessa, esses fluxos ilícitos também aconteçam, porém, com mais riscos de uma inesperada abordagem de agentes a serviço do Estado.

Foto 16 – Criança ambulante com saquinhos de alho no corredor de pedestres da Ponte da Amizade



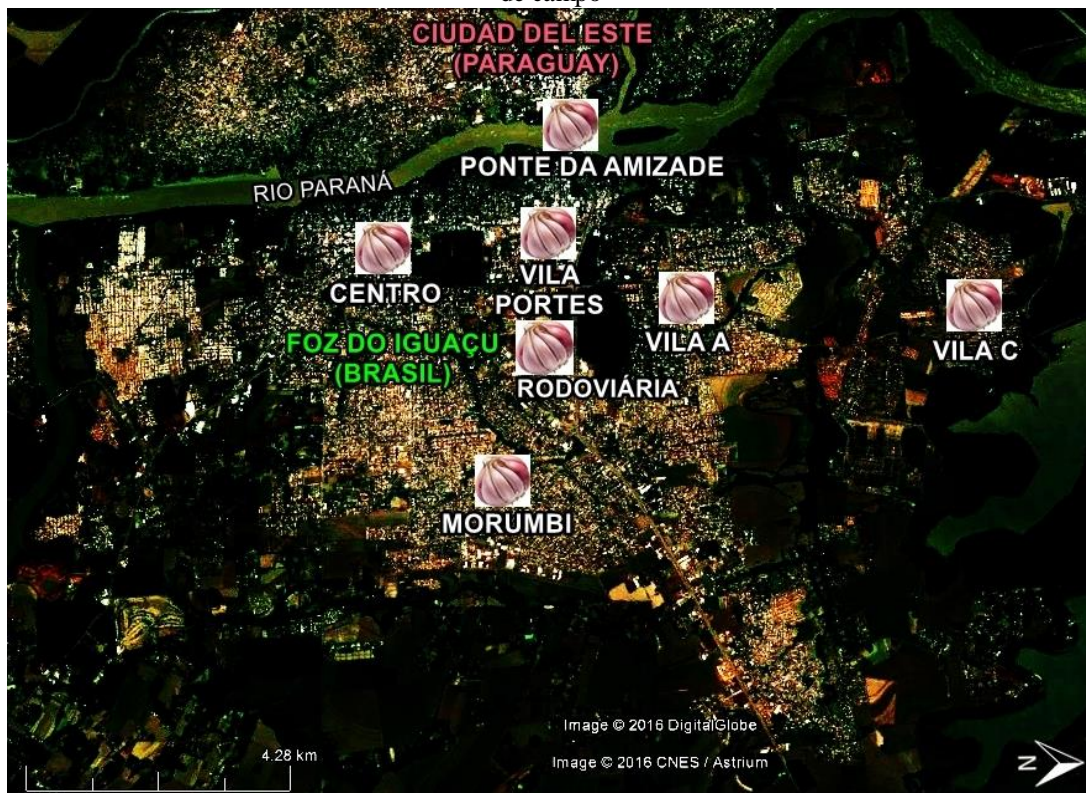
Fonte: Registro nosso, 2016.

Foto 17 – Casal de ambulantes paraguaios vendendo alho em um bairro de Foz do Iguaçu



Fonte: Registro nosso, 2016.

Mapa 7 – Localização das/os vendedoras ambulantes de alho entrevistadas/os e/ou observadas/os durante pesquisa de campo



Fonte: Google Earth, 2016. Elaboração nossa, 2016.

Mapa 8 – Localização dos bairros onde moram as/os ambulantes entrevistadas/os



Fonte: Google Earth, 2016. Elaboração nossa, 2016.

Capítulo 4. NA ESCALA DO CORPO: COMO OS VENDEDORES AMBULANTES DE ALHO NOS REVELAM EM SEUS PERCURSOS A PRODUÇÃO DA REDE URBANA?

Propõe-se neste capítulo entender a espacialização da rede urbana de Ciudad del Este a partir das trajetórias e ações dos vendedores ambulantes de alho, considerando a contextualização social, histórica, econômica e política realizada nos capítulos anteriores deste estudo, e também, os relatos dos vendedores coletados em trabalho de campo. Agier (2011) salienta que para compreender a cidade, a pesquisa deve ser relacional, articulando lugares, situações e movimentos, pois a cidade é por si própria, processo, ela é viva e imprevisível. De acordo com Rosa:

[...] se a articulação entre temporalidades (tempos biográficos, geracionais, sociais, históricos) e espacialidades (marcos espaciais, referências urbanas, pontos de condensação dos deslocamentos) é constitutiva da análise de trajetórias urbanas, um terceiro aspecto se entrelaça a elas e faz-se crucial para a abordagem adotada pela pesquisa: os “eventos políticos” que as atravessam (políticas urbanas, programas habitacionais, conflitos sociais, formas de ação coletiva, práticas de tutela), ao operarem como vetores concretos na produção do espaço urbano (Telles, 2006b) (ROSA, 2014, p.71).

Nesse sentido, é importante considerar o contexto fronteiriço nas suas variadas dimensões (políticas, simbólicas, jurídicas, econômicas, sociais) em que os agentes sociais e suas atividades tratadas aqui nesta pesquisa estão inseridos, pois tal contexto é crucial para desvendar a configuração, a produção e a existência dos agentes e suas atividades.

A forma com que se delinea a espacialidade dos vendedores ambulantes de alho paraguaios nos permite refletir acerca do processo de (re)produção da rede urbana de Ciudad del Este no Paraguai, e da própria dinâmica da zona de fronteira em que está imersa. Segundo Lefebvre (1983, p.124-125), a “[...] forma urbana é cumulativa de todos os conteúdos, seres da natureza. Resultados da indústria, técnicas e riquezas, obras da cultura, dos modos de viver, das situações, das modulações ou rupturas do cotidiano” (apud SPOSITO, 2014, p. 137).

Este estudo adentra-se na proposta da geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos (2014, p.67), de se “pensar o processo de reprodução do espaço urbano em suas várias dimensões”. Ao buscar entender parte deste processo nas trajetórias e ações dos vendedores ambulantes de alho, parte-se da ideia de que é imprescindível:

[...] pensar o sentido do conceito de reprodução social do espaço urbano, capaz de iluminar a armadilha da redução do sentido da cidade àquele de condição da reprodução do poder ou do capital, esvaziado de seu sentido humano e das contradições que despontam como lutas pelo espaço (CARLOS, 2014, p.67-68).

Para Carlos (2014, p.63), a reprodução do espaço envolve uma multiplicidade de processos em seus mais variados aspectos e sentidos dados pela prática sócio-espacial, e esta reprodução revela-se no plano da vida cotidiana. Conforme a autora, a produção do espaço abre-se então para a noção de apropriação, que se concretiza em atos e situações dos agentes sociais, e nisso, os usos se dão por meio do corpo e de todos os sentidos humanos, que conjuntamente, são extensão do espaço, produzindo, reproduzindo e expressando um mundo concreto. Nisso, conforme Mondardo (2009), com base em autores como Foucault (1985), Antunes (1999), Haesbaert (2004), Harvey (2004), La Boétie (1982), Moreira (2002), Raffestin (1993), entre outros, consideramos que:

O corpo como elemento material e inerente à existência dos seres humanos, sempre foi de fundamental importância para a produção e reprodução espacial. Assim, o corpo é produto e produtor das relações sociais e territoriais. [...] Nestes aspectos, o corpo é elemento que cria relações, cria espaços e é espaço em constante movimento, vida e reprodução das relações. [...] Ao mesmo tempo em que cria seu espaço de vivência “está se criando” espacialmente. A partir disso, o corpo criador de relações e de espaço, re-cria relações de poder e, a partir destas, cria relações políticas, criando recortes no espaço que se constituem territórios. [...] Assim, estes territórios de poder são, tanto o corpo que se torna território, como também, a espacialização dos modos, das práticas cotidianas da vida dos “sujeitos-corpos” que se tornam territórios (MONDARDO, 2009, p.3).

Ao colocarmos a hipótese de que as trajetórias dos vendedores ambulantes expressam, produzem e (re)produzem o espaço em suas diversas dimensões (políticas, econômicas, culturais, subjetivas), supõe-se que devemos considerar esses sujeitos como agentes territoriais, ou seja, sujeitos-territórios, já que esses são extensão do espaço (CARLOS, 2014, p.63). Compreende-se, portanto, que “*al concebir al sujeto como habitante, la dimensión espacial primera y eminente es la corporal* (LINDÓN, 2009, p.12)”. Não se trata de colocarmos o corpo como objeto de estudo por si próprio, mas sim sua relação com outras dimensões, pois ao considerarmos o corpo e as emoções como uma possibilidade para compreender a construção social da cidade, do urbano e de seus lugares, entendemos que os sujeitos habitam corporalmente e emocionalmente o espaço geográfico (LINDÓN, 2009, p.6). Nessa concepção, “*al concebir al sujeto espacialmente se reconoce que nuestro actuar en el mundo hace y modela los lugares y al mismo tiempo, deja en nosotros la marca de los lugares que habitamos* (LINDÓN, 2009, p.10)”.

Para Lindón (2012, p.706), as práticas e manifestações dos sujeitos com e por meio do corpo que inclui movimentos, sentimentos, pensamentos e emoção, dão uma linguagem ao corpo, e este adquire corporeidade, que é a experiência de sentir e viver o corpo, o que permite saber pensar, saber ser e saber fazer o espaço vivido. De acordo com a autora, é por meio da corporeidade que o indivíduo se apropria do espaço, transformando-o e significando-o. Segundo Lindón (2006, p.367), os sujeitos levam consigo informações espaciais, e essas, permitem suas orientações na cidade. Essas informações espaciais, de acordo com a autora, são operadas por dispositivos mentais, que armazenam, utilizam, e tratam essas informações.

A informação espacial que o sujeito possui tem relação estreita com suas práticas e rotinas cotidianas, e nesse sentido, cada nova experiência do sujeito no espaço, permite a incorporação de novas informações espaciais, e tal processo, relaciona-se com os papéis sociais que a pessoa desempenha, bem como, com a sua posição na estrutura social e territorial (LINDÓN, 2006, p.377). Com isso, as práticas dão significados aos lugares, ao mesmo tempo em que, esses significados são adquiridos desses lugares, e nisso, tais significações compõem os acervos de informação espacial do sujeito (LINDÓN, 2006, p.378).

Partindo dessas concepções, apreende-se que o corpo e a mente são indissociáveis e que os sujeitos estão em constantes interações com o espaço. Desse modo, devemos considerar que as emoções dos sujeitos estão também estreitamente relacionadas com seus espaços de vida, e com isso, entender essas emoções, nos permite compreender os sentidos dos lugares. Amâncio da Costa Pinto (2001, p.243) coloca que a emoção é uma experiência subjetiva e uma reação complexa que se dá por estímulos ou pensamentos, abarcando reações orgânicas e pessoais, e que envolve a mente e o corpo. Conforme o autor, a emoção é uma resposta que abrange componentes variados, sendo uma reação observável, uma excitação fisiológica, uma interpretação cognitiva e uma experiência subjetiva. Para Yi-Fu Tuan, “as emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento (TUAN, 1983, p.9)”.

Segundo Lindón (2012, p.706), as emoções se dão em uma complexa interação entre o sujeito como ser, seu corpo e o seu espaço vivido. Com base em David Seamon (1979) que se reporta a Maurice Merleau-Ponty, a autora coloca que todo o sujeito é ao mesmo tempo um sujeito-corpo e um sujeito-sentimento, pois toda a experiência espacial é corporal e emocional. Conforme a autora, “*las emociones – siempre corporizadas – implican movimientos corporales, que derivan de alteraciones en el flujo sanguíneo ante las experiencias espaciales* (LINDÓN, 2012, p.707)”.

Nesse sentido, os relatos dos vendedores ambulantes apresentados nesse estudo, são fundamentais, pois, suas narrativas são a tradução em linguagem da experiência de seus corpos, que habitam e (re)produzem o espaço corporalmente e emocionalmente. Assim, “a noção de “produção do espaço” [...] importa conteúdos e determinações, obriga-nos a considerar os vários níveis da realidade como momentos diferenciados da reprodução geral da sociedade em sua complexidade” (CARLOS, 2014, p.64).

Para compreendermos a (re)produção social do espaço, torna-se necessário o entendimento do conceito de escala espacial, que “emerge da consciência da dimensão variável, no espaço, da ação humana, e é útil para compor a inteligibilidade dessa ação” (CORRÊA, 2014, p.42), e também, a noção de produção do espaço urbano como:

[...] consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade (CORRÊA, 2014, p.43).

Para Côrrea (2014, p.48), as práticas e estratégias dos diversos agentes sociais são marcadas por complementaridades e antagonismos, e as resultantes espaciais se expressam na configuração e conteúdo socioespacial, nas contradições e nos conflitos. Complemento a ideia do autor, colocando como reflexão o pressuposto de que a configuração espacial e seu processo permanente de transformação também se expressa nos sujeitos, em suas atividades e trajetórias, partindo da ideia de que o corpo (o sujeito) é indissociável ao território. No caso dos ambulantes que concretizam suas territorialidades nas ruas e espaços públicos da cidade, tanto os que possuem pontos fixos como os que se deslocam por vários espaços oferecendo seus produtos, consideremos que:

[...] el estar trabajando en este tipo de espacios favorece la idea de que es un trabajo efímero, porque el escenario en sentido material está cambiando constantemente. En ambos escenarios callejeros hay cambio constante: en unos porque aunque el escenario está fijo en un lugar, llegan y se van constantemente distintas personas (entran y salen del escenario). En el otro, el cambio es más evidente, porque quien trabaja lo hace desplazándose a lo largo de una o varias calles ofreciendo un producto. Esto muestra la capacidad del espacio de producir lo social, sin por ello dejar de ser un producto de lo social (LINDÓN, 2007, p.95).

Assim, no seio das práticas socioespaciais, revela-se a relação dialética entre sociedade/espaço, de como um se realiza no outro e através do outro (CARLOS, 2014, p.53). As trajetórias dos sujeitos mesclam a ação espontânea à ação organizada, revelando racionalidades alternativas, e nesse sentido, para apreendê-las, torna-se necessário

compreender que a cidade é uma “arena incerta e experimental”, e os usos de seu território por esses agentes, são oriundas de “regras não ditas do cotidiano e da sociabilidade”, muitas vezes, “conquistados no espaço opositor”, e que conseguem driblar a repressão por serem imprevisíveis, inesperados, e surpreendentes para a ordem dominante, e nesse sentido, essas trajetórias são construídas pelo “conhecimento vivido da cidade, por saberes populares, por praticantes dos lugares e pela solidariedade” (RIBEIRO, 2009, p.154). De acordo com Telles (2010), devemos estar atentos aos circuitos das trajetórias traçadas pelos personagens urbanos, pois:

Em seus contextos de referência, essas trajetórias operam como prismas pelos quais o mundo urbano vai ganhando forma em suas diferentes modulações. São esses personagens que tornam práticas urbanas e vetores policentrados perceptíveis, em torno dos quais esse mundo social vem se desenhando (TELLES, 2010, p.121).

Precisamos entender, segundo Côrrea (2014, p.49), que a ação do agente social se dá em uma espacialidade multiescalar, e colocar três questionamentos em pauta: “Como variam as ações desse agente em cada área, em cada escala? Que conflitos e negociações foram efetivados para que determinados objetivos fossem alcançados? Na perspectiva do agente social em estudo, que relações existem entre as diversas escalas espaciais de sua atuação?”.

A atividade desempenhada pelos vendedores ambulantes de alho representa uma das práticas que compõem a produção do espaço. O fato de tal prática realizar-se no plano do lugar³⁰, não exclui outras escalas, pois as variadas práticas expressam a realização da vida humana nas ações cotidianas, que se dão por meio de apropriações que se realizam através das formas e possibilidades dadas para o uso de determinados espaços-tempos no interior da vida cotidiana (CARLOS, 2014, p. 64).

Conforme Lindón (2009, p.13), as práticas socioespaciais desempenhadas por cada sujeito nunca são isoladas, pois elas estão encadeadas em sequências de práticas orientadas para alcançar algo, e assim, as práticas de um sujeito se relacionam com as de outros. Segundo a autora, esses fazeres interligados de múltiplos sujeitos que convergem por instantes em certos lugares e fragmentos de tempo, e que também protagonizam outras

³⁰ Entende-se aqui que “o lugar, de maneira geral é um espaço sensato, isto é, apropriado ao nosso sentido, um espaço que nos convém, um espaço sensível. Mas também um espaço orientado, um espaço de orientação, que permite responder a pergunta: Onde estamos? Enfim, é um espaço que dá lugar ao sentido, ao bom senso, ao pensamento sensato. Nesta perspectiva, o lugar seria um espaço poético, no sentido em que *poeticamente o homem habita sobre esta terra*, mas também porque ele foi feito, construído, arquitetado. Um lugar é um espaço habitado ou habitável. Nesta perspectiva, é o habitar que define o lugar. Nesta perspectiva, para nós geógrafos, o lugar se confunde com a noção de *habitat*. [...] Um lugar se abre para outros lugares e o lugar de todos os lugares, o lugar comum, este é o mundo. É ténue a diferença, portanto, entre lugar e mundo (SOUZA, 2006, p.174-175)”.

convergências espaço-temporais com outros sujeitos em outros lugares, constituem o processo de construção sócio-espacial da cidade, de forma permanente, conectada e fragmentada, pois em cada lugar e em cada instante ocorrem fenômenos singulares, com vida própria, marcando rumos precisos na cidade.

Partindo destes pressupostos, é possível compreender que a atividade dos ambulantes conforma-se numa possibilidade própria do lugar, inserida em um circuito espacial produtivo que é encadeado em uma rede de relações existentes entre escalas espaciais distintas. Nesse sentido, compreende-se o espaço como condição, meio e produto da reprodução da sociedade, e a produção deste espaço é processo/movimento (CARLOS, 2014, p.62-63).

A possibilidade de atuação dos vendedores ambulantes de alho é dada pela singularidade de suas espacialidades que estão inseridas em um contexto de fronteira. Estes agentes sociais encontram na diferenciação das soberanias (em seus distintos conjuntos de leis, normas, impostos), brechas que permitem a existência de suas atividades, inseridas sob a própria lógica do sistema capitalista, onde a circulação de bens e pessoas é essencial para a competitividade e acumulação de capital, onde “[...] a produção expande-se espacial e socialmente (no sentido que penetra toda a sociedade), incorporando todas as atividades do homem e redefinindo-se sob a lógica do processo de valorização do capital” (CARLOS, 2014, p. 60).

Estas possibilidades se realizam em determinados momentos e em determinadas circunstâncias, e modificam-se ao longo do tempo, adaptando-se às transformações que o sistema socioespacial lhes confere. As mesmas são parte do processo de reprodução do espaço, que para Carlos, é produto social, e este é também:

[...] produto histórico, e ao mesmo tempo, realidade presente e imediata. Esta se realiza no cotidiano social e aparece como forma de ocupação e/ou utilização de determinado lugar, num momento específico – revelando a dimensão do lugar como espaço-tempo da prática sócio-espacial (CARLOS, 2014, p. 68).

Ao compreender as atividades dos ambulantes inseridas em um circuito que se desdobra em condições interescares que são hierárquicas, é importante salientar, segundo Sposito, que:

Nada pode ser explicado apenas numa escala, mesmo que estejamos nos referindo à escala internacional. Toda a compreensão requer a articulação entre as escalas, ou seja, a avaliação dos modos, intensidades e arranjos, segundo os quais os movimentos se realizam e as dinâmicas e os processos se desenvolvem, combinando interesses e administrando conflitos que não se restringem a uma parcela do espaço,

mesmo quando os sujeitos sociais, que têm menor poder aquisitivo, parecem atados a territórios relativamente restritos (SPOSITO, 2014, p.130).

Essa noção é fundamental para a análise geográfica na tentativa de compreender fenômenos atuais, emergidos no processo de globalização, pois o mundo acontece no lugar, então, “cada lugar é, à sua maneira, o mundo” (SANTOS, 2006, p.213), e neste sentido, subentende-se que “um lugar se abre para outros lugares e o lugar de todos os lugares, o lugar comum, este é o mundo” (SOUZA, 2006, p.175). Nessa perspectiva, analisar o mundo geograficamente, é desvendar os processos constitutivos do espaço social, desvendando os sujeitos e suas ações (CARLOS, 2014, p.71). Assim,

Seguir os traçados das mudanças (e conturbações) do mundo urbano significa levar a sério processos e práticas que só se deixam ver nos deslocamentos e nos pontos de inflexão, de entrelaçamento, e bifurcações que vão compondo as realidades urbanas. [...] os deslocamentos nos espaços urbanos e nos percursos ocupacionais [...] também se processam no interior das famílias – na linha vertical da sucessão ou linhagens familiares [...]. A diferença entre as gerações é um crivo que permite ver e figurar outras dimensões e outras facetas das reconfigurações urbanas (e sociais) engendradas nesses anos (TELLES, 2010, p.111-112).

Assim, tentar compreender o lugar dos vendedores ambulantes de alho, é também buscar o conhecimento do mundo a partir da escala local, da realidade do sujeito e dos seus usos no lugar, pois, “[...] se o espaço corresponde a uma realidade global, revelando-se no plano do abstrato, e diz respeito ao plano do conhecimento, sua produção é social e esta expressa a prática sócio-espacial” (CARLOS, 2014, p.70). Desta maneira, conforme Serpa (2014, p.100) com base em Tuan (1983), “os lugares são reflexo e condição para a reprodução das relações sociais, políticas, culturais e econômicas nas mais diversas escalas de análise”.

4.1 Vila Portes e Vila Paraguaia: extensões socioespaciais da rede urbana de Ciudad del Este?

A partir das observações realizadas em trabalho de campo, e de relatos coletados nas entrevistas com os vendedores, percebe-se que uma massa numerosa desses trabalhadores dirige-se ao Brasil. Podemos refletir se essa direção ao Brasil, também se expressa em outros espaços e atividades realizadas na cidade de Foz do Iguaçu. Alguns exemplos são a Vila Portes e a Vila Paraguaia.

A Vila Portes caracteriza-se por abrigar uma variedade de estabelecimentos comerciais, atacados e varejos, onde muitos paraguaios trabalham, inclusive, alguns radicados em Foz do Iguaçu são proprietários de alguns desses estabelecimentos, por isso, é comum encontrar alguns desses estabelecimentos com nomes em espanhol. Esses comércios também estão voltados à clientela paraguaia, que vêm à Vila Portes comprar produtos para consumo próprio, e também, para abastecer pequenos comércios no Paraguai, uma vez que, os preços de muitas mercadorias são mais baixos comparados aos encontrados no país vizinho.

A Vila Paraguaia é um bairro próximo à área central de Foz do Iguaçu, e também à margem do Rio Paraná, limite entre o Brasil e Paraguai. Nesse bairro, muitos dos habitantes são paraguaios, inclusive, dois vendedores que entrevistei em trabalho de campo, relataram serem moradores desse bairro. Segundo Oliveira (2012), com base em relatos de moradores, a Vila Paraguaia tem origem na imigração paraguaia, e, anteriormente, o local chamava-se Vila Santana, sobrenome de um paraguaio pioneiro na área. Após o seu falecimento, o nome da localidade foi alterado para Vila Paraguaia. De acordo com a autora, um contingente de população paraguaia se encontrava na área em torno de uma centena de casas.

Oliveira (2012) também coloca o relato de moradores que se radicaram no Brasil em razão de perseguições na ditadura militar no país vizinho. Muitos se estabeleceram em atividades, na maioria braçal, na construção civil, em madeireiras, ou, no caso das mulheres, em atividades domésticas³¹. A autora também ressalta que nos nomes das ruas do bairro, essa imigração é representada, uma vez que os nomes dessas ruas, em sua maioria, são de cidades, departamentos e localidades do Paraguai, datas e personalidades históricas e/ou religiosas do país vizinho, etc., e nesse sentido:

A história das palavras que descrevem o mapa toponímico da Vila Paraguaia retrata a história de vida do grupo que delas faz uso, pessoas que permanecem no território, além de inúmeros paraguaios de lá viveram [...] Mais do que fatos históricos, os atores (indígenas, colonizadores, marechais, guerrilheiros, tiranos, divindades), os palcos (terras, matas, vales, lagos) e as cenas (confrontos, perseguições) presentes nos nomes das ruas daquele bairro, um dos tantos cenários da cidade, são existências selvagens, delinquentes, provenientes de um passado, subtraídas da lei do presente (CERTEAU, 1996, p.192). Ruas por onde rondam os “espíritos do lugar” cujas presenças estão a proteger e assombrar aqueles que os reconhecem (OLIVEIRA, 2012, p.130).

³¹ Com base no relato do vendedor ambulante de alho Pedro que foi entrevistado em trabalho de campo, e também, em Aparecida Darc de Souza (2009), que expõe relatos de moradores da cidade de Foz do Iguaçu, sendo alguns deles, de origem paraguaia residentes no bairro Vila Paraguaia.

Um dos questionamentos que surgem a partir de tais pressupostos, é: A Vila Portes e a Vila Paraguaia seriam em determinada parte, ainda que em território brasileiro, porém fronteiriço, extensão da rede urbana de Ciudad del Este que se volta em direção ao Brasil?

4.2 Entre Brasil e Paraguai: movimentos contraditórios

Existem movimentos populações contraditórios entre os dois países. Para compreendê-los, talvez, seja necessário considerarmos que os corpos desenham, movimentam e expressam territórios. Enquanto observa-se uma maioria de brasileiros dirigindo-se ao Paraguai para adquirirem propriedades em áreas rurais, para desenvolverem atividades ligadas ao agronegócio, por outro lado, verifica-se que uma quantia considerável de paraguaios migrou e migra ao Brasil para estabelecerem-se principalmente em áreas urbanas, em busca de melhores condições de vida (refúgio, trabalho, serviços, entre outros).

Talvez, seja interessante comparar a quantia de brasileiros proprietários de terras e negócios no Paraguai versus a quantia de paraguaios proprietários de terras e negócios no Brasil, e também, comparar a quantia de trabalhadores formais e informais brasileiros no Paraguai, e paraguaios no Brasil. Outro questionamento acerca dessa discussão é: Será que uma parte dos paraguaios que migram ao Brasil é proveniente do processo de êxodo rural no Paraguai, decorrente também da expansão do agronegócio, praticado também por agentes brasileiros no país vizinho? A partir da busca de respostas para essas indagações, poderemos ver parte da discrepância desses movimentos entre os dois países, que refletem suas diferenças e relações econômicas e geopolíticas bilaterais. Porém, neste trabalho, me limito a discutir parte desse processo a partir das trajetórias dos vendedores ambulantes de alho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Cuando te necesito te contrato (...), cuando me sobras te denuncio (...). Te golpeo. Te caro como conejo. Te embarro de pintura para que todos lo sepan: eres ilegal".
(FUENTES, 1995, p.120 apud MOURA, 2000, p.87).

Ao apreendermos as trajetórias dos vendedores ambulantes de alho paraguaio, a partir de suas narrativas, percebe-se que estes se dirigem ao Brasil para desempenharem suas atividades. Para isso, utilizam estratégias que envolvem uma série de outros agentes articulados, e que se realizam pelas especificidades do contexto de fronteira em que estão inseridos. Suas práticas estão estreitamente relacionadas com fluxos advindos de outras escalas e dimensões geográficas, uma vez que, primeiramente vendem o alho que é produzido na Argentina ou na China, e que depende de todo um circuito para sua circulação e destinos finais – sendo um deles a partir dos vendedores ambulantes que o vendem no Brasil. Seria uma reprodução informal do processo de triangulação econômica que ocorre no país, sobretudo, em Ciudad del Este? Suas práticas seriam também parte do processo de expansão de capital característico do sistema capitalista contemporâneo pautado em um mercado competitivo global? Logo, esses ambulantes precisam lidar com as oscilações entre os diferentes câmbios monetários, que os podem favorecer ou não. Se tal condição oscila para outro lado, as espacialidades das práticas dos ambulantes também irão mudar.

As normas e regulações jurídico-políticas que se diferenciam em cada país também configuram outro conjunto de ordens que os ambulantes precisam tratar. É justamente nas brechas dessas diferenças que esses agentes criam estratégias para a realização de suas práticas, e esse processo é, sobretudo, conflituoso. É daí que se desprende a fiscalização e a repressão policial, e até mesmo, o estereótipo de trabalhador informal, fora da lei, que os marginalizam perante o Estado e à sociedade. Esse conjunto de fatores também irá definir as espacialidades e temporalidades de suas práticas, ou seja, os espaços e momentos em que irão realizar suas ações. Com isso, poderíamos refletir acerca de uma contradição entre as políticas do Estado e a (re)produção de um mercado global no capitalismo contemporâneo, sobretudo, em cidades fronteiriças? Com essa realidade, caberia, como colocam Moura e Cardoso (2016, p.207), que as instituições governamentais e suas políticas compreendam que “o deslocamento espacial como parte das estratégias de sobrevivência e de mobilidade social da população (MARTINE 2005, p.3 apud MOURA e CARDOSO, 2016, p.207). Nessas conjunturas, entendemos as ambiguidades da fronteira como “[...] sendo, ao mesmo tempo,

libertação e constrangimento, condição de sobrevivência ou apenas miragens (MOURA, 2000, p.86)”.
É relevante lembrar, conforme Moura e Cardoso (2016), que a aglomeração transfronteiriça composta por Ciudad del Este, Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú e municípios lindeiros, situada nessa pesquisa, é conhecida internacionalmente na mídia, pelos atrativos turísticos constituídos pelas Cataratas do Iguaçu, Itaipu e pelo comércio fronteiriço. Isso, de acordo com os autores, faz com que essas cidades adquiram outra singularidade, que é a implicação de fluxos internacionais em seus territórios, seja de mercadorias, informações ou pessoas. Com isso,

À complexidade recorrente pela submissão da esfera local à dinâmica particularizada pela natureza de internacionalidade do espaço agrega-se essa expressiva população flutuante, cujas demandas são tornadas prioridades, sobrepondo-se às necessidades básicas da população local (MOURA e CARDOSO, 2016, p.216-217).

Outro fator importante para indagar-nos acerca das contradições e da perversidade das ordens políticas e econômicas advindas de hierarquias superiores é a questão da condição social em que estão inseridos esses trabalhadores, marginalizados socialmente e espacialmente pelo Estado e pelo mercado dito formal. A questão de serem marginalizados socialmente diz respeito ao fato de que os direitos sociais que deveriam ser garantidos pelo Estado não se concretizam para esses trabalhadores, que acabam criando estratégias de sobrevivência no mercado informal, lhes conferindo uma situação de vulnerabilidade, e também diz respeito ao fato de que esses trabalhadores são alvos de preconceito por parte da sociedade, e, muitas vezes, são invisíveis na cidade, mesmo que estejam realizando suas atividades nas ruas e nos espaços públicos.

O fato de estarem marginalizados espacialmente, diz respeito a questão de que estes trabalhadores não podem realizar suas atividades e seus percursos em qualquer espaço da cidade, ou seja, como vimos nos relatos, não são permitidos de trabalharem em qualquer rua, e atravessam de um país ao outro em transporte e via clandestinos, por exemplo. Diz respeito também ao feito de que estes sujeitos, na maioria das vezes, moram em espaços periféricos da cidade, em situação de segregação e degradação. Porém, ao mesmo tempo em que são marginalizados, esses agentes servem à (re)produção e expansão do capital, que se dá articulando fronteiras entre o legal e ilegal, lícito e ilícito, formal e informal (TELLES, 2010). Nesse sentido, “cada fração do território pode ser alcançada por uma ou várias fases de um ou

vários circuitos de produção, o que permite explicar sua inserção na divisão interna e internacional do trabalho (ARROYO, 2008)”.

Outra dimensão geográfica relevante que é apropriada pelos ambulantes em suas estratégias é a cultural. No momento em que os ambulantes afirmam que vender o alho no Brasil é mais vantajoso pelo fato de os brasileiros utilizarem esse condimento na culinária, se trata de uma dimensão cultural. É importante ressaltar que suas práticas na cidade de Foz do Iguaçu no Brasil, expressam e (re)produzem uma cultura que torna o espaço da cidade, num espaço social transfronteiriço. Sendo assim, subentende-se que:

A fronteira estabelece uma relação entre os Estados nacionais, separados por limites físicos ou abstratos, e as conexões cotidianas de convivência, decorrentes da expansão do povoamento e da dinâmica econômica. É uma linha material ou imaginária, historicamente institucionalizada, que se esmaece diante da interação na produção real do espaço (MOURA e CARDOSO, 2016, p.206).

O fato de venderem outros produtos, além do alho, como a erva para o preparo de *tereré* ou a *chipa*, que são elementos típicos paraguaios e que trazem em sua essência o imaginário de pertencimento ao Paraguai, ou, de oferecerem suas mercadorias e conversarem com clientes utilizando uma linguagem que mistura o português e o espanhol, produzem um processo de transfronteirização cultural, e também, da própria paisagem urbana. O próprio alho que vendem, traz o imaginário da culinária e cultura brasileira para esses ambulantes. Esses elementos, atos, e contatos, são transfronteiricidades. Com inspiração em Lopes (2014), entende-se aqui como transfronteiricidades³², os elementos cotidianos que abarcam objetos, práticas e subjetividades incorporados nas trajetórias dos sujeitos inseridos num espaço transfronteiriço. As transfronteiricidades (re)criam-se nas mais variadas dimensões e articulações entre escalas e agentes, constituindo assim, territorialidades singulares e fronteiras outras em distintos aspectos, uma vez que, as transfronteiricidades não deixam de ser conflituosas, ou, de expressarem conflitos. Desse modo, a partir das transfronteiricidades, constroem-se “espaços abertos a construções simbólicas, que quase sempre emergem da justaposição *diversidade e conflito* (MOURA e CARDOSO, 2016, p.217, grifos dos autores)”.

³² Importa-se o termo “transfronteiricidade” do autor Cícero Galeno Lopes (2014) em seu estudo sobre os traços identitários transfronteiriços na cultura pampiana. Apoiado em Paterson (2008) que utiliza a noção de “transnacionalismo”, Lopes (2014) utiliza a noção de transfronteiricidade para designar processos de formações identitárias que vão além das fronteiras nacionais, a fim de evitar o sufixo ismo, já que este possui uma relação com ideologias de doutrina. A partir na contextualização do termo “transfronteiricidade”, o autor trabalha com a noção da construção de uma “nação cultural”, que desenvolve raízes identitárias sociais próprias. Salienta-se em seu estudo que esse termo não se refere à ideia de estado-nação. Nesse sentido, o fenômeno de transfronteiricidade é determinado por “identificações de ambiente, hábitos, atividades, atitudes, autorreconhecimentos [...] (LOPES, 2014, p.7)”, e nisso, a transfronteiricidade “se expressa em linguajar autorreconhecível, em função do léxico, da sintaxe, do conjunto de atividades a que se refere (LOPES, 2014, p.7)”.

As transfronteiricidades, nesse sentido, conformam elementos de constituição e manutenção de um imaginário cultural e geográfico transfronteiriço, que se dá por meio das práticas sociais no espaço, nos oferecendo a possibilidade de compreender a (re)produção de uma rede urbana transfronteiriça e suas distintas articulações, partindo da escala do sujeito, sendo este, extensão do espaço. Sobre esse processo, Alegria (2009) indaga-se se essas interações e convivências cotidianas dadas pelas mobilidades entre os sujeitos dessas cidades fronteiriças criam realmente uma “nova cultura” e cidadania transfronteiriça, ou se trata somente de uma aproximação entre as diferenças que compõe um “mosaico diverso”, resultado da mescla da diversidade presente decorrente das interações resultantes da busca de alternativas de sobrevivência aos entraves nos espaços de fronteira (MOURA e CARDOSO, 2016, p.208).

A partir dessas considerações, é possível analisar que as trajetórias e práticas desses vendedores ambulantes, são a expressão do próprio sistema econômico do Paraguai – dependente e voltado ao exterior, da própria configuração do mercado global e do capitalismo contemporâneo conflituoso e contraditório, e da própria dinâmica das cidades de fronteira interconectadas. Voltemos na questão dos câmbios monetários ou crises político econômicas por exemplo. As oscilações entre os sistemas monetários dos diferentes países ou crises que afetem um desses Estados, não somente (re)configurarão as espacialidades das atividades ambulantes transfronteiriças, mas também irão (re)configurar os movimentos e fluxos entre os diferentes países, e, em suas respectivas cidades de fronteira. Dessa maneira, “a interação é propulsada pelas diferenças entre os países e pode ser considerada cíclica, aumentando na medida em que se intensificam as diferenças (MOURA e CARDOSO, 2016, p.207)”. Não é a toa que a vendedora ambulante de panos de prato relatou que é vantajoso para ela quando o dólar está alto perante o real brasileiro, pois assim, suas vendas aumentam pelo fato de que aumenta o número de estrangeiros comprando em Foz do Iguaçu no Brasil. Esse relato, por exemplo, não só expressa um efeito em sua prática, mas mostra também um efeito na interação entre essas cidades de fronteira.

Nesse sentido, devemos compreender que os sujeitos e suas práticas, que no caso deste estudo, estão representados pelos ambulantes e suas atividades, não estão em determinado espaço por acaso, assim como as cidades. Devemos entender que suas existências advêm de um processo histórico que se dá por intermédio de distintas ordens, sejam elas geopolíticas, econômicas, ou sociais. Porém, não podemos considerar que as práticas desempenhadas por esse sujeitos são totalmente submissas a um sistema político-econômico opressor, pois elas são, antes de tudo, estratégias criativas que a população marginalizada encontra para sua

sobrevivência. É a partir dessas práticas, que esses sujeitos criam relações de sociabilidade, projetos familiares e alternativas de sobrevivência, e a partir delas, podemos adquirir outros olhares para a compreensão da cidade. De acordo com Ribeiro (2009, p.152), “existe uma vida de relações, de difícil percepção, que adquire força propositiva frente aos limites da democracia formal (formalizada) e a destruição das esperanças de integração social. Nesta vida, subterrânea e tentativa [...]” os sujeitos criam “[...] formas alternativas de sociabilidade e táticas de sobrevivência. A densidade dessa vida de relações, que acontece à revelia do Estado, tem assumido crescente importância política na cena urbana da América Latina” (RIBEIRO, 2009, p. 152). Desse modo, é importante a apreensão do sujeito “em todas as dimensões da sua existência, para além do trabalho e do consumo (ARROYO, 2008)”. Nesse sentido, ao adotarmos essa posição, ainda que em meio a um sistema político-econômico dominante:

Evidentemente, não se trata de negar esta realidade mas, de propor que o espaço urbano, além de uma condensação de carências, é também depositário de aprendizados, conquistas e projetos populares, mesmo que estes continuem retidos nas malhas da ordem dominante. Interrogando esta ordem, a pesquisa da ação social reconhece as energias latentes da cidade, impedindo que o espaço físico e a paisagem orientem, com exclusividade, a interpretação da vida social (RIBEIRO, 2009, p.149).

A partir desta análise, compreende-se que as narrativas dos ambulantes, suas práticas e espacialidades nos revelam parte da complexa dinâmica das cidades, sejam em dimensões políticas, econômicas, sociais ou culturais, e assim, nos mostram a “feitura dos espaços” (ROSA, 2014). Assim, a cidade pode ser entendida como um complexo produto de ordens e práticas socioespaciais, e que também se apresenta e se reproduz nas estratégias, práticas e percursos de seus habitantes. Mônica Arroyo (2008) nos atenta a importância de considerarmos a cidade como uma totalidade e compreendê-la “como o lugar da produção e reprodução da vida social e como o lugar da própria vida”. No cenário do capitalismo contemporâneo, podemos considerar também que as cidades crescem na medida em que se constituem como espaços de confluência de circuitos que envolvem redes e fluxos diversos (ARROYO, 2008). Nelas:

Reféns da moeda e das grandes corporações, a economia e a sociedade tornam-se desiguais agudizando o conflito que se expressa na privatização do espaço, para "aumento da competitividade", e na corporativização do território, com a priorização de investimentos públicos na direção contrária às demandas sociais (MOURA, 2000, p.89).

O resultado socioespacial desse processo acaba sendo a (re)produção de cidades cada vez mais desiguais e fragmentadas, e a população mais pobre, é obrigada a criar estratégias de sobrevivência. O território das cidades, à mercê da lógica capitalista, “se configura como um mosaico de múltiplas combinações, diversidades, oposições, enfim, muitas formas de fazer, de sentir, de viver (ARROYO, 2008)”. Porém, ainda que em tempos difíceis, podemos concordar mais uma vez com Arroyo (2008) que os homens e mulheres que buscam alternativas de sobrevivência na economia urbana considerada informal, possuem uma força surpreendente pelo seu número, criatividade e simplicidade.

FONTES ORAIS: VENDEDORAS/ES AMBULANTES ENTREVISTADAS/OS

ANA (nome fictício): 47 anos, brasileira, natural do estado de Minas Gerais, residente na cidade de Foz do Iguaçu, é ambulante faz 8 anos. Trabalha de segunda à sábado, aprox. das 9:30h às 17h. Vende panos de prato. Atualmente vende suas mercadorias em ponto fixo próximo a um semáforo de uma avenida do centro de Foz do Iguaçu. Transporte: carro.

ANTONIO (nome fictício): 48 anos, paraguaio, natural de Pedro Juan Caballero, residente no bairro San Miguel na cidade de Ciudad del Este, pai de 4 filhos, é ambulante faz 39 anos. Trabalha de segunda à sábado, aprox. das 6h às 18h. Vende alho e frutas. Atualmente vende suas mercadorias em um ponto fixo no bairro Vila Portes em Foz do Iguaçu. Transporte: ônibus e transporte alternativo (van alugada).

ELENA (nome fictício): 54 anos, paraguaia, natural de Villarica, residente no bairro Remansito na cidade de Ciudad del Este, mora sozinha, é ambulante faz 2 meses. Trabalha de segunda à sexta, aprox. das 9h às 16h. Vende alho, amendoim e feijão. Atualmente vende suas mercadorias em pontos fixos ou andando pelas avenidas do centro de Foz do Iguaçu. Transporte: canoa e às vezes ônibus.

FRANCISCA (nome fictício): 48 anos, paraguaia, natural e residente no bairro Remansito na cidade de Ciudad del Este, mãe de 6 filhos, é ambulante faz 41 anos. Trabalha de segunda à sábado, aprox. das 9h às 16h. Vende alho e roupas. Atualmente vende suas mercadorias em andando pela manhã nas avenidas do centro de Foz do Iguaçu, e à tarde, em ponto fixo. Transporte: canoa ou ônibus.

JAVIER (nome fictício): 18 anos, paraguaio, natural e residente no bairro Remansito na cidade de Ciudad del Este, é ambulante faz 1 ano. Trabalha de segunda à sábado, aprox. das 7h às 17h. Vende alho e amendoim. Atualmente vende suas mercadorias em um semáforo de uma avenida do centro de Foz do Iguaçu. Transporte: carona com os vizinhos que também são ambulantes ou canoa.

JUAN (nome fictício): 24 anos, paraguaio, natural e residente no bairro Remansito na cidade de Ciudad del Este, é ambulante faz 8 anos. Trabalha de segunda à sábado, aprox. das 8h às

17:30h. Vende alho e amendoim. Atualmente vende suas mercadorias em um semáforo de uma avenida do centro de Foz do Iguaçu. Transporte: carro próprio.

JULIETA (nome fictício): 28 anos, paraguaia, natural e residente da cidade de Ciudad del Este, mãe de 2 filhos, é ambulante faz 7 anos. Trabalha de segunda à sábado, aprox. das 7h às 16h. Vende alho, frutas, verduras e roupas. Atualmente vende suas mercadorias em pontos fixos nas avenidas do centro de Foz do Iguaçu. Transporte: carro (alugado).

MARIA (nome fictício): 72 anos, paraguaia, residente no bairro Vila Paraguaia na cidade de Foz do Iguaçu, mora sozinha, é ambulante faz mais de 40 anos. Trabalha durante a semana, aprox. do período da manhã às 16h. Vende somente alho. Atualmente vende suas mercadorias em ponto fixo em uma avenida no centro Foz do Iguaçu. Transporte: ônibus. Transporte: a pé.

MERCEDES (nome fictício): 37 anos, paraguaia, natural de Villarica, residente no bairro Remansito na cidade de Ciudad del Este, mãe de um filho, é ambulante faz 2 anos. Trabalha de segunda à sábado, aprox. das 7h às 18h. Vende alho, amendoim, feijão, frutas e erva para *tereré*. Atualmente vende suas mercadorias em semáforos nas avenidas do centro de Foz do Iguaçu. Transporte: canoa.

PABLO (nome fictício): 20 anos, paraguaio, natural de Ciudad del Este, residente no bairro Remansito, é ambulante faz 2 anos. Trabalha de segunda à sábado, aprox. das 7h às 16h. Vende alho, e de vez em quando, meias. Atualmente vende suas mercadorias andando pelas ruas de diferentes bairros de Foz do Iguaçu. Transporte: canoa e ônibus.

PEDRO (nome fictício): 71 anos, paraguaio, residente no bairro Vila Paraguaia na cidade de Foz do Iguaçu, faz 3 anos. Vende somente alho. Atualmente vende suas mercadorias em um ponto fixo no Terminal de Transporte Urbano de Foz do Iguaçu. Transporte: a pé.

RAMONA (nome fictício): 57 anos, paraguaia, natural de Caazapá, residente na cidade de Presidente Franco, mãe de 2 filhos, é ambulante faz 7 anos. Trabalha de segunda à sexta, aprox. das 8h às 14h. Vende somente alho. Atualmente vende suas mercadorias andando pelas avenidas do centro de Foz do Iguaçu. Transporte: ônibus.

THALÍA (nome fictício): 35 anos, paraguaia, natural de Asunción, residente no Km 20 na cidade de Minga Guazú, mãe de 4 filhos, é ambulante faz 2 meses. Trabalha de segunda à sábado, aprox. das 8h às 13h. Vende alho e roupas. Atualmente vende suas mercadorias andando pelas ruas de diferentes bairros de Foz do Iguaçu. Transporte: ônibus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício. Sobre a memória das cidades. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, p. 19-39, 2014.

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ARROYO, Mônica. A economia invisível dos pequenos. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 2008. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=283>>. Acesso: 17/11/2016.

CADEP (Centro de Análisis y Difusión de la Economía Paraguaya). **Artículo de Prensa: Economías del “interior” y economías de “frontera”**. Disponível em: <<http://www.cadep.org.py/2001/11/economias-del-interior-y-economias-de-frontera/>>. Acesso: 23/09/2016.

_____. **Artículo de Prensa: Precarización y alta informalidad caracterizan al mercado laboral**. Disponível em: <<http://www.cadep.org.py/2011/08/precarizacion-y-alta-informalidad-caracterizan-al-mercado-laboral/>>. Acesso: 23/09/2016.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, p. 53-73, 2014.

CARNEIRO, Camilo Pereira. **Fronteiras irmãs: transfronteirizações na Bacia do Prata**. Porto Alegre: Editora Ideograf, 2016.

CARRÓN, Juan M. Migraciones Intrarregionales en América Latina. **Pasado y presente de la realidad social paraguaya: volumen VI - población, urbanización y migraciones**. (Colección 200 Paraguay bicentenario 1811-2011). 2. ed. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios sociológicos, 2011, p.727-746.

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, 2010, p.461-473.

CASTILLO, Ricardo. Região competitiva e logística: expressões geográficas da produção e da circulação no período atual. **Anais do IV Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul (RS): Unisc, 2008.

CAUSARANO, Mabel. Dinâmicas Metropolitanas en Asunción, Ciudad del Este y Encarnación. **Congreso Paraguayo de Población, 2 – Foro Regional de Población y Desarrollo, 1**. Asunción: Fondo de Población de las Naciones Unidas, 2007, p.83-88.

_____. **Paraguay: Regiones metropolitanas fronterizas. Una puesta al día**. Santiago: CEPAL/CELADE (Comisión Económica para América Latina y el Caribe) - Reunión de expertos sobre: “Población, Territorio y Desarrollo Sostenible”, p.1-24, agosto de 2011.

CECEÑA, Ana Esther. Caminos y agentes del saqueo en América Latina. **Observatorio Latinoamericano de Geopolítica (OLAG) - UNAM**, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Rede urbana e formação espacial: uma reflexão considerando o Brasil. Rio de Janeiro: **Revista Território**, ano V, v. 8, p. 121-129, 2000.

_____. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, p.41-51, 2014.

DE OLIVEIRA, Carlos Manoel et al. Determinação do ponto de colheita na produção de alho. **Hortic. bras**, v. 21, n. 3, 2003.

DGEEC (Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos). **Paraguay: Proyección de la Población por Sexo y Edad, según Distrito, 2000-2025 – Revisión 2015**. Secretaría

Técnica de Planificación del Desarrollo Económico y Social. Fernando de la Mora, Paraguay: octubre, 2015.

DRACHENBERG, Lyra Pidoux de. Inmigración y colonización en el Paraguay 1870-1970. **Pasado y presente de la realidad social paraguaya: volumen VI - población, urbanización y migraciones.** (Colección 200 Paraguay bicentenario 1811-2011). 2. ed. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios sociológicos, 2011, p. 573-634.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a tipologia dos territórios. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** Marcos Aurelio Saquet, Eliseu Savério Sposito (Org.) – 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, UNESP, Programa de Pós Graduação em Geografia, 2009, p.197-215.

FIGUEREDO, Oscar Agustín Torres. Dinámica territorial de la población rural en la franja este del país: Departamentos de Canindeyú, Alto Paraná e Itapúa. **Congreso Paraguayo de Población, 2 – Foro Regional de Población y Desarrollo, 1.** Asunción: Fondo de Población de las Naciones Unidas, 2007, p.97-108.

FRENTE TRANSVERSAL. **El mapa del trabajo forzado en el campo.** 17 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://www.frentetransversal.org.ar/El-mapa-del-trabajo-forzado-en-el>>. Acesso: 18/09/2016.

GRAIN. **La República de la Soja Recargada.** Coleção A Contra Pelo. Barcelona, 12 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.grain.org/es/article/entries/4739-la-republica-unida-de-la-soja-recargada>> . Acesso: 09/10/2016.

GUTIERREZ, Ramón. **As Missões Jesuíticas dos Guaranis.** Rio de Janeiro: UNESCO, 1987.

HAESBAERT, Rogério. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia.** Rio de Janeiro: ano IX, n. 17, p. 19-45, 2007.

_____. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. **A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço.** Álvaro Luiz

Heidrich [et al.] (Org.). Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Editorada UFRGS, p. 19-36, 2008.

HOURCADE, Odile; ODDONE, Nahuel. **Gran Chaco Sudamericano**. 2012.

IBGE. **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro, 2008.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **IBGE Cidades**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php?lang=>>>. Acesso: 19/10/2016.

IIRSA (Iniciativa para la Integración de la Infraestructura Regional Suramericana). **IIRSA 2000-2010**. Disponível em <<http://iirsa.org/Page/Detail?menuItem=28>>. Acesso: 08/10/2016.

INDEC (Instituto Nacional de Estadística y Censos). **Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas, 2010 - Censo del Bicentenario - resultados definitivos, Serie B nº 2. - 1 ed.** Buenos Aires: Instituto Nacional de Estadística y Censos - INDEC, 2012.

IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social). **Regionalizações**. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/imp/imp.php?page=locinfpop>>. Acesso: 19/10/2016.

IPEC (Instituto Provincial de Estadística y Censos de Misiones). **Provincia de Misiones. Población por sexo, según municipio – año 2010**. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/ae8294_ecd1afb61f964bed8ced94930365e65e.pdf>. Acesso: 19/10/2016.

JOLÉ, Michèle. Reconsiderações sobre o andar na observação e compreensão do espaço urbano. **Caderno CRH**, Salvador, v.18, n.45, p. 423-429, 2005.

KRAUER, Juan Carlos Herken. La inmigración en el Paraguay de posguerra: el caso de los “Lincolnshire Farmers” (1870-1873). **Pasado y presente de la realidad social paraguaya: volumen VI - población, urbanización y migraciones**. (Colección 200 Paraguay

bicentenário 1811-2011). 2. ed. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios sociológicos, 2011, p.747-818.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início – fevereiro, 2006.

LINDÓN, Alicia. Geografías de la vida cotidiana. **Tratado de geografía humana**. Alicia Lindón; Daniel Hiernaux (Org.). Barcelona, Espanha: Anthropos Editorial, p. 356-400, 2006.

_____. Espacialidades, desplazamientos y transnacionalismo. **Papeles de población**, v. 13, n. 53, p. 71-101, 2007.

_____. La construcción socioespacial de la ciudad: el sujeto cuerpo y el sujeto sentimiento. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, v. 1, n. 1, p. 6-20, 2009.

_____. Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia um renovado *betweenness*. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n. 33, p. 698-723, Dezembro de 2012.

LOPES, Cicero Galeno. **Transfronteiricidade na cultura pampiana**. Porto Alegre: Seminário Internacional Bioma Pampa: valores biológicos, culturais e econômicos - Conferência “Pampa, espaço transfronteiriço”, 2014.

LUCINI, Marco Antônio. **Mercado de Alho – Safra 2014/15**. EPAGRI/Curitibanos/SC - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina. Disponível em:< http://www.epagri.sc.gov.br/?page_id=5357> . Acesso: 05/09/2016.

MARQUEZINI, Ana Carolina Torelli. Circuitos Espaciais de Fronteira: Cidades gêmeas de Foz do Iguaçu e Cidade do Leste. **Entre-Lugar**. Dourados, MS: ano 1, n. 2, p. 33-55, 2º semestre de 2010.

MEARDI, María Fernanda. **Comercio internacional del ajo: enfoque del productor argentino**. Mendoza – Argentina: Facultad de Ciencias Económicas – Universidad Nacional de Cuyo, 2012.

MELIÀ, Bartomeu; NAGEL, Liane Maria. **Guaraníes y jesuitas en tiempo de las Misiones – Una bibliografía didáctica**. Santo Ângelo/RS: URI, Centro de Cultura Missioneira; Asunción: Cepag, 1995.

MONDARDO, Marcos Leandro. O Corpo enquanto “primeiro” território de dominação: O biopoder e a sociedade de controle. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2009.

MOURA, Rosa. Fronteiras Invisíveis: o território e seus limites. **Revista Território**, LAGET/UFRJ, a V, n. 9, p. 85-101, 2000.

MOURA, Rosa; CARDOSO, Nelson Ari. Mobilidade transfronteiriça: entre o diverso e o efêmero. **Cidade e movimento: mobilidades e interações no desenvolvimento urbano** – Renato Balbim; Cleandro Krause; Clarisse Cunha Linke (Org.). Brasília: IPEA: ITDP, p. 205-222, 2016.

NOSSO TEMPO DIGITAL. Edições em PDF: **Edição 1 – 3 de dezembro de 1980: Drama no Paraguai – Brasileiros estão comendo o pão que o diabo amassou**, p.6-8. Disponível em: <<http://www.nossotempodigital.com.br/edicao/1/>>. Acesso: 25/09/2016.

OLIVEIRA, N. R. **Foz do Iguçu intercultural: Cotidiano e narrativas da alteridade**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras. Foz do Iguçu: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

PINTO, Amâncio da Costa. **Psicologia Geral**. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta, 2001.

RABOSSI, Fernando. **Nas ruas de Ciudad del Este: Vidas e vendas num mercado de fronteira**. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2004.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. A natureza do poder: técnica e ação social. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 4, n. 7, p. 13-24, 2000.

_____. Cartografia da ação social: região latino-americana e novo desenvolvimento urbano. **Otro desarrollo urbano: ciudad incluyente, justicia social y gestión democrática**. Buenos Aires: Clacso, p. 147-156, 2009.

ROSA, Thaís Troncon. Cartografando cidades transumantes: reflexões teórico-metodológicas sobre pesquisas com trajetórias urbanas. **Oculum Ensaio**, v.11, n.1, p.69-79, 2014.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: formação espacial como teoria e como método. São Paulo: **Boletim Paulista de Geografia**, n. 54, p. 81-100, junho de 1977.

_____. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção/Milton Santos**. 4.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 5.ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. Globalização e Geografia: a compartimentação do espaço. **Caderno Prudentino de geografia**, n. 18, p. 5-17, 1996.

SERPA, Angelo. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, p. 97-108, 2014.

SILVA, Susana Maria Vele da. O comércio de rua: lugar de trabalho e de relações familiares. **A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço** / organização de Álvaro Luiz Heidrich [et al.]. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Editora UFRGS, p. 215-224, 2008.

SILVEIRA, Maria Laura. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. **Ciência Geográfica**, Bauru, v.XV, n.1, 2011, p.4-12.

_____. Concretude territorial, regulação e densidade normativa. **Revista Experimental**, n. 2, 1997, p. 35-45.

SMITH, Neil. Geografía, diferencia y las políticas de escala. **Terra Livre**, São Paulo, ano 18, n.19, p. 127-146, jul/dez. 2002.

SOUCHAUD, Sylvain. De la migración internacional a la emergencia de la migración interna como factor de construcción de los territorios en el Oriente paraguayo. **Congreso Paraguayo de Población, 2 – Foro Regional de Población y Desarrollo, 1**. Asunción: Fondo de Población de las Naciones Unidas, 2007, p.141-150.

SOUZA, Aparecida Darc de. **Formação Econômica e Social de Foz do Iguaçu: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008)**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em História. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. A geografia da solidariedade. **GeoTextos**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 171-178, 2006.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 123-146, 2014.

STEIMAN, Rebeca; MACHADO, Lia Osório. Limites e fronteiras internacionais: uma discussão histórico-geográfica. **Terra Limitanea: Atlas da Fronteira Continental do Brasil**. Rio de Janeiro: Grupo RETIS/CNPq/UFRJ, 2002.

TELESCA, Ignacio. San Ignacio: Frontera y periferia en el Paraguay colonial. In: **El comienzo de una utopía – IV Centenario de la fundación de San Ignacio Guasú. Bartolomeu Melià, S.J (Org.)**. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”, 2010.

TELESUR (Televisión Del Sur). **Pachamama: La soja de la Ira**. 2014 (documentário). Disponível em: <<http://videos.telesurtv.net/video/405901/pachamama-405901>>. Acesso: 09/10/2016.

TELLES, Vera da Silva. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**/ tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A utilização dos agentes sociais nos estudos de geografia urbana: avanço ou recuo. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, p.75-96, 2014.

VÁZQUEZ, Fabricio. **Territorio y Población: nuevas dinámicas regionales en el Paraguay**. UNFPA, 2006.

_____. Estructura territorial de la Franja Este. **Congreso Paraguayo de Población, 2 – Foro Regional de Población y Desarrollo, 1**. Asunción: Fondo de Población de las Naciones Unidas, p.73-82, 2007.

_____. Ciudades intermedias y sustentabilidad urbana en Paraguay. **El Desafío del Desarrollo Sustentable en América Latina**. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, p.223-243, 2013.

VICTAL, Jane; SOUZA, Adelita Araujo de. A urbanização de fronteira e as relações latino-americanas: estudo de caso das Vilas de Itaipu. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.13, n.1, p. 75-89, maio de 2011.

VILADESAU, Tomás Paulau. Modificación de patrones migratorios y movilidad transfronteriza en el Paraguay. **Pasado y presente de la realidad social paraguaya: volumen VI - población, urbanización y migraciones**. (Colección 200 Paraguay bicentenario 1811-2011). 2. ed. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios sociológicos, 2011, p. 861-882.

ANEXOS

Figura 9 – Periódico paraguayo ABC COLOR de 18/11/2001 destacando que no Paraguai as economías das regiões de fronteira são mais ricas, centrais e desenvolvidas que as do interior do país (parte 1)

1005 de economía del Paraguay
Domingo, 18 de noviembre de 2001

abc

ECONÓMICO

Con la presencia de destacados profesionales nacionales y extranjeros, esta semana tendrá lugar en Asunción el Quinto Foro Económico Fecon 2001, organizado por el Centro de Análisis y Difusión de la Economía Paraguaya. El tema será "Economías regionales y descentralización". En el Paraguay se da el fenómeno de que las economías del "interior" son más pobres y periféricas, en tanto que las economías de "frontera" son más ricas y centrales. Este será uno de los grandes temas del foro.

Teniendo en cuenta el modelo económico paraguayo de las últimas dos décadas, dos tipos de economías regionales pueden ser distinguidas claramente, fuera de la consideración del Chaco paraguayo, que solamente comprende el 2,5% de la población total del país. El primer tipo comprende las regiones fronterizas, que en las últimas tres décadas han mostrado un dinamismo y crecimiento mayor que el resto del país, concomitantemente con un crecimiento poblacional significativo. El segundo tipo de economías regionales son aquellas del "interior" del país, con un desarrollo más endógeno y con muestras de estancamiento en las actividades de las economías regionales. El desafío de este modelo es doble: por un lado, se deberá trabajar a nivel nacional para la conexión de mercados y productores, a fin de crear un mercado doméstico real y no ineficientemente segmentado; por otro lado, se deberá trabajar a nivel departamental o regional, tanto para la conexión de mercados y productores locales como para la creación de un número significativo de encadenamientos productivos que vinculen a regiones particulares con el resto del país y con mercados externos, con el respaldo de una infraestructura comunicacional adecuada. En otras palabras, integrar el país y las regiones, mientras el país se integra al Mercosur y al mundo, a través de las particularidades productivas y comerciales de las regiones o departamentos.

PONENCIA

Fernando Masi presentará en el foro una ponencia que analiza este fenómeno e intenta responder la pregunta: ¿cuáles son los factores que explican esta disparidad de ingresos y cuál es la tendencia de largo plazo, hacia un mayor equilibrio o creciente desequilibrio en la distribución del ingreso regional en el Paraguay?

Sus conclusiones son las siguientes:

- 1) En los años 60 y 70, el Estado trató de implementar una política de polos de desarrollo regional en algunas regiones fronterizas. Desde entonces, el Estado abandonó su rol -poco exitoso por cierto- como interventor explícito en el desarrollo regional. Implícitamente, sin embargo, el Estado siguió ejecutando y administrando proyectos de gran alcance para las economías regionales, como las represas de Itaipú y Yacyretá, la Hidrovía y los Corredores Bioceánicos. Como el Estado sigue muy centralizado, pero la economía ha comenzado su proceso de descentralización, se puede concluir que la institucionalidad no corresponde a la realidad del mercado. Por ello, el Estado centralizado debería abandonar sus formas de intervención en las regiones y delegar más funciones a las mismas, especialmente a las organizaciones intermedias.
- 2) Desde los años 70 se viene gestando una diferenciación entre las regiones pobres del "interior" y las regiones más ricas de la "frontera". Las siete regiones más pobres, en orden de importancia del PIB p/cápita, tuvieron cada vez menor participación en la población total y en la población económicamente activa del país, mientras que las regiones de frontera crecieron a un ritmo muy significativo a lo largo de los años 70 y 80. Es decir, el empleo se trasladó del interior a la frontera. En el caso de permanencia de esta tendencia, solamente una proporción muy pequeña de la población seguirá residiendo en el interior en las próximas décadas, provocando la creación de bolsones de pobreza en las regiones de frontera. Aun así, hoy la economía paraguaya es más descentralizada que la de muchos países latinoamericanos.
- 3) El origen de la diferenciación regional entre interior y frontera es el comercio fronterizo. En 1972, las regiones del interior aún generaban el 51% del PIB agropecuario, pero solo representaban en 19% de la actividad comercial del país. En 1992, su actividad comercial ya solo constituía un 10% del total, mientras que las regiones de frontera tenían una estructura económica dominada por el comercio y las actividades agropecuarias orientadas a mercados globalizados. Una explicación teórica de este proceso de diferenciación, según el modelo centro-periferia de Krugman, reside en la importancia de los costos de transporte, especialmente en los mercados en integración. Pero, asimismo, el ejemplo contrapuesto es del departamento de Boquerón en el Chaco.
- 4) Muchos mercados locales en las regiones fronterizas se desarrollaron en base al contrabando entrante. Sucesivamente se adoptaron figuras comerciales, como la del distribuidor del otro lado fronterizo, el representante legal en Paraguay y la matriz multinacional instalada en el país. En parte, el contrabando continúa y muy pocas multinacionales han montado unidades productivas en el país. El mercado local de productos de consumo masivo continúa siendo dominado por proveedores argentinos, brasileños y chilenos. El contrabando saliente, muy difundido en algunos productos tradicionales y no tradicionales, ha compensado el fuerte déficit en la balanza comercial.



Figura 9 – (parte 2 - continuação)

vidades productivas y comerciales y una emigración creciente de su población. Todavía puede ser identificado un matiz diferente entre los dos tipos de economías regionales descriptos: aquellas regiones o departamentos del país que, aun siendo geográficamente de frontera, han mostrado un comportamiento más afín a las regiones del "interior". En el primer tipo de regiones se incluyen departamentos como Itapúa, Alto Paraná, Canindeyú, Amambay y Central más Asunción. Los departamentos de San Pedro, Caaguazú, Caazapá, Paraguari, Cordillera y Guairá se encuadrarían como regiones del "interior", mientras que los departamentos fronterizos de Concepción, Neembucú y Misiones presentan, asimismo, el comportamiento de regiones del "interior".

El dinamismo de las regiones de frontera se explica tanto por el curso que ha tomado el comercio fronterizo (especialmente de triangulación con el Brasil), como porque las mismas son las principales regiones de producción agrícola, las principales exportadoras de estos productos y, por lo tanto, con una vinculación importante a los mercados internacionales. En tanto las regiones del "interior" son igualmente agrícolas, pero más orientadas al consumo doméstico y con escasa actividad comercial.

Un nuevo modelo de desarrollo para el país basado en la construcción de ventajas competitivas deberá necesariamente tener en cuenta las particulari-

Programa de Fecon 2001

Fecon 2001 se iniciará este jueves 22 de noviembre, a las 19:30, en el edificio Fundación La Piedad (Ex Cruz Roja), Salón Triángulo, en Andrés Barbero y Artigas.

En la apertura hablarán Luis Lira e Ivan Finot (CEPAL-ILPES) sobre "La importancia de las regiones para el desarrollo y la competitividad de los países". El programa prosigue el viernes 23, de 8 a 9:15, con un primer panel sobre el "Desarrollo Regional y Descentralización: los casos de Chile y México", en cuya ocasión hablarán del caso chileno Gonzalo Falabella, de la Universidad del Bio-Bio, y Jorge Caro (Ministerio del Interior), mientras que el caso mexicano será desarrollado por Salvador Arriola, ex secretario general SELA.

De 9:15 a 10:30 se debatirá el tema relacionado con "Las regiones fronterizas en el Paraguay: Dinamismo versus estancamiento, dos regiones dinámicas: Itapúa y Amambay", con la participación de Ronaldo Dietze, de la Fecoprod y Julio Ramírez, de CADEP. Desde las 10:45 a las 12, se abordará el tema: "Dos regiones



La actividad comercial fue el motor de la generación de riqueza en las zonas fronterizas del país. En la foto, Ciudad del Este.

estancadas: Concepción y Neembucú", con la participación de Reinaldo Penner y Ramiro Domínguez, de CADEP.

Posteriormente, desde las 14 hasta las 15:30, se hablará de "El dinamismo de las regiones contiguas de Brasil y Argentina", a cargo de Celina Souza, de la Universidad Federal de Bahía, e Ido Michels, de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul. También estarán Miguel Angel Freaza, de la Universidad Nacional de Misiones, Argentina, y Marcio Schusmuller de Zicosur-Geicos.

El programa continúa de 15:45 a 18:30.

17:15 con una discusión sobre "Las regiones paraguayas del interior". El caso Paraguari-Cordillera que será abordado por Thomas Otter, de CADEP, y Francis Asibey, de REMA; mientras que el caso Caazapá estará a cargo de George Birbaumer, director del proyecto GTZ, y Henry Moriya, del proyecto GTZ.

De 17:15 a 18:30 se presentará el tema "Desarrollo sustentable y políticas de descentralización", con la participación de Mabel Causarano (REMA); el Ing. Roberto Salinas (AECI-STP), Víctor Jacinto Flecha (AID) y un representante de la Secretaría de la Reforma. La clausura correspondiente se desarrollará a las 18:30.

Fonte: CADEP (Centro de Análisis y Difusión de la Economía Paraguaya), 2016.

Figura 10 – Periódico paraguayo ABC COLOR de 5 de agosto de 2011, destaca a precarização e o alto índice de informalidade no mercado laboral do Paraguai

28 ■ abc ECONOMÍA Y NEGOCIOS Viernes 5 de agosto de 2011

CADEP LANZA LIBRO SOBRE COMPORTAMIENTO DEL EMPLEO E INGRESOS EN EL PARAGUAY

Precarización y alta informalidad caracterizan al mercado laboral

El Centro de Análisis y Difusión de la Economía Paraguaya (CADEP) presentó anoche el libro "Comportamiento del empleo e ingresos en el Paraguay. Análisis de una década". El mismo fue realizado en el marco de un proyecto regional financiado por la IDRC, canadiense.

El libro se trata de un análisis del mercado laboral paraguayo en un periodo de 10 años (1997-2008), según explicó Fernando Masi, quien dio apertura al acto de lanzamiento del material que contó con el financiamiento de la organización canadiense: International Development Research Center (IDRC).

Los hallazgos son insu- mos importantes para la toma de decisiones de políticas públicas relacionadas al mercado laboral, indicó Masi.

El material recoge tres estudios que analizan el mercado laboral, en cuanto al comportamiento de la oferta de trabajo, la demanda de trabajadores, principalmen- te, y el precio de la mano de obra, a través del análisis de indicadores relacionados al empleo, desempleo e ingresos de los trabajadores en un contexto de recesión (1997-2003) y reactivación económica (2003-2008). Para ello se utilizaron datos e informaciones procedentes de las Encuestas de Hogares de 1997 al 2008, explicó.

"La precarización y la alta informalidad que caracterizan a nuestro mercado laboral deben constituirse en desafíos para las autoridades, quienes deben trabajar en el fortalecimiento de las instituciones como el Ministerio de Justicia y Trabajo que se presenta débil en re- cursos y sin capacidad para delinear políticas públicas efectivas", sostuvo Cynthia González, una de las autoras del libro.

Por su parte, Julio Ramírez, quien investigó el trabajo e ingresos en el área rural, dijo que "en grandes líneas el proceso del cambio en el agro paraguayo desde hace algún tiempo ha sido fundamentalmente marcado por el deterioro de la agricultura familiar campesina y el fuerte impulso de la agricultura empresarial mecani- zada".

Sin embargo añadió que "el crecimiento económico en el sector rural ha beneficiado a una reducida cantidad de hogares rurales, siendo prácti- camente excluida del proceso de la agricultura familiar campesina. La situación de la misma no ha avanzado en cuanto a lograr mejores niveles de producción, ni en conseguir una mayor con- xión con el mercado, aspecto que no ha colaborado en mejorar los niveles de vida de los agricultores campesinos, considerando que gran parte de ellos se encuentran bajo la línea de pobreza o con bajos niveles de ingresos personales".

Por su parte, Verónica Seraffini, entre otras reflexio- nes, se mostró preocupada por el considerable índice de desocupación juvenil.



Fernando Masi, en el uso de la palabra; Verónica Seraffini, Cynthia González y Julio Ramírez, durante el lanzamiento del libro sobre empleo e ingresos en el Paraguay, anoche.

Fonte: CADEP (Centro de Análisis y Difusión de la Economía Paraguaya), 2016.

Figura 11 – Periódico de Foz do Iguaçu “NOSSO TEMPO” de 3 a 10 de dezembro de 1980, destacando os conflitos da migração brasileira para o Paraguai (parte 1)

NOSSO tempo Foz do Iguaçu, de 03 a 10 de Dezembro de 1980 6

Uns poucos estão bem, mas a maioria, muito mal. Os sofredores e os sofrimentos são muitos na região do Alto Paraná, a leste do Paraguai até a fronteira com o Brasil. Alguns dos colonizadores se frustraram porque não encontraram as terras que esperavam; outros porque depois de trabalhar vários anos numa chácara ficam sabendo que sua terra tem outro dono. Alguns sofrem porque já pagaram duas ou três vezes a terra e ainda não receberam o título de propriedade. Há famílias que têm medo do futuro de seus filhos porque não podem ir à escola. Muitos estão cansados de ver os preços de seus produtos aumentarem só depois que entregarem os mesmos aos compradores. Também estão cansados de buscar trabalho ou uma terra para arrendar e serem expulsos da terra pela mecanização da lavoura. Muitos sofrem perseguições, injustiças, abusos de autoridade. Há um acelerado processo de pauperização entre os camponeses do Departamento de Alto Paraná.

“Paraguaios e brasileiros sofrem por esses e outros problemas. Estamos vivendo juntos nesta região de tanta riqueza natural. Mas, realmente vivemos juntos? Compartilhamos nossas preocupações?”

Para responder a essas perguntas o “Comitê de Igrejas Para Ayudas de Emergência”, do Paraguai, promoveu um Seminário de estudos nos dias 24 a 26 de novembro último no Centro Diocesano de Puerto Presidente Stroessner.

Depois de quase dois anos de pesquisas, o “Comitê de Igrejas”, através de seu Departamento de Estudos, reuniu cerca de 50 pessoas, entre bispos, padres, pastores e agentes de pastoral leiga para discutir um relatório de 221 páginas e propor linhas de ação para fazer frente à gravíssima problemática dos camponeses da área. Atendendo a convite, participaram do Seminário o bispo de Foz do Iguaçu,

dom Olívio A. Fazza, e representantes da Comissão Pastoral da Terra e da Comissão Pontifícia de Justiça e Paz do Paraná.

O “Seminário sobre migração brasileira, força de trabalho, estrutura produtiva e orientações pastorais no Alto Paraná” ocupou os participantes durante 3 dias com a preocupação voltada para que “haja terra e trabalho para todos, onde o povo não esteja dividido entre paraguaios e brasileiros, católicos e evangélicos, grandes e pequenos produtores, mas um mundo onde exista verdadeira fraternidade, solidariedade e justiça”.

CONSTATAÇÕES E PROBLEMAS

A colonização do Departamento de Alto Paraná, no Paraguai, obedeceu a uma sistemática muito semelhante à ocorrida no estado do Paraná, especialmente no Oeste. E essa característica encontra uma razão simples: o fato de a fronteira do Paraguai com o Brasil ter sido colonizada nas duas últimas décadas por brasileiros em cerca de 90% da área. As estatísticas são claudicantes, mas cálculos dignos de crédito asseguram que existem perto de 400 mil famílias brasileiras nas colônias próximas à fronteira com o Brasil.

A ocupação da região obedeceu inicialmente a um projeto geopolítico do governo Stroessner, na década de 50. Essa colonização estatal objetivou o estabelecimento de populações na fronteira com o Brasil, de certa forma em resposta à rápida aproximação da colonização brasileira na fronteira paraguaia através do Oeste do Paraná.

Seria, entretanto, nas décadas de 60 e 70 o período de intensificação do povoamento no Alto Paraná, através da colonização privada, desenvolvida por empresas particulares e por iniciativas individuais. As duas formas, estatal e privada, expulsaram os responsáveis

DRAMA NO PARAGUAI

Brasileiros estão comendo o pão que o diabo amassou.

pela colonização espontânea - aquela em que as pessoas não vêem na terra um valor comercial ou de especulação, mas apenas uma fonte de subsistência, de trabalho, e não se sentem condicionadas a aspectos legais e burocráticos como títulos de propriedade, pagamento de impostos. Os colonizadores espontâneos sentem-se com direito à terra na medida em que a ocupam, nela trabalham e dela fazem um meio de vida.

Os migrantes, brasileiros ou paraguaios, estão afetados pelo mesmo tipo de problemas, embora com características às vezes diferentes. A arbitrariedade ocorre com todos os despossuídos, mas as autoridades tendem a aproveitar-se mais dos indefesos migrantes brasileiros. A maior quantidade de problemas está entre os colonizadores espontâneos.

Empresas ou colonos que apelaram para o crédito bancário frequentemente caíram nas malhas das hipotecas e perderam suas terras. Vendedores e colonizadores privados, no Brasil, vendem e cobram terras no Paraguai pelas quais eles mesmos não pagaram, não sendo proprietários.

A capacidade produtiva do camponês tende a deteriorar-se. A tendência é de os que estão em boa situação irem se constituindo em pequenas ou grandes empresas agropecuárias, e os que estão em má situação tendem a se converter em simples assalariados.

Isso se deve à modernização da agricultura, à adoção da monocultura, de exportação visando prioritariamente lucros mais que alimentação e fontes de renda para o povo. São distorções aprofundadas gravemente no Brasil, agora exportadas para o Paraguai. É uma agricultura a serviço do grande capital internacional que especula e lucra em cima da progressiva pauperização dos agricultores.

Esses fatores somam-se a rápida super-valorização das terras, inacessíveis às pessoas de baixa renda, e, momentaneamente, as expropriações de 165 mil hectares de terra pela Itaipu Binacional, só no lado paraguaio.

As indenizações da Itaipu são particularmente injustas, constituindo-se numa causa decisiva para o abandono da terra pelo agricultor.

Por tudo isso, boa parte dos migrantes brasileiros estão retornando ao Brasil, piorando sua situação, pois são os mais pobres que voltam. Aliás, eles voltam precisamente porque são pobres e não encontraram solução para seus problemas no Paraguai. Apenas os agravaram. Voltam por frustrações de safras, sonegação de pagamento dos produtos pelas firmas compradoras, problemas com a titulação da terra, perseguição policial que prende com o único objetivo de tomar dinheiro do devedor, vencimento dos contratos de arrendamento, etc. A ineficácia e a corrupção da justiça paraguaia é total. De outro lado, a inexistência ou precariedade de obras de infra-estrutura, a falta de escolas, hospitais, estradas péssimas, isolamento, falta de comunicações em grandes distâncias muito grandes o alto custo de vida, determinam uma nova migração. Há também os que não voltam, apesar de tudo isso, mas se embrenham Paraguai adentro, certamente ao encontro de novas e mais graves frustrações.

mas a que existe entre os que dominam e os dominados. Só secundariamente a integração consiste em aprender a cultura alheia, à escolarização, a filiação política.

A integração só pode ser concebida sobre bases sólidas quando se fundamenta em interesses e valores comuns como a dignidade humana, a solidariedade* e o sentido de justiça. Não é tanto um problema individual, mas coletivo. “Por trás dos problemas coletivos, porém, existem estruturas inumanas de organização social que impedem para a exploração e dominação” - afirma o documento final aprovado no Seminário.

A exploração é a dominação constituem o maior conflito, que se reflete em sua maior gravidade na forma de ocupação da terra. O caos fundiário que gerou tantos conflitos no Oeste do Paraná repete-se no Paraguai com requintes de maldade. O caos parece proposital, na medida em que ele abre todos os caminhos para os exploradores devastarem os humildes e fracos economicamente, ou divorciados da política do regime de Stroessner.

A dominação é exercida por um grupo de migrantes e capitalistas urbanos do Brasil, que controlam desde seus escritórios em seu país empreendimentos no Paraguai; a social e política é comandada por um setor da população paraguaia, principalmente autoridades.

Diversos fatores dificultam a integração, salientando-se uma atitude sectária de certos grupos religiosos, a forte predominância de brasileiros em algumas colônias, as imagens que os paraguaios têm dos brasileiros, prejuízos e, inversamente, a que os brasileiros têm dos paraguaios como consequência da fraude a que estão submetidos frequentemente, a estafa e a desconfiança generalizada.

Dificultam a integração também o idioma - trilinguismo (português, Espanhol e Guarani) - a insuficiência, inexistência e ineficácia do sistema educativo, assim como o atraso paraguaio

A FRONTEIRA NÃO É O RIO

Existe a natural dificuldade de integração social entre povos de diferentes países, decorrentes das diferenças raciais e culturais (costumes, idiomas, comportamento...), legais e de diferentes mecanismos econômicos e políticos.

Mas, de fato, não são bem essas diferenças que determinam prioritariamente o mal-estar dos brasileiros no Paraguai. Não fosse assim, seria de esperar que os paraguaios não enfrentassem os mesmos problemas - o que não é verdade. Desse modo, a fronteira real entre esses povos não é o rio Para-



Figura 11 – (parte 2 – continuação)

7

Foz do Iguaçu,
de 03 a 10 de Dezembro de 1980Nosso
tempo*** Crianças não podem ir à escola.**

nos meios de comunicação. A Igreja, por sua vez, não logrou ser eficaz em seu intento por estabelecer uma comunicação interpessoal com grandes setores da população migrante.

As migrações destroem os laços familiares originais, assim como os de solidariedade que caracteriza a população campesina. Em meio a tanta dificuldades o colono é levado a assumir um comportamento social que vê nos outros inimigos reais ou potenciais. Isola-se e resiste deliberadamente à integração. Somente experiências comunitárias iniciadas com a conscientização, união e solidariedade em torno de programas coletivos poderão desmanchar essa posição de confronto mais que de cooperação.

O Estado, por sua vez, praticamente nada faz para atender às necessidades do migrante, tanto no Brasil como no Paraguai. E um ressentimento histórico proveniente da Guerra da Triplice Aliança também tem seu peso nos entraves à integração.

A colonização do Leste paraguaio por brasileiros tem fortes indícios de que tem sido atraída deliberadamente pelo governo daquele país, difundindo-se até mesmo uma avaliação de capacidades, segundo a qual os brasileiros têm mais experiência, mais disposição para o trabalho e, principalmente, mais recursos, o que não deixa de ser verdade. Por esses motivos, as empresas que venderam e vendem terras às vezes simplesmente negam-se a negociar com paraguaios, preferindo vender exclusivamente a brasileiros, podendo cobrar um preço muito mais elevado. Mais: a situação legal dos brasileiros migrantes é quase sempre precária, e isso dá ampla margem de manobra, como a que conduziu o migrante a pagar duas ou mais vezes pela terra.

Se a mão do governo paraguaio aparece no processo, o mesmo não acontece da parte do brasileiro - irresponsavelmente omissos na questão por mais que saiba dos problemas enfrentados pelos seus compatriotas no país vizinho. A Embaixada brasileira em Assunção é um modelo perfeito dessa omissão. Os migrantes que a procuram em busca de socorro batem invariavelmente numa porta fechada e surda. O mesmo acontece com o Consulado brasileiro de Ciudad Presidente Stroessner. Acontece que os dois governos estão enfiados dos pés à cabeça em projetos de cooperação, altamente suspeitos e discutíveis, dos quais Itaipu é o grande exemplo. Desse modo, a desenvoltura para exigências da parte da diplomacia brasileira se reduz a nada. Busca-se de todas as maneiras evitar o menor arranhão nas relações a nível governamental, enquanto o povo sofre sem ter a quem recorrer.

SÓ A IGREJA É CONFIÁVEL

É nítida a desproteção em que se encontram os migrantes brasileiros no Paraguai. A Justiça paraguaia, quando não é inoperante, é escandalosamente corrupta. Advogados confiáveis são tão raros quanto um administrador ou um político competente. Órgãos de classe são impensáveis. Sindicatos inexistem, cooperativas, se existem, não passam de outro embuste para o colono. A experiência das Ligas Agrárias foi tristemente dolorosa: provocaram mais chacinadas e prisões que soluções. Foram desmontadas a preço de sangue.

*** Pagam a terra e não recebem o título**

público número um do regime. Não existe independência para dar passos significativos. Resta uma esperança: a Igreja, ou as diversas igrejas.

São padres e pastores as pessoas em contato permanente com os colonos. A aceitação popular das igrejas é sensível. É bem verdade que a Igreja católica - por ser a mais importante - não tem os brios e a organicidade da brasileira.

A Conferência Episcopal Paraguaia muito pouco se compara às posições da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. E os padres se ressentem de um conservadorismo e de um comodismo conivente com o regime da parte das autoridades eclesiais.

Mesmo assim, as igrejas do Departamento de Alto Paraná, particularmente acionadas pelo "Comitê de Igrejas", elaboraram uma linha de atuação corajosa e prática. "É necessário chegar a uma pastoral profunda que aponte para as causas dos problemas e que não se fique tratando de paliativos para seus efeitos. Há que se apontar para as causas que produzem a pauperização, a concentração da riqueza", diz o relatório final do encontro.

Os padres e pastores - muitos deles estrangeiros - definiram uma linha efetivamente ecumênica, que deverá inclusive conduzir a uma maior coordenação com as instituições do Brasil.

Viram eles a estimular a organização dos migrantes campesinos; desenvolver um processo de conscientização através do trabalho nas bases; criar uma maior presença institucional das igrejas; destinar mais recursos para a área; criar uma maior presença institucional das igrejas; continuar brindando a assistência jurídica do "Comitê de Igrejas"; fazer ampla campanha para a

legalização da terra; incentivar o agricultor a auto-abastecer-se mediante a diversificação da produção; constituir pequenos grupos em cada localidade para recolher e canalizar problemas coletivos; ventilar publicamente com mais insistência os problemas das terras; realizar um trabalho de ordenação da volta ao Brasil de muitos migrantes que querem fazê-lo, evitar o assistencialismo e o paternalismo.

Propôs-se também "uma atitude de humildade da parte das igrejas institucionais para que - à luz da realidade da região - questionem suas estruturas sua liturgia, sua catequese, sua mensagem e sua própria prática" - enfatiza o relatório. "O problema da terra é passageiro. É preciso fazer um trabalho que tenha continuidade".

Reclamam ainda o apoio dos bispos para essa linha pastoral, porque a condição para a validade do trabalho "é o respeito e fidelidade à causa da justiça que está em jogo" - disseram.

Por fim, definiram as atividades mais imediatas e práticas. Foi criada uma Comissão de 4 pessoas encarregada da coordenação do trabalho e sua planificação. Sentiu-se a necessidade de ampliar a equipe do "Comitê de Igrejas" do Porto Franco, fazer um esforço para captar líderes entre os colonos e editar um boletim informativo para o povo.

Os representantes da Igreja brasileira, através de Dom Olívio Fazza, bispo de Foz do Iguaçu, propôs-se a levar à CNBB a problemática do Paraguai e esta linha pastoral para despertar a solidariedade e convocar uma reunião dos bispos da região (Paraguai, Brasil e Argentina) em Assunção, em meados do próximo ano.

A Comissão de Justiça e Paz e a Comissão Pastoral da Terra manifesta-

*** Perseguição, injustiça, abuso de autoridade.***** A polícia prende para tomar dinheiro.***** Ressentimento histórico da guerra**

ram-se pela promoção de uma integração e uma troca de experiências com o "Comitê de Igrejas". Solicitaram mais uma compilação de casos concretos das injustiças e problemas dos brasileiros no Paraguai, historiados com o máximo rigor para fazê-los chegar ao Itamarati através de uma audiência a ser gerenciada junto ao ministro das Relações Exteriores do Brasil. O mesmo material seria utilizado para divulgação de denúncias pela imprensa brasileira.

O prazo para um novo Seminário de avaliação e revisão do plano e sua execução foi marcado para daqui a no máximo 6 meses.

Enquanto temem o tratamento que o regime pode dar ao seu trabalho, os padres e pastores entregues à balburdia dos migrantes brasileiros no Paraguai esperam criar uma força de transformação na triste situação dos colonizadores do Departamento do Alto Paraná no Paraguai.